

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA

ESPECIALIDADE: TEORIA CRÍTICA E COMPARATISMO

RICHARD JESKE WAGNER

**AS FAMÍLIAS WOLFF/WOLF EM OBRAS DE VIANNA MOOG, CHARLES  
KIEFER E LYA LUFT**

PORTO ALEGRE

2016

RICHARD JESKE WAGNER

**AS FAMÍLIAS WOLFF/WOLF EM OBRAS DE VIANNA MOOG, CHARLES  
KIEFER E LYA LUFT**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Roberto Neumann

Linha de Pesquisa: Literatura Comparada

Porto Alegre

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Jeske Wagner, Richard  
AS FAMÍLIAS WOLFF/WOLF EM OBRAS DE VIANNA MOOG,  
CHARLES KIEFER E LYA LUFT / Richard Jeske Wagner. --  
2016.  
101 f.

Orientador: Gerson Roberto Neumann.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de  
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. literatura comparada. 2. família. 3.  
germanidade. 4. símbolos. 5. identidade. I. Neumann,  
Gerson Roberto, orient. II. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiro a minha família. Sem todo o apoio que recebi não poderia ter sequer iniciado esse processo de mudança para Porto Alegre e o mestrado em si mesmo.

Quero agradecer muito a minha namorada Franciele, que sempre me ajudou e me incentivou muito nesse processo, sempre me mostrando o amor e a felicidade.

Quero agradecer aos professores, tanto da graduação, quanto da pós-graduação que me inspiraram para seguir sempre adiante. Não citarei nomes, pois posso esquecer alguns, mas quem se lembrar de mim com certeza pode se sentir agradecido.

Aos meus colegas que estavam sempre presentes para debater assuntos acadêmicos.

Aos meus amigos, que sempre estavam presentes para conversar, me divertir, e rirem das minhas piadas horrorosas.

Ao meu orientador Gerson, que me acompanha nesse processo há muito [...] muito tempo, e sempre me passa calma, iluminando meu caminho e me ajudando sempre.

*Der Vogel kämpft sich aus dem Ei. Das Ei ist die Welt.  
Wer geboren werden Will, muss eine Welt zerstören.  
(Herrman Hesse)*

A ave quer sair do ovo. O ovo é o mundo. Quem quiser  
nacer, precisa destruir um mundo. (tradução nossa)

## RESUMO

A presente dissertação é um diálogo com os estudos e as pesquisas que se ocupam com a construção da representação simbólica da família Wolff/Wolf em três obras distintas, de autores da literatura brasileira: *Um Rio Imita o Reno* (1938) de Vianna Moog, *A Asa Esquerda do Anjo* (1981) de Lya Luft e *Valsa para Bruno Stein* (1986) de Charles Kiefer. Desta maneira, nosso objetivo geral é analisar como se dá o relacionamento intertextual entre as famílias presentes nos textos, as quais possuem o mesmo sobrenome de origem alemã Wolff/Wolf. Sendo assim, analisaremos não apenas o sobrenome dessas famílias, mas também as questões inerentes aos textos literários, como símbolos e estrutura familiar, pois com as personagens dessas obras podemos analisar e indagar o contato dessas famílias de origem alemã com a cultura brasileira, resultando, desse modo, em uma hibridização de sua cultura, com a perda de elementos culturais alemães, assimilando, portanto, novos aspectos oriundos da cultura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Lobo, símbolos, família, cultura.

## ZUSAMMENFASSUNG

Das Ziel dieser Arbeit ist, drei verschiedene Werke von drei unterschiedlichen Autoren der brasilianischen Literatur zu analysieren: *Um Rio Imita o Reno* (1938) von Vianna Moog, *A Asa Esquerda do Anjo* (1981) von Lya Luft und *Valsa para Bruno Stein* (1986) von Charles Kiefer. Die intertextuelle Beziehung existiert wegen der Familien, die einen gleichen deutschen Familiennamen haben, „Wolf“. Es werden nicht nur die Familiennamen analysiert, als auch inhärente Themen der literarischen Texte, wie: Symbole, Familienstruktur, und ihren Kontakt mit der brasilianischen Kultur, wodurch sich eine Hybridisierung ihrer Kultur kristallisiert, die wegen des Verlustes ihrer deutschen kulturellen Elemente stattfindet. Dadurch entstehen neue Aspekte in dieser hybriden Kultur.

SCHLÜSSELWÖRTER: Wolf, Symbole, Familie, Kultur.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1.1 UM RIO IMITA O RENO - VIANNA MOOG (1938).....</b>	<b>17</b>
<b>1.2 A ASA ESQUERDA DO ANJO - LYA LUFT (1981) .....</b>	<b>20</b>
<b>1.3 VALSA PARA BRUNO STEIN - CHARLES KIEFER (1986) .....</b>	<b>22</b>
<b>2. AS FAMÍLIAS ALEMÃS NO MULTICULTURAL BRASIL .....</b>	<b>24</b>
<b>2.1 SÍMBOLOS COMO MARCADORES DA PRESENÇA E FUTUROS PILARES DO HIBRIDISMO CULTURAL NO BRASIL .....</b>	<b>36</b>
<b>2.1.1 O LOBO.....</b>	<b>38</b>
<b>2.1.2 ARQUITETURA: .....</b>	<b>40</b>
<b>2.1.3 LIVROS:.....</b>	<b>41</b>
<b>2.1.4 LÍNGUA .....</b>	<b>43</b>
<b>3 UM ESTUDO EM TORNO DA FORMAÇÃO DA FAMÍLIA WOLF NA LITERATURA BRASILEIRA.....</b>	<b>45</b>
<b>3.1 A ESTRUTURA FAMILIAR NO CONTEXTO DE IMIGRAÇÃO.....</b>	<b>45</b>
<b>3.2 ESTRUTURAS SOCIOECONÔMICAS .....</b>	<b>53</b>
<b>3.3 SIMBOLOGIA NA PRESERVAÇÃO CULTURAL .....</b>	<b>60</b>
<b>4 AS FAMÍLIAS WOLF/WOLFF EM DIÁLOGO .....</b>	<b>68</b>
<b>4.1 O SOBRENOME .....</b>	<b>68</b>
<b>4.2 A ESTRUTURA FAMILIAR.....</b>	<b>69</b>
<b>4.3 A OPRESSÃO NO MEIO FAMILIAR.....</b>	<b>70</b>
<b>4.4 A IMPORTÂNCIA DAS ORIGENS .....</b>	<b>72</b>
<b>4.5 A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA .....</b>	<b>74</b>
<b>4.6 AS CIDADES COMO CENÁRIO .....</b>	<b>77</b>
<b>4.7 O LAR E O ÍNTIMO .....</b>	<b>79</b>
<b>4.8 A QUESTÃO SANGUÍNEA.....</b>	<b>82</b>
<b>4.9 A QUESTÃO SOCIOECONÔMICA .....</b>	<b>86</b>
<b>4.10 O LOBO SAI AOS POUÇOS DE SUA ALCATEIA .....</b>	<b>89</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>91</b>
<b>6. BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>95</b>



## Introdução

A migração é um tema que perpassa séculos, acompanhando a humanidade por estar vinculada a ela. Pode-se ver a expulsão de Adão e Eva do paraíso como a primeira migração, registrada nos textos bíblicos.<sup>1</sup> Desde os tempos mais remotos da história, quando os povos ainda eram nômades, até o processo migratório atual que ocorre em diversas partes do mundo. Após o período das grandes navegações, mais precisamente no período da colonização das Américas, África e Ásia, o tema ganhou importância, em especial nas Américas, pois nesse continente se formara um grande pilar da civilização ocidental a partir das migrações mais recentes.

As Américas foram colonizadas à custa da dizimação dos povos indígenas, sendo assim organizada a partir da perspectiva dos europeus, moldando o continente ao seu modo de vida e ao então conceito de civilização. A partir de então, e a partir do momento em que a América estava apta a receber imigrantes, e com as dificuldades financeiras vividas na Europa, iniciou-se uma migração em massa, principalmente no século XIX. Entre os diversos povos europeus e não europeus que colonizaram e hoje habitam as Américas, podemos citar os alemães, objeto da pesquisa, analisando a influência de sua presença nos locais em que se estabeleceram.

O processo migratório ainda hoje é recorrente – e atualmente com forte movimento para a Europa – e geralmente ocorre por problemas socioeconômicos ou por questões políticas. Atualmente há ainda um constante debate sobre políticas migratórias e os impactos que elas podem causar nos países que recebem tanto migrantes por questões socioeconômicas, quanto exilados políticos. Podemos citar, por exemplo, entre os países que recebem imigrantes, o Brasil<sup>2</sup>, Estados Unidos da América<sup>3</sup>, que desde seu “descobrimento” recebem imigrantes, e a Alemanha<sup>4</sup>, que é destino de emigrantes e refugiados políticos vindos de países pobres da América, África e Ásia. Nestes países

---

<sup>1</sup> Vide ETTE, Ottmar, *Konvivenz. Literatur und Leben nach dem Paradies*. Berlin: Kadmos, 2012, p. 9

<sup>2</sup> Projeto Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral. In: *INSTITUTO DE MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS*. Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos, 2014. Disponível em <<http://www.migrante.org.br/index.php/migracao-haitiana2/252-projeto-estudos-sobre-a-migracao-haitiana-ao-brasil-e-dialogo-bilateral>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

<sup>3</sup> Trump [candidato à presidência estadunidense, radicalmente contrário à entrada de novos imigrantes no seu país] diz que deportará todos os imigrantes ilegais dos EUA, se eleito. In: *G1-GLOBO*. Rio de Janeiro: Globo.com, 2015. Disponível em <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/08/trump-diz-que-deportara-todos-os-imigrantes-ilegais-dos-eua-se-eleito.html>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

<sup>4</sup> ASYLPOLITIK IN STICHPUNKT. In: *DEUTSCHE WELLE*. Bonn: Deutsche Welle, 2014. Disponível em <<http://www.dw.de/asylpolitik-in-stichpunkten/a-18040458>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

[Brasil, Estados Unidos e Alemanha] há recentes discussões sobre imigrantes, sendo que os dois primeiros citados são habitados em 99%<sup>5</sup> por descendentes de imigrantes, havendo um considerável índice de rejeição<sup>6</sup> por novos imigrantes.

O Brasil foi inicialmente “achado” e colonizado por portugueses, e se estabeleceu como país, no regime de monarquia, em 1822, iniciando o processo de colonização da metade Sul do país em meados da década de 1820 com a chegada de imigrantes alemães, os quais contaram com a intermediação política da Imperatriz Leopoldina, arquiduquesa da Áustria. Primeiramente, os imigrantes chegaram à região Sudeste e posteriormente à região Sul; depois se estabeleceram os imigrantes italianos, em 1870, os japoneses em 1908 e outras inúmeras nacionalidades imigram no Brasil até os dias atuais, mas em menor fluxo, se compararmos com o montante total da população<sup>7</sup>. Esse processo de colonização, o qual se deu principalmente por alemães e italianos, teve, além do papel de desbravar terras silvestres e quase inexploradas, uma considerável contribuição para a formação da cultura brasileira ao longo dos anos.

\* \* \*

No Sul do Brasil, a migração mais relevante, em termos quantitativos, juntamente com a portuguesa e italiana é a alemã<sup>8</sup>. A colonização alemã no sul do país foi responsável pela formação e desenvolvimento de inúmeras cidades. Devido à tardia industrialização da Alemanha, em comparação com outros países da Europa, a maioria dos imigrantes eram agricultores ou artesãos. Alguns colonos agricultores, como por exemplo, Johannes Heinrich Kaspar Gerdau<sup>9</sup>, tornaram-se empresários ao longo dos

---

<sup>5</sup> A nova composição racial brasileira segundo o Censo 2010. In: *Determinantes Sociais da Saúde*. 2012. Disponível em <<http://dssbr.org/site/2012/01/a-nova-composicao-racial-brasileira-segundo-o-censo-2010/>> Acesso em 13 jan. 2016

<sup>6</sup> Curitiba tem restrições a imigrantes. In: *Gazeta do Povo*. 2014. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/curitiba-tem-restricoes-a-imigrantes-ef5y39we97iy7bmkexrwkz0we>> Acesso em 13 jan. 2016

<sup>7</sup> Número de imigrantes cresceu 86,7% em dez anos no Brasil, diz IBGE. In G1-Globo. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/04/numero-de-imigrantes-cresceu-867-em-dez-anos-no-brasil-diz-ibge.html>> Acesso em 14 mar. 2016

<sup>8</sup> A IMIGRAÇÃO EUROPÉIA NO SÉCULO PASSADO: O PROGRAMA DE COLONIZAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL. In: *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Barcelona, 2001. Disponível em <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-94-10.htm>> Acesso em 13 jan. 2016

<sup>9</sup> João Gerdau colaborou com a formação inicial do Grupo Gerdau, empresa que vale atualmente cerca de R\$20 bi.

anos. Esses imigrantes foram pioneiros em determinadas regiões, levando determinadas localidades à condição de cidade.

Cidades como Santa Cruz do Sul, São Leopoldo, Blumenau, Três de Maio foram colonizadas majoritariamente por imigrantes alemães, sendo assim municípios com grande influência da cultura germânica em sua sociedade. Cidades como São Lourenço do Sul, Canguçu e Pelotas, foram colonizadas também por alemães e pomeranos<sup>10</sup>, mas se estabeleceram majoritariamente na zona rural desses municípios. Em ambos os casos, principalmente nas zonas rurais, os imigrantes alemães passaram a viver em “ilhas de convívio”, devido ao seu distanciamento de outros centros. Tanto na zona urbana, quanto na zona rural, a dificuldade de acesso a determinados locais os manteve isolados, preservando, assim, uma atmosfera sociocultural semelhante ao da do velho continente em seus respectivos meios, criando-se, desse modo, um meio de diferença cultural muito diverso em relação ao de outras cidades e localidades mais antigas em comparação aos locais já explorados previamente pelos luso-brasileiros.

A colonização alemã contribuiu gradativamente no desenvolvimento de cidades do sul do Brasil, urbanizando e criando postos de trabalho. Nesse movimento alguns trabalhadores ficaram ricos<sup>11</sup> com o seu pioneirismo, enquanto outros não tiveram a mesma sorte e acabaram pobres, ou perdendo novamente suas terras<sup>12</sup>. Dessa premissa surgem personagens importantes no *corpus* desse trabalho. Industriais ricos e agricultores quase falidos aparecem tanto na vida real quanto na ficção. A fortuna feita, que não poderia ser alcançada no velho continente, e a perda constante merecem ainda atenção e análise, pois são partes importantes das sociedades das obras desse *corpus*.

\* \* \*

---

<sup>10</sup> Os pomeranos: um povo sem Estado finca suas raízes no Brasil. In: Midiacida.org. Disponível em <<http://midiacidada.org/os-pomeranos-um-povo-sem-estado-finca-suas-raizes-no-brasil/>> Acesso em 10 jan. 2016

<sup>11</sup> Quem vai suceder Jorge Gerdau? In: *Revista Exame*: 2006. Disponível em <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/863/noticias/quem-vai-suceder-este-homem-m0081031>>. Acesso em 10 jan. 2016.

<sup>12</sup> NEUMANN, Gerson Roberto. PERDER A TERRA, PERDER TUDO. O SENTIMENTO DE PERDA CONSTANTE NA OBRA QUEM FAZ GEMER A TERRA, DE CHARLES KIEFER. In: *Literatura e Autoritarismo (UFSM)*, v. 10, p. 70-95, 2012.

Atualmente está em pauta no congresso brasileiro<sup>13</sup>, como também é discutido em congressos de outros países<sup>14</sup> o conceito de família. Esse conceito é debatido e analisado, visto que o papel da família na sociedade tem importância crucial, pois a família carrega uma gama de características que refletem a sociedade em que vivemos, determinando, desse modo, o comportamento de seus membros. Assim, ao analisarmos esse cenário, podemos compreender o comportamento social e familiar transmitido de geração para geração, da mesma forma que nos auxilia a perceber como as mudanças sociais ao longo dos anos influenciam não apenas no significado do conceito de família, mas, principalmente em como elas se organizam e se retratam.

No passado, retratar a família também era pauta da literatura e de outras artes. Em seu trabalho “História Social da Criança e da Família”, Philippe Ariès relata em seu texto como os pintores retratavam a família, ao descrever a história de um casamento: “Outubro: a refeição em família. Os pais e as crianças estão sentados à mesa. A criança menor está sentada numa cadeira alta. [...]” (ARIÈS, 1981, p. 136). A obra *Le Grand Propriétaire de toutes choses*<sup>15</sup>, descrita na obra de Ariès apenas relata o quanto antiga é a preocupação da arte em retratar o meio familiar.

Nesse sentido, ao pensarmos a colonização alemã no Brasil, a qual foi baseada principalmente na vinda de famílias para o Brasil, mantendo assim a estrutura de família, um conjunto razoavelmente grande de pessoas unidas por laços sanguíneos. Isso se deve essencialmente, porque os contratos de imigração de fato exigiam que um determinado grupo de pessoas viajasse junto com o objetivo de manterem esse grupo social unido. Desta forma, houve uma fortificação da instituição família.

As obras literárias desse *corpus* tratam de problemas familiares. Ainda que eles não sejam a pauta principal em todos os livros, elas podem ser usadas como ponto central nessas discussões. Nos romances, o foco está nas questões sociais e familiares, apresentando símbolos germânicos preservados por estas famílias no meio brasileiro.

Através das relações familiares mantem-se um relacionamento natural e quase obrigatório entre os membros destas. Não há, geralmente, possibilidades de fuga de uma

---

<sup>13</sup> O que é o Estatuto da Família? In: *Carta Capital*, 2015. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-que-e-o-estatuto-da-familia-6160.html>> Acesso em 10 jan. 2016.

<sup>14</sup> Was ist Familie? Eine Frage von hoher gesellschaftspolitischer Relevanz. In: *Bundeszentrale für politische Bildung*: 2012. Disponível em <<http://www.bpb.de/politik/grundfragen/deutsche-verhaeltnisse-eine-sozialkunde/138023/was-ist-familie>> Acesso em 10 de jan. 2016.

<sup>15</sup> *Le grand propriétaire de toutes choses*. Obra de Bartolomeu Anglicus. 1556.

família. Esse fator é constante e também é um catalizador dos problemas e das demais situações vividas pelos personagens. Uma vez que as obras, por necessidade, passam pelos olhos da família, acaba sendo inevitável o julgamento da família por qualquer ação de um indivíduo. Sendo assim, as obras analisadas requerem uma atenção específica ao que tange o espectro familiar, discorrendo sobre sua importância.

\* \* \*

Um povo é formado por elementos que formam sua cultura, tais como a língua, costumes e símbolos, e esses aspectos moldam e mantêm a identidade deste. Ainda que a tradição não seja imutável, como afirma Hobsbawn<sup>16</sup>, esses símbolos e tradições permanecem vivos dentro de uma cultura mesmo após uma grande jornada<sup>17</sup>. A cultura preservada, mas que aos poucos pode se transformar, é uma maneira de tentar manter essa identidade, que naquele momento já é anacrônico à sua época.

Na época do Terceiro Reich, o governo alemão resgatou os símbolos germânicos já esquecidos e os transformou em símbolos nacionais, como afirma Dumézil no texto de Ginzburg:

O terceiro Reich não teve que criar seus mitos fundamentais: pelo contrário, foi talvez a mitologia germânica, ressuscitada no século XIX, que deu sua forma, seu espírito, suas instituições a uma Alemanha que se tornava magnificamente maleável devido a desgraças sem precedentes; foi talvez por ter antes sofrido em trincheiras assombradas pelo fantasma de Siegfried que Adolf Hitler pôde conceber, forjar, exercer uma Soberania tal que nenhum chefe germânico conheceu desde o reinado do fabuloso Odin. A propaganda “neopagã” na nova Alemanha é com certeza um fenômeno interessante (DUMÉZIL, apud. GINZBURG, 1986, p. 185).

O processo de resgate aumentou a autoestima do povo alemão, consolidou os símbolos nacionais e forjou uma nova identidade ao povo.

Caso semelhante aconteceu em Blumenau-SC, cidade colonizada majoritariamente por alemães a partir de meados de 1850. Após uma forte enchente no ano de 1983, a cidade promoveu no ano seguinte a primeira Oktoberfest<sup>18</sup> em continente americano, a fim de arrecadar fundos para a reconstrução da cidade. Essa festa, apesar

---

<sup>16</sup> HOBBSBAWN, Eric, Ítalo. *A tradição inventada*. Cia das Letras. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. (p. 10)

<sup>17</sup> Moradores de Pariqueira preservam cultura alemã e apostam na seleção. IN: *Globo.com*. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/06/moradores-de-pariqueira-preservam-cultura-alema-e-apostam-na-selecao.html>> Acesso em 17 jan. 2016

<sup>18</sup> A Oktoberfest é um festival bávaro de cerveja em Munique, criado pelo rei da Baviera Ludwig I para celebrar o seu casamento em 1810. Acontece desde então, anualmente, e atrai milhões de turistas.

de ser uma tradição inventada<sup>19</sup>, visto que foi vendida como tradição dos antepassados, moradores da cidade, oriundos da Alemanha, e apesar da artificialidade, pois são raros os imigrantes vindos da Bavária, local de origem da festa, esse símbolo da cultura alemã ajudou a moldar a identidade de uma cidade que atualmente é conhecida por sediar a maior Oktoberfest fora da Europa<sup>20</sup>.

A partir desses dois casos, podemos relacionar e compreender a importância dos símbolos em uma sociedade. As famílias Wolf das obras literárias, *corpus* nesta análise, muniram-se de símbolos germânicos para manter sua identidade, ainda que ela possa se perder aos poucos por diversos motivos. Deveremos pensar se essa manutenção de identidade é proposital, e para quais objetivos reais eles são mantidos ou já definitivamente perdidos ao longo dos tempos.

\* \* \*

O estudo da presença teuto-brasileira no Brasil na literatura, em especial no Sul do Brasil, é realizado de maneira constante. Dessa forma é importante citar os trabalhos de Schreiner (1996), Aquino (2007) e Mombach (2008). Schreiner busca analisar em sua dissertação de mestrado a representação do teuto-brasileiro no romance da década de 1930 e 1940. Já Aquino faz uma análise com uma temporalidade maior, tratando da temática da representação do teuto-brasileiro, entre outros, nas obras “A divina pastora” publicada em 1847 e *A ferro e fogo* (o autor pretendia escrever uma trilogia, mas acabou por publicar dois volumes publicados entre 1972 e 1975). Mombach faz uma análise de dois livros do nosso *corpus*, Luft (1981) e Kiefer (1986). Já Neumann (2012) faz uma análise socioeconômica dos colonos descendentes de alemães que viriam a perder a terra na obra *Quem faz a terra gemer*, de Kiefer. Ainda que esses estudos forneçam um amplo panorama da cultura e ao comportamento do teuto-brasileiro na literatura, eles não compreendem toda a temática da estrutura familiar presente na literatura que traz como tema a presença de imigrantes.

---

<sup>19</sup> WOLFF; FLORES. A Oktoberfest de Blumenau: turismo e identidade étnica na invenção de uma tradição. IN: SEYFERTH, Giralda. *Os Alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história*. Canoas: Editora da Ulbra, 1994

<sup>20</sup> A MAIOR FESTA ALEMÃ BRASILEIRA. In: *Oktoberfest Blumenau*. 2015. Disponível em: <<http://www.oktoberfestblumenau.com.br/oktoberfest/historia>> Acesso em 14 jan. 2016

O estudo das relações familiares é tema de pesquisa de estudiosos e se mantém atual. Cunha<sup>21</sup> (2012) em estudo sobre a coleção “Amores Expressos” da editora Cia das Letras, afirma que a questão familiar, a partir de sua reformulação é um tema recorrente na literatura, em especial na coleção mencionada acima. Já fora do Brasil e em uma época anterior, Vavra<sup>22</sup> (1993) faz uma análise sobre a família na literatura austríaca no século XIX e XVII, e Scheuer e von der Heyde<sup>23</sup> compilam textos sobre a família na literatura alemã e estrangeira, em obras literárias.

Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é analisar a estrutura familiar de três diferentes famílias com o mesmo sobrenome, Wolf, em três obras da literatura brasileira. Desse modo, serão elucidadas, além do comportamento familiar, questões de ordem cultural e socioeconômica, evidenciando semelhanças e diferenças das famílias retratadas no texto.

Examinaremos esses três textos apoiados nos estudos de Stuart Hall, Homi Bhabha, Valburga Huber, entre outros, que nos auxiliaram na compreensão dessas obras, como também para compararmos personagens, cidades, e locais específicos. Levando sempre em consideração os aspectos pretendidos: identidade, símbolos, cultura e organização familiar. Isso porque buscamos as diferenças e semelhanças entre essas famílias, como também indícios de reflexos de uma das obras na outra.

Assim, para conseguirmos desenvolver os objetivos proposto nesse trabalho, no primeiro capítulo daremos um breve enredo das obras *Um Rio Imita o Reno* (1938), *A Asa Esquerda do Anjo* (1981) e *Valsa para Bruno Stein* (1986) e informações sobre os autores. Essas obras foram escolhidas, pois o comportamento das famílias e o sobrenome se aproximam, proporcionando-nos, assim, a hipóteses de leitura de um autor para o outro cronologicamente.

No segundo capítulo, apresentaremos a revisão bibliográfica que nos dá suporte para analisarmos esses três romances de forma intrínseca. Desta maneira, teóricos como Woodward, Bhabha, Sturt Hal, Dreher, Pöls, entre outros, nos ajudam a compreender a relação entre essas obras, como também as questões de imigração, identidade, cultura, hibridismo, diferença e símbolos. Dando-nos suporte, desse modo, para que no terceiro

---

<sup>21</sup> CUNHA, João Manuel dos Santos. “Amores Expressos”: nacionalismos supressos?”. Especial Estudos de Literatura Comparada. Lorena, São Paulo: FATEA, 2012. Disponível em: <<http://www.fatea.br/seer/index.php/angulo/article/viewFile/1068/842>> Acesso em 14 jan. 2016

<sup>22</sup> VAVRA, Elisabeth. *Familie: Ideal und Realität*. Berger: Horn, 1993.

<sup>23</sup> VON DER HEYDE, Claudia Binker; SCHEUER, Helmut. *Familienmuster – Musterfamilien. Zur Konstruktion von Familie in der Literatur*. Peter Lang: Frankfurt am Main, 2004.

capítulo possamos fazer a análise crítica e compararmos de forma detalhada esses três textos. Assim, permitindo-nos suprir as questões propostas inicialmente e atestar as hipóteses levantadas.



## 1 Apresentação das obras

As obras do *corpus* do presente trabalho inserido em uma análise na área de literatura comparada são compostas por autores gaúchos de abrangência nacional, os quais retratam cidades, fictícias, baseadas em cidades reais. As três obras aqui analisadas foram publicadas entre 1939 e 1986. A seguir apresentaremos aspectos detalhados de cada obra e de seus autores.

### 1.1 *Um Rio Imita o Reno* - Vianna Moog (1938)

Clodomir Vianna Moog nasceu em São Leopoldo, em 1906. Filho de pai de origem teuto-brasileiro e mãe de origem luso-brasileira que morreu jovem. Viveu na cidade natal e região metropolitana de Porto Alegre até 1926, quando se mudou por dois anos para a cidade de Santa Cruz do Sul-RS, cidade com grande presença de descendentes de alemães.

Em meados de 1932 foi preso e deportado para Manaus-AM. Permaneceu no norte e nordeste do país até 1934, quando voltou ao Rio Grande do Sul e começou a publicar suas obras, as quais começou a escrever ainda no exílio.

Em 1938, publicou a obra *Um Rio Imita o Reno*, que refletia seu descontentamento com o comportamento da população teuto-brasileira. A obra em questão causou críticas da embaixada alemã no Brasil, exigindo ao governo brasileiro a retirada do livro de circulação.

Nota-se que Vianna Moog iniciou seus lampejos de contestação acerca da brasilidade de São Leopoldo e demais cidades do Rio Grande do Sul apenas após o exílio no Amazonas, visto que as cidades em que morou, com exceção de Porto Alegre e Rio Grande, como São Leopoldo e Santa Cruz do Sul são de predominância de descendentes de imigrantes alemães.

Vianna Moog ocupou a vaga de Alcides Maya na Academia Brasileira de Letras em 1945, na altura que já havia publicado *O ciclo do ouro negro*, (1936), *Novas cartas persas* (1937), *Eça de Queirós e o século XIX* (1938), *Um Rio Imita o Reno* (1938), *Heróis da decadência* (1939), *Uma interpretação da literatura brasileira* (1942), textos

que variavam de gênero, tendo publicado mais ensaios críticos e estudos que ficção propriamente.

\*\*\*

No livro em questão, a história principal centra-se em Geraldo Torres, um engenheiro hídrico, um caboclo oriundo do Amazonas que vem do norte do país para viver em Blumental, cidade fictícia do livro situada no Rio Grande do Sul, onde será o novo responsável pela construção da barragem da cidade. As primeiras impressões do novo morador da cidade são sensações de estranhamento causadas pelas semelhanças com uma cidade alemã e um distanciamento muito grande com o que estava acostumado a ver em outras regiões do país: “Depois a atenção do engenheiro voltou-se para as placas e letreiros, onde procurava decifrar os dizeres: *Apotheke, Schumacher, Bäckerei*” (MOOG, 1987, p. 11). Geraldo Torres é surpreendido pelos dizeres em alemão em diversos pontos, algo natural para a cidade, totalmente confuso e estranho para o novo morador.

Nos seus primeiros contatos com os moradores da cidade, conversa com outros dois moradores não teuto-brasileiros, e esses cidadãos afirmam não possuírem afinidade social com os teuto-brasileiros da cidade, alegando que são pessoas que tratam os outros com desdém. Os amigos de Geraldo afirmam que esse desdém provém da bonança e capital concentrado nas mãos de poucos teuto-brasileiros da cidade, e que apenas eles conseguem os melhores e mais bem remunerados cargos. Os novos amigos conversam sobre a cidade, que para eles tanto se assemelha com a Alemanha, e como alguns dos seus moradores realmente acreditam ser de uma etnia e cultura superior aos demais da cidade.

No livro, as famílias teuto-brasileiras da cidade são, em sua maioria, formadas por pessoas economicamente bem sucedidas, a maioria descrita como abastados ou promissores industriais. A família Wolff é uma dessas “famílias” que preservava os costumes e principalmente o idioma dos antepassados vindos da Alemanha.

A matriarca Marta Wolff, ou Frau Marta, comandava a família e ditava as regras da casa. Apesar de ter sangue de Mucker<sup>24</sup>, ela ignorava esse fato e comandava a família

---

<sup>24</sup>Revolta dos Mucker foi uma revolução de fanáticos religiosos contra as forças do governo ocorrida entre 1872 e 1874 na colônia alemã de Padre Eterno (São Leopoldo-RS), atual Sapiranga-RS. Os *Muckers*

para que se mantivessem todos alinhados como nobres e respeitosos bons alemães, seguindo costumes e tradições reavivadas e reinventadas pelo então governo alemão, apesar de serem brasileiros. A família Wolff era composta por Paul, Lore, Marta e Karl.

Lore Wolff, umas das personagens centrais da trama, é uma mulher de aproximadamente 20 anos de idade. A sua família esperava que ela se casasse, noivasse, ou namorasse algum rapaz teuto-brasileiro rico da cidade de Blumental.

No período de um ano Geraldo Torres tem a experiência de como é estar em uma cidade de colonização alemã. Seu percurso na cidade é permeado por problemas e questionamentos acerca do comportamento das pessoas da cidade.

Ao longo da trama, Geraldo Torres e Lore Wolff se envolvem e têm um *affair*, há sentimentos mútuos de amor, mas devido à proibição do relacionamento pela família, devido ao pensamento purista-racial da família de Lore. Ao final de um ano de permanência em Blumental, Geraldo deixa a cidade, devido à interrupção das obras da hidráulica, e se muda para o Rio de Janeiro desgostoso com o local.

A família Wolff, que se orgulhava ser de uma etnia superior, condizente com os valores do nazismo, ostentando símbolos germânicos e até mesmo um busto do *Führer* em casa, é surpreendida com uma notícia vinda diretamente da Alemanha pelo primo Otto:

Arriscou uma pergunta:

- Como vai o partido?

- Que partido? – indagou Otto.

- O Nacional-Socialista ...

Otto pediu licença e acendeu um cigarro.

- Vai bem... – respondeu por fim

- Naturalmente o primo faz parte ... – sugeriu Frau Marta.

Otto fez um gesto vago:

- Fiz.

(...)

- Depois que descobriram que nós temos sangue judeu, não duvido de mais nada.

Foi como se de repente a terra tivesse cessado de girar e uma súbita a flitiva parada se tivesse produzido no universo inteiro. Frau Marta não pode deixar de soltar uma exclamação. (MOOG, 1987, p.187, 188-190)

---

eram liderados por Jacobina Maurer, quem se julgava a reencarnação de Jesus Cristo. Tais afirmações causaram descontentamento da igreja, terminando em conflito armado, que acarretou em prisões e mortos em combate. Eram denominados “Mucker”, pois a palavra em alemão significa santarrão ou hipócrita. Adaptado de: ASSIS BRASIL, Luiz Antônio de. *Videiras de Cristal*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

Frau Marta se sente inconformada com a notícia do primo Otto, e se sente de certa forma culpada pela doença de tifo que Lore anteriormente havia contraído, devido ao mau estado em que se encontrava o rio da cidade.

### **1.2 A Asa Esquerda do Anjo - Lya Luft (1981)**

A autora Lya Fett Luft, nascida em Santa Cruz do Sul, cidade de colonização majoritariamente alemã. A família de Lya se orgulhava e valorizava suas origens alemãs. Quando jovem, Lya era considerada rebelde e subversiva, pois não estava interessada em aprender tarefas supostamente femininas, e logo foi mandada ao internato.

Em 1959, Lya se muda para Porto Alegre e começa sua vida acadêmica, tendo se graduado em Pedagogia e Letras anglo-saxônicas pela PUC-RS e depois realizado mestrado em literatura e linguística pela UFRGS. Em 1980, publica seu primeiro romance *As parceiras*, tendo publicado antes um livro de poemas chamado “*Canções de Limiar*”.

As primeiras obras da autora, *As parceiras*, *A asa esquerda do anjo* e *Reunião de família* retratam basicamente cenários e ambientes conturbados, de opressão familiar e relatos da vida em comunidades teuto-brasileiras. Pode-se afirmar que tais características acompanham a autora desde os seus primeiros anos de vida. A obra a ser analisada aqui, *A asa esquerda do Anjo* foi publicada por Lya Luft em 1981. A história conta a trajetória cronológica da jovem Gisela até a sua idade adulta e os percalços de sua vida ao lado da avó.

\*\*\*

O romance de Lya Luft é baseado na problemática vida de Gisela Wolf. A obra cria um clima pesado, pois a narrativa está mergulhada em drama e seus detalhes acerca desses problemas acentuam a atmosfera desagradável, inquietante e insolúvel. Os problemas da personagem principal, Gisela, estão atrelados diretamente a sua família, cuja avó, *Frau Wolf*, é a antagonista de toda a trama. A trama narra seus problemas desde a infância até a fase adulta.

Gisela é filha Otto Wolf e Maria da Graça Wolf. Seu pai nasceu na cidade em que ocorre a trama, e sua mãe veio do Nordeste. Apesar de ter pai e mãe sempre presentes, a menina passava muito tempo na casa da avó, o local, que preservava as tradições alemãs.

Na escola, Gisela sofre por ser feia e por ser de origem alemã. Em meio a tempos de guerra, Gisela era xingada pelos seus colegas na escola, como se vê na passagem a seguir: “- Alemão batata come queijo com barata! – de repente cinco, sete meninos e meninas a mesma coisa no pátio da escola. ” (LUFT, 2005, p.19). Gisela sofria os percalços da juventude e sofria com as brincadeiras dos colegas de sua escola. Tais acontecimentos apenas diminuía a já baixa autoestima da menina.

Gisela teve um namorado em alguma altura da vida, mas nunca chegaram a consumir uma relação sexual, pois ela dizia que sentia nojo em pensar que alguém poderia estar dentro dela daquela maneira. Possuía sentimentos amorosos pela prima Anemarie, mas nunca se declarou, e teve ao longo da vida uma sexualidade reprimida.

Nota-se que a Alemanha se faz presente no seio da família no decorrer de toda a trama. A avó traz muita insegurança a Gisela, que vive dentro de um sistema de doutrinação em favor de um germanismo. A obrigatoriedade de se falar apenas alemão na presença da avó e uma infinidade de costumes e tradições germânicas aumentaram a insegurança da moça. Sua mãe, que tivera que aprender o idioma para ser aceita na família, também sofria com as provações de Frau Wolf.

Gisela sempre quis ser como a prima e sempre a admirou, assim como sua avó também admirava a prima. Apesar de toda essa perfeição estética, Anemarie comete uma traição para com a família e se envolve amorosamente com Stefan, marido de tia Marta. Após o incidente, ela é banida da família pela avó. Anemarie fica doente e em estado terminal, volta para casa pedindo misericórdia da família e da avó. Quando morre em seguida, sua avó não esconde o desprezo pelos seus atos e cospe no chão: “Depois deu um passo atrás, e sem qualquer sinal prévio cuspiu no chão diante da caixa negra” (LUFT, 1981, p. 93).

Após a morte da avó, a família Wolf pouco a pouco começa a abandonar as tradições e os costumes tipicamente germânicos estabelecidos pela matriarca. Os encontros familiares e o uso da língua alemã, que antes eram obrigatórios, foram rareando e a característica de “clã” foi desaparecendo. Gisela se manteve então uma pessoa amargurada, insegura e frustrada.

### 1.3 *Valsa para Bruno Stein* - Charles Kiefer (1986)

Charles Kiefer é natural da cidade de Três de Maio, no Rio Grande do Sul, cidade também de colonização majoritariamente alemã. Assim como os autores anteriores, Kiefer se propõe a representar o elemento teuto-brasileiro em algumas de suas obras. Entre elas, podemos citar *Valsa para Bruno Stein* presente no corpus desta análise e *Os Ossos da Noiva* o qual se assemelha com *Um Rio Imita o Reno* de Vianna Moog, podendo ser considerado uma releitura do clássico.

Em entrevista ao *Jornal Zero Hora*<sup>25</sup>, Kiefer afirma que pretende retratar o meio rural, a terra, em suas obras. A biografia do autor nos mostra que ele teve realmente contato com a terra e o meio rural na infância, bem como os imigrantes alemães que povoaram no Rio Grande do Sul majoritariamente áreas rurais.

Charles Kiefer é atualmente professor da Faculdade de Letras da PUC-RS, do respectivo Programa de Pós-Graduação em Escrita Criativa. Já ganhou diversas vezes o Prêmio Jabuti e o Prêmio Açorianos de Literatura. A obra *Valsa Para Bruno Stein*, presente neste *corpus*, e as obras *O Chapéu* e *Dedos de Pianista* foram adaptadas ao cinema, dirigida por Paulo Nascimento. As obras *Escorpião da sexta-feira* e *Quem faz gemer a Terra* foram adaptadas ao teatro.

\*\*\*

*Valsa para Bruno Stein* retrata a vida de Bruno Stein, que vive em Pau D'Arco. A história se dá com a chegada de um novo funcionário na olaria de Bruno, Gabriel, a partir da qual vão se desenrolar alguns episódios na trama.

O velho Bruno vive em meio a um conflito de interesses e de gerações em sua família. Bruno vê um cenário de ruína na sua concepção de família, pois para ele os mais jovens respeitam os mais velhos e respeitam valores, nos quais Bruno estava inserido. Para ele era inconcebível ter que ceder espaço para a televisão e ter que “calar a boca” para a novela. “As palavras vibravam ainda, não mais no ar, mas na memória: cala a boca, a novela vai começar” (KIEFER, 1986, p. 29). Apesar da posição ofensiva

---

Charles Kiefer discute sua obra e fala sobre o porquê de ter assumido a função de retratar o minifúndio alemão no RS. In: *Zero Hora*, 2013 Porto Alegre. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2013/05/charles-kiefer-discute-sua-obra-e-fala-sobre-o-porque-de-ter-assumido-a-funcao-de-retratar-o-minifundio-alemao-no-rs-4148409.html>> Acesso em 6 de março 2016.

das netas, que constrange o avô, ele parece passivo e quase indiferente à situação, não esboçando reação à altura. Atrelado a isso, existe ainda a constante vontade de a família sair do campo e ir para a cidade, sempre com pretensão de deixar a pequena cidade e rumar para Porto Alegre.

A olaria é um refúgio para Bruno, pois, além de produzir os tijolos, lá ele costuma fazer suas esculturas de argila. Além de seu lado artístico, Bruno se refugiava ali de sua família com os empregados da Olaria, como Arno Wolf, uma pessoa que provavelmente possui problemas com a bebida, e por lembrar algo de bom da sua vida: “A presença de Arno Wolf lembrou-lhe o pai” (KIEFER, 1981, p. 87).

Bruno começa a sentir atração por Valéria, sua nora, quando a vê nua no banheiro. E o sentimento é recíproco, ainda que não comentem sobre isso. Valéria se vê moldada em argila nua, como na vez que fora vista pelo sogro. Então ela descobre a paixão do sogro. O clímax da trama se dá quando Bruno e Valéria se envolvem sexualmente. Tal ato endossa a atmosfera de desconstrução das estruturas familiares e costumes conservadores na casa de Bruno.

A família Wolf é uma família simples e de baixa renda avizinhada de Bruno Stein. Arno e Almerinda são casados e tem um filho, Mário. Arno é um agricultor de pouco sucesso e alcoólatra, amigo de Bruno. Para complementar a renda da família, Mário Wolf trabalha na olaria de Bruno Stein.

## 2. As famílias alemãs no multicultural Brasil

Analisar obras da literatura brasileira que tragam como tema questões relativas à imigração alemã obriga-nos a lançar um olhar para o contexto histórico da chegada de alemães ao Brasil. Abordaremos os motivos da imigração e sua contribuição para o desenvolvimento econômico e sociocultural do país. Ainda que o movimento migratório não seja o tema principal das obras analisadas a seguir, foi por causa dele, dos aproximados 260.000<sup>26</sup> imigrantes alemães que chegaram ao país, que o cenário cultural da sociedade daquela época mudou, e se reflete até a contemporaneidade.

Na primeira metade do século XIX, a Alemanha, que ainda não estava unificada em uma unidade política, era formada por estados, principados, ducados, e reinos independentes. A tardia adesão da Alemanha ao sistema capitalista, mantendo os traços do sistema feudal, ocasionou graves problemas sociais. A população começou a perder terras, as quais eram arrendadas junto aos nobres, sendo devolvidas por motivo de dívidas, o que por sua vez ocasionava desemprego e fome.

O conjunto de problemas sociais foi um dos catalisadores do processo de emigração. Primeiro iniciou-se a imigração na América do Norte e depois na América do Sul. Com esse movimento migratório, o Brasil pretendia povoar suas extensas áreas de terras inabitadas. Esses imigrantes, não apenas alemães, mas também italianos, poloneses, russos, ucranianos, vieram ao Brasil a fim de colonizar terras antes não exploradas, ou preencher lacunas habitacionais para aumentar a produtividade agrícola do solo brasileiro. Esse processo foi intermediado pela Imperatriz Leopoldina, e pelo Major Schäffer<sup>27</sup>: “Assim, o Major Schäffer, gozando da confiança pessoal do Imperador, e em especial da Imperatriz, foi incumbido de atrair voluntários para a imigração [...]” (SCHREINER, 1996, p. 27). Aproveitando-se da situação econômica ruim dos territórios alemães, lograram êxito.

Se as perspectivas de crescimento para os alemães na Europa eram diminutas, no Brasil eram grandes. A falta de terras para cultivo e o saturado espaço físico europeu não eram problemas para os colonos emigrados. As condições do governo brasileiro

---

<sup>26</sup> Vide Levy 1974.

<sup>27</sup> Major Schäffer: Georg Anton von Schäffer foi um médico, negociante e militar nascido Múnster em 1779. Recrutou militares e colonos alemães para o Império do Brasil.



eram, a princípio, desfavoráveis aos imigrantes alemães, pois em troca das terras, os colonos ficavam isolados em zonas com mata fechada e vulneráveis a ataques de animais silvestres e de índios. Apesar das condições pouco favoráveis no início, as zonas em que se estabeleceram desenvolveram-se, formando novos municípios ou áreas produtivas.

Dentre os colonos alemães havia os que se fixavam primeiramente na zona rural e depois se estabeleciam nos centros urbanos. A fundação de diversas cidades do sul do país está intimamente ligada com a vinda de imigrantes alemães à região. Alguns desses alemães desenvolveram fortuna e criaram zonas de influência política. O panorama de algumas dessas cidades colonizadas destoava em relação a outras, pois se diferenciavam linguisticamente e arquitetonicamente dos outros locais do país, podendo citar cidades como São Leopoldo, Santa Cruz do Sul e Nova Petrópolis.

Dessa maneira, o Brasil, principalmente a região Sul do Brasil é formado por uma elevada quantidade de pessoas que descendem de alemães. Essa população tem impacto socioeconômico, pois esses imigrantes foram responsáveis, em parte, pelo desenvolvimento, não apenas econômico, dessas regiões colonizadas, como se pode ver em Schreiner (1996, p. 47):

Convém ressaltar, enfim, a simples presença do imigrante, a partir da qual foram traçados novos rumos para o Estado. E, se hoje tentarmos definir uma identidade para o povo do Rio Grande do Sul, veremos a dimensão das contribuições do imigrante alemão avultarem a ponto de ser impossível conceber um sem o outro. O imigrante alemão tornou-se elemento importante para a caracterização do Estado do Rio Grande do Sul.

A conclusão de Schreiner ratifica a contribuição da imigração alemã para a cultura e sociedade gaúcha e brasileira. É importante ainda salientar que o comentário de Schreiner também vale a outros estados em que a imigração alemã se fez presente, como Santa Catarina e Espírito Santo e em menor parte em Minas Gerais, em São Paulo e no Rio de Janeiro.

\*\*\*

O papel da família há muito vem sendo discutido nas ciências humanas. A representação da família como entidade é registrada desde os tempos mais remotos, aparecendo já em textos da Bíblia e até mesmo nas pinturas rupestres desenhadas pelos

homens das cavernas<sup>28</sup>. Apesar do longo espaço de tempo, trataremos da família a partir do fim do século XVIII ao fim do século XX, mais exatamente no período de colonização alemã no Brasil até a data contemporânea dos livros do *corpus* em questão.

Na obra *História Social da Criança e da Família*, Ariès dedica um capítulo para falar sobre a imagem da família na pintura europeia anterior ao século XX. As obras analisadas em questão pretendiam ainda determinar pela família a origem da infância e o papel da criança no seio familiar.

Ao analisar a obra *Le Grand Propriétaire*<sup>29</sup>, Ariès identifica a figura de um pai que é central na família. De modo geral a família até hoje é centrada em uma figura de chefia que demonstre respeito e liderança, o que antes era apenas representada majoritariamente por uma figura paterna, hoje em dia já não se apresenta mais da mesma forma<sup>30</sup>. O grupo familiar com um membro centralizado é retratado há centenas de anos: “É o pai que parte, ao final de uma vida plena, cercado por uma família unida, e deixando-lhe sem dúvida um patrimônio bem administrado” (AIRÈS, 1981, p. 137).

Já Teruya (2000) descreve o papel da família na sociedade e a importância de sua discussão nas ciências humanas: “Todos coincidem, porém, com ênfases diferentes, na ideia da família como uma instituição mediadora entre o indivíduo e a sociedade, submetida às condições econômicas, sociais, culturais e demográficas, mas que também tem, por sua vez, a capacidade de influir na sociedade.” (p. 1). Com a ideia de que a família é uma mediadora entre o indivíduo e a sociedade, podemos reiterar nossos apontamentos na introdução que a família sempre terá um papel determinante na formação do indivíduo, influenciando razoavelmente no meio<sup>31</sup>, ainda que o meio também possa influenciar, criando uma troca mútua.

Estudar e definir o que é uma ‘família tradicional’ é bastante complexo. Para começar, precisamos situar aproximadamente o local e a época de estudo e elencar características que representem esse constructo. Ainda mais complicado é inserir essas características, baseadas em estudos da grande área de ciências humanas e inseri-las diretamente na literatura, uma vez que a literatura, apesar de estar pautada e ser reflexo da realidade, é ficção. Também é complexo analisar o conceito de família, pois ele

---

<sup>28</sup> Vide COMERLATO 2005; RIBEIRO, 2006.

<sup>29</sup> *Le Grand Propriétaire*: obra de Bartholomaeus Anglicus e Jean Longis, 1556.

<sup>30</sup> Vide DA SILVA, 2010; TARTUCE 2006.

<sup>31</sup> Meio: referente ao local, à sociedade.

muda de acordo com a cultura. A fim de comparação, uma vez que tratamos de literatura comparada, poderemos usar esses dados para tratarmos desse assunto.

Pesquisadores estrangeiros que dedicam seus estudos à cultura brasileira e realizaram pesquisas sobre a estrutura social desta sociedade, apresentaram considerações sobre as estruturas familiares. Sobre os brasilianistas e seus estudos sobre a família tradicional brasileira, Teruya (2000, p. 12,13) afirma:

Charles Wagley atentou para os diferentes usos do termo família no Brasil, explicitando que a família tradicional, enquanto instituição dominante eram na verdade, as parentelas. Estas parentelas apresentavam-se sob um sobrenome comum e um ancestral famoso e nem o processo modernizador conseguiu enfraquecê-las, pois os novos segmentos sociais incorporaram suas estratégias e continuavam atuando de forma familística, substituindo-se somente os nomes, no século vinte para Matarazzos, Crespis, Fontes, Klabins e Lodis, que provavelmente tinham poucos parentes, mas trataram de integrar-se rapidamente às famílias do dezenove.

Wagley definiu, portanto, que o termo ‘tradicional’ estava relacionado a um sobrenome e conexões sanguíneas. O ancestral famoso, como Ursula Wolf, em *A Asa Esquerda do Anjo*, também ajuda a manter essa questão quase intacta, pois a fama da família também é essencial para essa caracterização. Ser conhecido, por exemplo, ter um ancestral que dá nome a algum logradouro, é imprescindível ao conceito de tradicional.

Outra característica quase infalível desse tipo família é o seu poder aquisitivo<sup>32</sup>. Indiferente do local, as famílias tradicionais são quase sempre abonadas e detentoras do poder. Ainda que percam financeiramente, a pompa e o *status* de tradicional se perpetuarão devido aos seus outros atributos, como a fama, por exemplo.

O local e a presença da família tradicional restringem-se geralmente a uma determinada área, a uma cidade, ou uma região. A fama da família não ultrapassa, geralmente, grandes fronteiras. Longe de sua “casa-grande”<sup>33</sup>, o membro da família tradicional é apenas uma pessoa rica.

A família tradicional se difere das famílias não tradicionais por esse conjunto de características. Uma família pode ser conhecida, rica, ou grande, mas precisa possuir todas essas características em conjunto, caso contrário, esses aspectos, separados, podem aludir a outros constructos, pois a construção da família tradicional levaria anos a se estabelecer, por ser imprescindível a fama.

---

<sup>32</sup> Vide Kühn, Cunha e Nicoloso 2014.

<sup>33</sup> Vide Martiny 2010.

A família tradicional é, portanto, uma família notável, independentemente da grandiosidade de seus feitos. Essa família é, por assim dizer, um símbolo quase permanente de um determinado local, estando presente no imaginário de uma população determinada.

É importante ressaltar que as obras literárias tratam de famílias teuto-brasileiras em três sentidos da palavra “teuto-brasileira”: alemães são aqueles que vieram do país de origem e então residem no Brasil, país estrangeiro; descendentes de alemães são os da segunda geração, filhos dos descendentes, tendo conexão direta com algum parente próximo oriundo da Alemanha; descendentes de imigrantes alemães, os quais têm a linhagem e o sobrenome alemão, mas que têm pouco contato, ou nenhum, com o imigrante da primeira geração.

Neste momento da análise, é imprescindível tratar de famílias alemãs a partir das questões de comportamento da família alemã em solo europeu e seus modos de estruturação. Isso se faz necessário para compreender as famílias presentes nas obras literárias desse *corpus*, visto que elas carregam consigo parte de uma identidade genuína que se soma ao novo contexto em que estão se inserindo. Assim, é importante tratar sua formação e sua transformação durante os períodos tangentes para que se possa comparar o comportamento das famílias no Brasil, pois ele pode se assemelhar tanto ao das famílias brasileiras como ao das alemãs.

A família tradicional burguesa alemã não difere muito da definição acima proposta por Teruya sobre o estudo de Wagley, pois há um pai que controla tudo, estabelecido em uma casa, agregando pessoas a sua volta. Ainda que esse modelo viesse a ruir posteriormente, o modelo segue basicamente a figura paternalista:

A posição patriarcal do homem foi consagrada em diversos campos, a mulher tinha direito a obrigação de conduzir as tarefas domésticas, no entanto, cabia unicamente ao marido o poder de decisão. Se a mulher estivesse empregada, o marido poderia encerrar imediatamente com a autorização do tribunal a tutela de seu emprego.<sup>34</sup> (SCHÜTZE, 2000, p. 18)

Observa-se a autoridade do homem em relação à mulher, colocando-a em segundo plano na chefia da família, sendo subordinada ao marido, assim como os filhos.

---

<sup>34</sup> No original: “Die patriarchalische Position des Mannes wurde in verschiedenen Bereichen festgeschrieben, so war die Ehefrau berechtigt und verpflichtet, das gemeinschaftliche Hauswesen zu leiten, jedoch nur vorbehaltlich der Entscheidungsgewalt des Ehemannes. War die Ehefrau erwerbstätig, konnte der Ehemann mit Ermächtigung des Vormundschaftsgerichts ihren Arbeitsvertrag fristlos kündigen.” Tradução nossa.

Sobre o modelo de família tradicional burguesa alemã, Schütze (2000, p. 16) afirma, citando Riehl:

Cerca de 100 anos após a sua formação, no final do século XVIII, o modelo de família burguesa prevaleceu como uma ideia normativa. Ao mesmo tempo, sua perspectiva de sucesso foi quase desacreditada desde o início. Já em meados do século XIX, WH. Riehl, que é considerado um dos primeiros sociólogos da família, previu que na família de classe média a perda iminente de autoridade da "Hausvaters"<sup>35</sup> associada a uma "leviandade do indivíduo", através da qual a família "é praticamente revogada". (SCHÜTZE. 2000, p. 16 Apud Riehl 1854/1889, p 140).<sup>36</sup>

Segundo a assertiva de Schütze, o modelo de família burguesa é estabelecido no final do século XVIII, mas esse tende a cair, com o que sucumbiria o poder central da figura do pai, pois devido à descentralização do poder da figura central a de emancipação dos membros da família passa a ser possível.

A assertiva proposta acima por Schütze é comentada por Elias (1989, p. 36-37) que, ao tratar das transformações que a sociedade alemã vinha apresentando, afirma:

Durante o século XX, reduziu-se o diferencial de poder entre os seguintes grupos:

- nas relações entre homens e mulheres;
- nas relações entre pais e filhos ou, em termos mais gerais, entre as gerações mais velhas e mais jovens;
- nas relações entre as sociedades europeias e suas antigas colônias e, de fato, com o resto do mundo;
- nas relações entre governantes e governados — com restrições.

Nota-se que as relações acima citadas, na maioria são, ou remetem a relações familiares. Havendo uma mudança, pode-se dizer que a família tradicional, remodelou suas características durante os anos. Ainda que os teóricos analisem ou tragam dados de dois séculos, é a partir dessa comparação que notamos, através de um *continuum*, que a família tradicional pode mudar basicamente de uma família tradicional pautada em um patriarca e/ou uma figura centralizada, para uma família nuclear descentralizada. No

---

<sup>35</sup> Pai do lar, casa onde a autoridade é do pai.

<sup>36</sup> SCHÜTZE, Yvonne. Konstanz und Wandel. *Zur Geschichte der Familie im 20. Jahrhundert*. Benner, Dietrich [org.]; Tenorth, Heinz-Elmar [org.]: Bildungsprozesse und Erziehungsverhältnisse im 20. Jahrhundert. Weinheim: Beltz 2000, p. 16- (Zeitschrift für Pädagogik, Beiheft; 42).

No original: "Rund 100 Jahre nach seiner Entstehung im späten 18. Jahrhundert hatte sich das bürgerliche Familienmodell als normative Idee durchgesetzt. Gleichzeitig aber wurde seine Erfolgsgeschichte beinahe von Anfang an argwöhnisch beäugt. Bereits Mitte des 19. Jahrhunderts hatte WH. Riehl, der als einer der ersten Familiensoziologen gilt, prognostiziert, daß der sich in der bürgerlichen Familie abzeichnende Autoritätsverlust des „Hausvaters" mit einer „Fessellosigkeit des Individuums" einherginge, durch die die Familie „schiefer aufgehoben wird." Tradução nossa.

contexto alemão, essa mudança estrutural ocorreu devido à ocorrência de duas grandes guerras, além da ascensão do capitalismo e do desenvolvimento industrial no país.

Em meados do século XIX, as famílias de funcionários públicos urbanos alemães, por exemplo, davam muita atenção ao trato refinado da casa, ainda que não pudesse chegar ao nível desejado. No livro *Deutsche Sozial Geschichte* [História Social Alemã], Pöls (1973, p. 26-27) descreve que em certa conjuntura a casa tinha adornos simples, mas que possuíam detalhes para que se pudesse notar cada minúcia da casa:

Também os arranjos domésticos geralmente eram muito simples. Sobre uma limpeza “bem feita” não se sabia nada. Os móveis muitas vezes eram de mau gosto. A madeira polida oriunda da cerejeira era predominante. O mogno era considerado algo especialmente fino. Móveis estofados com molas eram encontrados apenas em residências ricas. Móveis trabalhados nem se conhecia. Por algum tempo decorar móveis com bronze era muito elegante.<sup>37</sup>

Ainda que o autor atentasse para a rusticidade no acabamento da decoração da casa, pode-se notar que ela é recorrente nas casas das famílias alemãs. Outro fato interessante é como os alemães recebiam as visitas em sua casa: Muitas famílias de funcionários públicos tinham ao lado de sua sala de estar ainda a "sala chique", que era aberta apenas para visitas. Nela ficavam os "bons móveis", um sofá estofado e cadeiras, tudo geralmente coberto com revestimentos de proteção brancos ou em forma de cubos.<sup>38</sup> (p. 28). O grupo familiar dava grande valor às aparências de sua moradia, receando ficar mal considerada na sociedade pelo aspecto da casa.

Sobre a vida da aristocracia alemã, Pöls descreve Viena, que foi no século XIX uma espécie de colônia de férias para os ricos aristocratas de todos os recantos de língua alemã: “Viena teve a sociedade mais distinta e exclusiva nesse tempo. Todo outono chegavam os nobres alemães, e também da Hungria. Todas as grandes famílias e ricas iam para Viena e abriam suas casas.” (p. 91)<sup>39</sup>. Viena é então considerada uma colônia

---

<sup>37</sup>No original: „Auch die häuslichen Einrichtungen waren in Durchschnitt sehr einfach. Von einem „stillvollen“ Zimmerputz wußte man doch nichts. Die Möbel waren oft von geringen Geschmack. Vorherrschend war das polirte Kirschholz. Mahagoni galt als etwas besonderes feines. Auch Polstermöbel mit Sprungfedern fanden sich nur in den besseren Häusern. Möbel mit Schnitzwerk kannte man gar nicht. Einige Zeit hindurch war die Verzierung der Möbel mit Bronze stark in Mode.“ (p. 26 e 27) (PÖLS. *Deutsche Sozial Geschichte*. C.B. Heck. München: 1973) Tradução nossa.

<sup>38</sup>No original: “Viele Bürger- und Beamtenfamilien hatten neben ihrem Wohnzimmer noch eine „gute Stube“, welche nur für Besuch geöffnet wurde. In ihr standen die „guten Möbel“; die Polster von Sofa und Stühlen darin für gewöhnlich mit Weißen oder gewürfelten Schutz-Überzügen bedeckt.” (p. 28) (WERNER, PÖLS. *Deutsche Sozial Geschichte*. C.B. Heck. München: 1973). Tradução nossa.

<sup>39</sup>No original: „Wien besaß in jener Zeit die vornehmste und exklusive Gesellschaft, die es wohl je gegeben hat. Jeden Herbst kamen aus dem ganzen Kaiserstaate, Ungarn nicht ausgenommen, alle große

de férias para a aristocracia germânica, e a cidade serve para demonstrar como essa aristocracia é fechada, pois essas famílias conviviam apenas entre si.

Pöls relata também sobre mudanças de estruturação da família. Os empregados das fábricas dormiam em péssimas condições nos “alojamentos” de seu trabalho, entretanto não retornavam tão frequentemente a casa.<sup>40</sup> Com isso, a família, que anteriormente era composta por diversos membros, mantendo uma quantidade razoável de pessoas vivendo sob o mesmo teto, ia se modificando, pois, os filhos possuíam mais autonomia frente aos pais e começavam a sair da casa da família.

As famílias alemãs, assim como as de outros lugares da Europa, cerca de 500 anos atrás<sup>41</sup>, tinham seus sobrenomes designados através de suas profissões. Atualmente, os sobrenomes mais comuns na Alemanha são Schmidt, Müller, Bäcker que significavam respectivamente as profissões de ferreiro, moleiro<sup>42</sup>, e padeiro, sendo assim integrantes da classe proletária. Já os nobres possuíam em geral um sobrenome composto, iniciado com um prefixo “von”, podendo citar Karl von Koseritz<sup>43</sup>, o próprio major Schäffer já citado, com nome de registro de Georg Anton von Schäffer.

A emigração de nobres alemães para o Brasil não caracterizou um grande movimento. Apesar disso, sugerem-se semelhanças das famílias aristocratas teuto-brasileiras presentes nas obras literárias analisadas, com a nobreza alemã do século XIX, como veremos no capítulo vindouro. O que basicamente pode diferenciar esses dois grupos, sendo eles ficção e realidade, é o sobrenome e a ascensão à riqueza que ocorreu no Brasil.

Segundo Dreher (2014), as famílias pobres, proletárias e camponesas dificilmente eram retratadas pela historiografia. Geralmente elas apareciam em histórias e contos, como nas histórias compiladas pelos irmãos Grimm, como afirma o autor (p. 300):

As palavras introdutórias dos irmãos Grimm, com as quais apontam para os inúmeros recursos e informações contidos nos contos populares, dizem-nos da possibilidade do uso de tais contos como fonte não só para a mentalidade camponesa alemã, mas também para a situação de miserabilidade em que se encontrava a população autora dos contos.

---

und reichen Familien nach Wien und öffneten ihre Häuser.“ (p. 91) (PÖLS. *Deutsche Sozial Geschichte*. C.B. Heck. München: 1973). Tradução nossa.

<sup>40</sup> PÖLS. *Deutsche Sozial Geschichte*. München : C.B. Heck.: 1973, p. 227).

<sup>41</sup> Vide MARYNISSEN & NÜBLING (2010, p. 1).

<sup>42</sup> Moleiro é a pessoa encarregada moagem de trigos e cereais.

<sup>43</sup> Karl von Koseritz foi um empresário, político, jornalista e escritor teuto-brasileiro de origem nobre. Renunciou ao dinheiro da família para viver no Brasil. No entanto, sua saída da Alemanha traz também motivações políticas consigo.

A partir de então, essas famílias apenas começaram a ter certo protagonismo nas colônias no Brasil, onde alcançaram prosperidade econômica, pois anteriormente, no realismo e naturalismo alemão eram ainda retratados como pobres alemães.

Dreher relata a maneira de retratar a família campestre alemã no período pré-imigração: “Qual era a situação da família e de suas crianças às vésperas da emigração ao Brasil? O que sentiam essas populações? É possível recuperar sua memória? Poderíamos pensar que não. Elas não faziam parte das populações de ilustrados”. (DREHER, 2014, p. 299) Entretanto, a cultura oral, relatos dos próprios imigrantes, e os compilados pelos irmãos Grimm, nos dão uma noção de como era a vida e a estrutura familiar dos alemães no período mencionado.

Segundo Dreher, os contos de fadas eram, a princípio, apenas analisados pela psicanálise, e dificilmente analisados pela historiografia. Apesar disso, há objetos nos livros dos irmãos Grimm para análise histórica, como afirma o mesmo autor:

Ouvimos de guerras, epidemias, fome, de camponeses relativamente livres, em vias de se tornarem trabalhadores sem terra, servos. Na terra, o agricultor trabalhava da manhã à noite a terra com arados primitivos. Pequenas foices eram utilizadas para realizar a colheita. O casamento era bastante postergado. Muitas mulheres só casavam aos vinte e cinco ou vinte e sete anos de idade. Com isso teriam cinco filhos, dos quais sobreviveriam três. Mesmo assim, era muito filho para pouco rendimento, resultando daí fome, quase que crônica. (DREHER, 2014, p. 300)

A vinda dos imigrantes alemães ao Brasil foi gerenciada de maneira que fosse feita em grupos familiares e não era comum a emigração de solteiros. Quando isso acontecia, eles geralmente acompanhavam uma família conhecida. Sobre isso, podemos ler em Woortmann, (2000, p. 210):

Vale notar, ainda, que a emigração não era um projeto individual. Pelo contrário, era um projeto que envolvia não apenas a família imediata do migrante, mas sua parentela mais ampla e vizinhos, como também veio a ocorrer mais tarde com a emigração de japoneses para o Brasil. Em geral migravam conjuntos de pessoas aparentadas entre si ou da mesma aldeia, às quais se agregavam solteiros. A família Sperb ilustra bem esse padrão. Ludwig Sperb, lenhador evangélico de Hessen-Darmstadt casado com Elisabeta Claus emigrou no veleiro Kranich até o Rio de Janeiro e depois, numa sumaca, isto é um barco pequeno de cabotagem, até São Leopoldo. Após 3 meses de viagem chegaram com 4 filhos homens, mais dois jovens, provavelmente parentes, na condição de “criados”.

Em termos numéricos é interessante observar que dos 4.856 imigrantes estabelecidos na Colônia de São Leopoldo entre 1824 e 1830, 3.788 eram membros de 815 famílias e apenas 1.073 eram “isolados”.

É importante ressaltar que esse fato da vinda preferencialmente de famílias é fundamental na construção da identidade teuto-brasileira, a qual se manteve em núcleos



familiares, pois a maioria vivia em zonas rurais, sendo os membros da família fundamentais para a mão de obra.

No que tange às diferenças e semelhanças entre as famílias vindas da Alemanha e as da segunda geração, Dreher (2014, p. 311) explica:

O ser criança da criança terminava bastante cedo nas áreas de imigração, aos treze ou catorze anos. Não raro, a menina era então considerada apta para o casamento. Lembro que na Europa, o matrimônio era postergado muitas vezes até os 26 ou 27 anos. O matrimônio precoce também fez aumentar a mortalidade materna. Os meninos passavam a ser trabalhadores rurais. No mundo urbano, os meninos passavam a aprender ofício com “mestre”; as meninas preparavam-se para ser “do lar”.

Podemos, portanto, notar duas características: a) a existência de determinismo biológico em relação às tarefas de homens e mulheres e b) que os casais passaram a ter mais filhos, pois isso significava mais mão de obra familiar, já que no Brasil não se padecia com a fome, como na Alemanha. Por conta desse cenário, os casamentos passaram a acontecer mais cedo, para que esse formato de famílias extensas pudesse ser concretizado.

Após alguns anos imigradas no Brasil, algumas famílias alemãs começaram a prosperar financeiramente e a possuir traços de família tradicional, como referido anteriormente. Segundo Kühn, Cunha e Nicoloso (2014, p. 1217), no artigo “O perfil socioeconômico dos imigrantes e descendentes de alemães em Santa Maria no século XIX” o perfil social do imigrante alemão da elite é assim descrito:

Ao desenvolvermos o perfil dos patriarcas, principalmente no que se refere às estratégias familiares (matrimônios e compadrios), aos vínculos de negócios e redes de relações e às características profissionais, percebemos que a elite “alemã” de Santa Maria constituía um grupo, ou setor, intensamente interligado por laços familiares e não familiares. Este grupo provavelmente tinha o interesse e o objetivo de manter e perpetuar seu status social como elite, o que constitui uma característica dos círculos de elite [...]

Nota-se que há um protecionismo acerca da manutenção do *status* social alcançado. Os patriarcas, urbanos e oriundos da zona rural<sup>44</sup>, manipulam os membros de suas famílias, a fim de manter o poder econômico centralizado em pequenos grupos. A história da família Trein exemplifica isso: o patriarca da família manteve casamentos por interesse para manter seu poderio econômico, também centralizando o poder em poucas famílias

---

<sup>44</sup> Vide Kühn; Cunha; Nicoloso 2014.

da região<sup>45</sup>. Essa configuração é semelhante ao sistema de família tradicional descrito por Teruya (2000).

Entretanto, nem todas as famílias teuto-brasileiras tiveram o mesmo logro financeiro no Brasil, vindo a compor às classes proletárias. Em alguns casos, famílias de imigrantes e descendentes alemães viriam a perder suas terras, e novamente a padecer às dificuldades, como já havia ocorrido com os antepassados na Alemanha.

\* \* \*

As famílias retratadas nas obras literária desse *corpus* possuem questões inerentes de poder e autoridade. Existe também uma hierarquia claramente perceptível em níveis diferentes. Bourdieu (1989, p. 19), ao retratar o poder como um símbolo, esclarece que ele estrutura os constructos sociais, o que é de certa forma impositivo:

Os sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o *conformismo lógico*, quer dizer uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências.

A assertiva de Bourdieu nos elucida, que há um ser dominante e o outro por consequência dominado. O poder é proveniente de diversas vieses, e o ser humano se submete a diversas delas, sendo física, financeira, intelectual, etc.

O contrato social, como nos elucida Rousseau, esclarece que há funções determinadas a cada membro da sociedade, sendo impositivos na maioria dos casos. Em obra homônima, Rousseau (2015, p. 14) atentava sobre os nós e os laços da sociedade:

O mais forte não é nunca assaz forte para ser sempre o senhor, se não transforma essa força em direito e a obediência em dever. Daí o direito do mais forte, direito tomado ironicamente na aparência e realmente estabelecido em princípio. Mas explicar-nos-ão um dia essa palavra? A força é uma potência física; não vejo em absoluto que a moralidade pode resultar de seus efeitos. Ceder à vontade constitui um ato de necessidade, não de vontade; é no máximo um ato de prudência. Em que sentido poderá ser um dever?

---

<sup>45</sup> Vide Martiny 2010.

O mais forte usa de artifícios para se manter como dominador de uma situação. Ao dominado cabe aceitar e acatar às ordens dadas. Esse contrato social prevê uma repetição de gestos que caracterizam a legitimidade do poder ao mais forte e ao mais fraco ceder calado e ser usado às vontades alheias.

As ideologias da classe dominante, ou dos detentores do poder, visam em geral seu próprio bem e interesse, mascarando-o para o grupo envolvido que trabalha a seu favor, como afirma Bourdieu (1989, p. 15):

Ter presente que as ideologias são sempre duplamente determinadas, - que elas devem as suas características mais específicas não só aos interesses das classes ou das frações de classe que elas exprimem (função de sociodiecía), mas também aos interesses específicos daqueles que as produzem e à lógica específica do campo de produção [...]

É claro que a maioria dos dominados, mesmo que acompanhe a mesma ideologia, não receberá os mesmos louros da glória que o dominador, mas sim apenas resquícius do produto da vitória.

Tratando do poder em questões familiares, Bourdieu (1989, p. 240) traz a seguinte afirmação que pode ser comparada de forma análoga entre sociedade e família, podendo compreender a legitimação dos atos de poder exercidos no seio familiar:

A legitimidade, que se acha praticamente conferida ao direito e aos agentes jurídicos pela rotina de usos que dela se fazem, não pode ser compreendida nem como efeito do reconhecimento universalmente concedido pelos “justiciáveis” a uma jurisdição que, como quer a ideologia profissional do corpo dos juristas, seria o enunciado de valores universais e eternos, portanto, transcendentés aos interesses particulares, nem, pelo contrário, como efeito da adesão inevitavelmente obtida por aquilo que não passaria de um registro do estado dos costumes, das relações de força ou, mais precisamente, dos interesses dos dominantes.

No contexto familiar, trocaremos o conceito de ‘direito’, e a ele conferiremos o poder de julgar o que é certo, errado e legítimo à figura do líder. Ao líder cabe fazer os julgamentos e legitimar seus atos, podendo esse líder atuar através da dominação. A repetição se suas ações pode ainda ajudar a legitimar até mesmo excessos e assédios pessoais e de naturezas afins.

O poder é então um fator que vem sempre junto de uma hierarquia. Os dois dominam os indivíduos pertencentes a classes inferiores socialmente, financeiramente. Os poderosos não dominam apenas classes sociais, mas essa demonstração de poder pode ocorrer também no seio da família, onde um membro domina os demais e age para

fortalecer seus próprios interesses; não quer dizer, no entanto, que ele não defenda sua família, mas o interesse individual rege as ações do grupo.

## **2.1 Símbolos como marcadores da presença e futuros pilares do hibridismo cultural no Brasil**

Ao desembarcar no Brasil, os imigrantes alemães começaram a ter seus primeiros contatos com a cultura brasileira e gradualmente começam a adotar alguns hábitos. Ainda que tenham entrado em contato com essa cultura inevitavelmente, eles trazem consigo sua identidade, fazendo a manutenção de alguns símbolos particulares que são inerentes a sua cultura e de seus conhecimentos, inserindo-os nessa nova terra.

Esse processo muda gradualmente os hábitos de um povo, tanto do imigrante, quanto do povo originário, ou de um indivíduo de uma das duas realidades. Nota-se que a velocidade dessa mudança é geralmente determinada pelo convívio dessa comunidade com as outras já presentes no determinado território.

Nos primeiros anos da imigração alemã no Brasil, os imigrantes possuíam pouco conhecimento sobre os moradores do país e por sua vez também tinham pouco contato com os mesmos, pois suas propriedades ficavam bastante isoladas, geralmente pelo fato de a grande maioria ser formada de agricultores, responsáveis pela abertura de picadas (pequenas vias, veredas) em locais isolados. Os colonos mantiveram certa autonomia em relação às demais comunidades, contando escolas, igrejas, e até mesmo imprensa própria, mantendo-se, assim, até o aparecimento de melhores condições de comunicação e locomoção.

Através da presença de imigrantes, que trazem consigo seus elementos culturais e símbolos, a cultura brasileira é reformada e retransformada constantemente. Sobre essa questão de mudança e transformação constante Bauman (2007, p. 7) nos elucidada, mas fazendo uma abordagem a partir do conceito de modernidade:

Em primeiro lugar, a passagem da fase "sólida" da modernidade para a "líquida" - ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam.

Esses símbolos alemães trazidos, que vamos aludir mais adiante no nosso texto, são de fundamental importância para as famílias se manterem prósperas em seu lugar, para a formação de uma cultura híbrida, como é a que se formou no Brasil.

Ao aludir à guerra entre servos e croatas em seu texto<sup>46</sup>, Woodward (2014, p. 8) traz a importância dos símbolos: “A identidade é marcada por meio de símbolos: por exemplo, pelos próprios cigarros”. Woodward afirma em seu texto, que a marca de cigarros, aludida na citação acima diferenciava os servos e croatas. Esse pequeno símbolo, a marca de cigarro que é fumada de apenas um lado da guerra, tem uma carga simbólica significativa, esse símbolo diferencia toda uma população que carrega uma identidade de outro povo.

Não apenas objetos podem ser determinados como símbolos, mas a palavra também carrega um símbolo, um significado em si: “Toda linguagem transmite e comunica experiências.” (LEXICON, 1990, p. 7). Alguns símbolos, como frases, ditos, até mesmo palavras soltas, são referências de uma identidade de alguma cultura ou civilização. Por exemplo, no estado da Baviera, na Alemanha, o *Hallo*<sup>47</sup> dos alemães é substituído pelo regional *Griß Gott*<sup>48</sup> ou *Servus*<sup>49</sup>. Apesar de ser apenas uma forma de cumprimentar as pessoas, os vocábulos referidos simbolizam o regionalismo do sul da Alemanha. Esse simbolismo que a palavra carrega determina uma identidade regional dentro de um país.

Iniciando por uma análise geral de símbolos germânicos/alemães por grau de importância, podemos aludir à Idade Média através do século XX, quando Hitler se valeu dos símbolos germânicos do passado para suscitar no povo alemão uma identidade nova e mais forte. O então chanceler alemão trouxe diversos símbolos do passado para o presente e assim pretendia reforçar a identidade alemã.

Foi notável na época do Terceiro *Reich* alemão a força da propaganda alemã. Muitas dessas propagandas, de cunho militar, remetiam ao cavaleiro germânico, cavaleiro nórdico, e até mesmo ao viking:

---

<sup>46</sup> Woodward (2014, p. 7).

<sup>47</sup> O vocábulo “Hallo” em alemão significa “oi” ou “olá”.

<sup>48</sup> *Griß Gott* literalmente “(que) Deus saúde (você)” é uma saudação, menos frequentemente uma despedida, usada principalmente nas regiões da Francônia, Suábia, e também na Áustria.

<sup>49</sup> *Servus* pode ser usado como uma saudação ou para despedida. Essa palavra é originada da palavra latina para servo ou escravo, “servus”.

Contudo, é no apelo a uma ancestralidade viking que a máquina propagandística do Terceiro Reich (de)forma consideravelmente a história a favor de seus ideais. O homem do Norte é chamado para participar de uma missão histórica em defesa de sua pátria, tendo ao fundo a representação do guerreiro viking, como fica evidente no cartaz norueguês[...] (BRAGANÇA JÚNIOR, 2015, p. 88)

Ao aludir a um cartaz alemão na Noruega, na Segunda Guerra Mundial, Chagas Junior (2015) comenta sobre a força da propaganda visual alemã, a qual se utilizava de símbolos da mitologia e da história germânica e nórdica para atrair pessoas ao serviço militar.

Para endossar a importância dos símbolos, Puig (1986, p. 11) afirma:

A presença de símbolos possibilita, pois, aquele discorrer sobre eles, que constitui sociedade, história e cultura. A significação em geral, a concepção de mundo, as doutrinas, teorias, ideologias, são socialmente construídas, pelos símbolos, sem dúvida.<sup>50</sup>

A partir de então podemos compreender melhor a importância desses símbolos que serão analisados a seguir.

Em suma, apresentaremos aqui quatro símbolos de maior relevância para a análise dessas famílias: o lobo, pelo seu uso no sobrenome alemão; a língua, que é inerente ao ser humano, (nesse caso analisaremos a língua alemã); a arquitetura germânica e os livros.

**2.1.1 O Lobo:** presente diretamente nas três obras pelo sobrenome das famílias. O lobo é uma figura de importância na mitologia e no imaginário popular alemão e em outras culturas:

Na mitologia de muitos povos, o lobo tem um papel: uma loba amamentava os gêmeos Remo e Rômulo e possibilitou a fundação de Roma. Para os germânicos, o lobo era o animal do campo de batalha e isso era atribuído a Odin; a figura do lobo era representada sobre os elmos e as bainhas (gravados em relevo) e os guerreiros encapuzados com pele de lobo o mostravam como seu guia.<sup>51</sup> (BROCKHAUS ENZYKLOPÄDIE, 1994, p. 317).

<sup>50</sup> No original: “La presencia de los símbolos posibilita, pues, aquel discurrir acerca de ellos que constituye la sociedad, la historia y la cultura. La significación en general, la concepción del mundo, las doctrinas, las teorías, las ideologías, se construyen socialmente, qué duda cabe.” (PUIG, Olives J. Prólogo a La Edición Castellana. In: CHEVALIER, Jean. *Diccionario de Símbolos*. Herder: Barcelona: 1986). Tradução nossa.

<sup>51</sup> No original: “In der Mythologie vieler Völker spielt der Wolf eine Rolle: Eine Wölfin säugte die ausgesetzten Zwillinge Romulus und Remos und ermöglichte so die Gründung Roms. [...] Bei der Germanen galt der Wolf als Tier des Schlachtfelds und war daher Odin zugeordnet; auf Helmen und Schwerterscheiden (nachweisbar durch Prägebleche) wurden oft mit Wolfellen verummte Krieger als

À imagem do lobo são atribuídas diversas peculiaridades, mas podemos dizer, devido à sua importância, que ela está sempre associada ao poder.

A figura do lobo possui uma dualidade, e ela compreende a oposição de “bem” e o “mal”: “O simbolismo do lobo, como muitos outros, acarreta dois aspectos: um feroz e satânico e o outro benéfico. Por que vê na noite, é símbolo de luz. Esta é sua significação entre os nórdicos e os gregos, de onde se atribui a Belen ou a Apolo.”<sup>52</sup> (PUIG, 1986, p. 652). O lobo pode ser um elemento benéfico, um ser que consegue enxergar a luz no momento mais escuro, e ao mesmo tempo, dependendo de sua situação e posição, esse elemento pode ser associado a algo ruim.

Ainda que o lobo seja apresentado como uma criatura boa, em diversos momentos é retratado como o ser do lado mau. Já na Bíblia, Jesus Cristo alerta sobre falsos profetas, retratados como lobos em pele de cordeiro. Seguindo, os povos da Idade Média associavam o lobo a uma figura diabólica: “A crença do povo da Idade Média tinha o lobo como uma criatura de um terrível demônio ou do próprio Diabo. Bruxas, magos, e o Diabo tomavam a forma de lobo e se transformavam em lobisomem.”<sup>53</sup>. (BROCKHAUS ENZYKLOPÄDIE, p. 317). Segundo Chevalier, também na crença fora da cultura ocidental, o lobo é tido com “um obstáculo na rota do peregrino árabe e a loba na de Dante, onde toma as dimensões da besta do Apocalipse”<sup>54</sup> (CHEVALIER, 1986, p. 653). O comentário sobre o lobo no imaginário popular retoma a besta do apocalipse na obra de Dante.

Na cultura popular oral, o lobo era uma figura relevante, isto é, era pertinente seu aparecimento: “Nos contos de fada o lobo assume o papel do falso e do ruim (‘O lobo e os sete cabritinhos’, ‘Chapeuzinho Vermelho’, até mesmo o Grande Lobo Mau de Walt Disney)”<sup>55</sup> (BROCKHAUS, 1994 p. 317). Nos contos de fadas, que eram

seine Begleiter dargestellt.” (p. 317) *Brockhaus Enzyklopädie* (F.A. Brockhaus, Mannheim, 1994). Tradução nossa.

<sup>52</sup> No original: “El simbolismo del lobo, como bastantes otros, entraña dos aspectos: uno feroz y satánico, el otro benéfico. Porque ve en la noche, es símbolo de luz. Ésta es su significación entre los nórdicos y los griegos, donde se atribuye a Belen o a Apolo (Apolo Licio).” (p.652). Tradução nossa.

<sup>53</sup> No original: “Der mittelalterlich Volksglaube sah den Wolf als Geschöpf böser Dämonen oder des Teufels an. Hexen Zauberer, selbst der Teufel erschienen in Wolf-Gestalt annehmen und wurde Werwölfe.” Tradução nossa.

<sup>54</sup> No original: “El lobo es un obstáculo en la ruta del peregrino árabe y la loba en la de. Dante, donde toma las dimensiones de la bestia del Apocalipsis.” Tradução nossa

<sup>55</sup>No original: „Im Märchen vertritt der Wolf meist das Falsche und Böse („Der Wolf und die sieben Geißlein“, „Rotkäppchen“, bis hin zu Walt Disneys Comicfigur des Großen bösen Wolf)“ (p. 317) *Brockhaus Enzyklopädie* (F.A. Brockhaus, Mannheim, 1994). Tradução nossa.

histórias da cultura oral, compiladas e escritas na Alemanha principalmente pelos irmãos Grimm, existem diversas histórias em que o lobo aparece como uma figura maligna. Além das histórias já citadas pela Enciclopédia Brockhaus, podemos citar “Os três porquinhos”.

A figura do lobo pode representar poder, mas esse poder vem atrelado à maldade. O poder do lobo vem associado sempre a figuras demoníacas ou quaisquer representações do medo e da morte, pois sua figura é utilizada por soldados em campos de batalha, como um sinal de poder e proteção, até mesmo para intimidação.

**2.1.2 Arquitetura:** O lugar, a cidade, o meio urbano mais precisamente, em que uma família e um povo se estabelecem diz muito sobre si. Esse local é um reflexo da cultura e de seus conhecimentos em questões de arquitetura, engenharia civil e urbanismo.

Nessas questões de arquitetura e urbanismo, o que mais se destaca são as características das casas e prédios domésticos com aspectos singulares. A aceitação e a repetição de um estilo compreendem a legitimação dessa forma, transcendendo a arquitetura apenas, fazendo parte do imaginário popular nacional.

A Alemanha possuía um método muito conhecido e singular na construção de casas. As casas de enxaimel, denominadas *Fachwerkhaus* na Alemanha, estão presentes até hoje na Alemanha. Apesar de suas primeiras aparições serem datadas da Idade Média<sup>56</sup>, continuam a caracterizar o país nos centros urbanos e também são presentes nas zonas rurais<sup>57</sup>.

As características das casas de enxaimel eram construídas a partir de conhecimento prévio dos alemães. Assim, esse símbolo da germanidade se alastrou fora de seu local de origem, já que essas construções passaram a ser feitas no Brasil.

Sobre a simbologia da casa e suas características, Chevalier (1986, p. 259) afirma através de Bachelard:

A casa significa o ser interior, segundo Bachelard; suas plantas, seu sótão e seu celeiro simbolizam diversos estados da alma. O sótão corresponde ao inconsciente, o celeiro a

<sup>56</sup> Ältestes deutsches Fachwerkhaus. In: *Deutsche Welle*. Disponível em: <<http://www.dw.com/de/%C3%A4ltestes-deutsches-fachwerkhaus/a-1078261>> Acesso em 14 mar. 2016

<sup>57</sup> Quedlinburg – Faszinierende Fachwerkhäuser. In: *Deutsche Welle*. 2012. Disponível em: <<http://www.dw.com/de/quedlinburg-faszinierende-fachwerkh%C3%A4user/a-16023831>> Acesso em 14 mar. 2016.



elevação espiritual. A casa é também um símbolo feminino, com o sentido de refúgio, mãe, proteção.<sup>58</sup>

A casa seria, portanto um local seguro, onde o familiar desgostoso com a vida exterior encontraria refúgio e proteção.

Não apenas de casas que se valem as questões de urbanismo nas cidades alemãs e colonizadas por alemães. Percebe-se que a maioria das cidades colonizadas por alemães no Brasil possuíam placas de publicidade e de seus estabelecimentos escritos em alemão, com o tipo de escrita Gótico<sup>59</sup>, ou *Fraktur*<sup>60</sup>. Esse símbolo da cultura alemã destoa em relação ao país em que se encontram os imigrantes; no Brasil não se usava este tipo de escrita. Para um cidadão que não tem conhecimento do tipo de letra e língua, a compreensão é simplesmente impraticável. Esse símbolo da identidade alemã nos centros urbanos “tempera” a atmosfera destes locais juntamente com as casas alemães, o que simboliza a presença de uma massiva presença alemã.

**2.1.3 Livros:** Ao tentar escapar do clichê, Chevalier (1986, p. 664) afirma: “Seria trivial dizer que o livro é o símbolo da ciência e da sabedoria: assim é efetivamente, por exemplo, na arte decorativa vietnamita ou na imagem ocidental do leão bibliotecário.”<sup>61</sup> A afirmação de Chevalier é senso comum, como ele mesmo afirma, pois o livro é o detentor do saber, e assim o mesmo Chevalier retoma: “Um livro fechado significa a matéria virgem. Se está aberto, é uma matéria fecundada”<sup>62</sup> (p. 665). O livro detém o saber, e ele é um símbolo do conhecimento e da sapiência.

O livro é um objeto que pode compreender *status*. Sobre a questão de *status* e riqueza, características inerentes da posse de livros, Manguel (2002, p. 242) afirma:

A associação de livros com seus leitores é diferente de qualquer outra entre objetos e seus usuários. Ferramentas, móveis, roupas, tudo tem uma função simbólica, mas os livros infligem a seus leitores um simbolismo muito mais complexo do que um mero utensílio. A simples posse de livros implica posição social e uma certa riqueza intelectual.

---

<sup>58</sup> “La casa significa el ser interior, según Bachelard; sus plantas, su sótano y su granero simbolizan diversos estados del alma. El sótano corresponde a lo inconsciente, el granero a la elevación espiritual. La casa es también un símbolo femenino, con el sentido de refugio, madre, protección o seno materno.” (CHEVALIER, 1986. *Diccionario de Simbolos*. p. 259) Tradução nossa.

<sup>59</sup> Estilo de letra angulosa originada na Europa entre o século XII e XIII e utilizada até meados do século XX.

<sup>60</sup> Derivação da escrita gótica

<sup>61</sup> “Sería trivial decir que el libro es el símbolo de la ciencia y la sabiduría: así es efectivamente, por ejemplo, en el arte decorativo vietnamita o en la imagen occidental del león biblióforo.” Tradução nossa.

<sup>62</sup> Un libro “cerrado” significa la materia virgen. Si está “abierto”, la materia fecundada. Tradução nossa.

Sendo assim, o objeto livro recebe uma importância nem tanto pelo seu conteúdo, mas sim pelo simbolismo que carrega o objeto, sendo esse tão importante que: “[...] um certo Sr. Klostermann fez fortuna vendendo longas fileiras de encadernações recheadas de papel velho” (MANGUEL, 2002, p. 242). A adoração pelo objeto livro no século XIX era exacerbada a ponto de ocasionar tal absurdo.

Para o mesmo autor (2002, p. 243-244), há uma aura mística, uma atmosfera *cult* em possuir livros:

Em nossos dias os decoradores enchem as paredes com metros e metros de livros para dar ao ambiente uma atmosfera “sofisticada” ou oferecem papel de parede que cria a ilusão de uma biblioteca; os produtores de programas de entrevistas na televisão acreditam que um fundo de estantes de livros acrescenta um toque de inteligência ao cenário. Nesses casos, a noção geral de livros é suficiente para denotar atividades da mesma forma que a mobília de veludo vermelho acaba sugerindo prazeres sensuais.

Essa afirmação mostra o livro tão importante quanto um objeto decorativo, mas ao mesmo tempo retira dele seu valor de conhecimento, rebaixando-o a um mero objeto de decoração, ainda que se conheça a origem desse *status*, o livro recebe assim uma carga de significados suplementar.

O livro ainda possui uma importância histórica para Alemanha. A prensa de Gutenberg<sup>63</sup> deu chance ao mundo de realizar a produção de livros em série, que foi inicialmente usada e difundida por Martinho Lutero, para dar acesso à leitura da Bíblia no idioma alemão.

Ainda na Alemanha, os irmãos Grimm compilaram histórias da cultura oral, como a figura do lobo no imaginário popular, e através dos livros registraram essas histórias e evitaram que esse registro se esvaísse com o tempo. Os livros de contos de fadas representam simbolicamente o registro e evitavam que essa cultura oral se perdesse.

Nas colônias alemãs no Brasil, o livro era um símbolo de união. A criação de “Lesezirkeln”<sup>64</sup> entre os colonos alemães foi importante para manter uma unidade entre eles: “O modelo de convivência levou ao surgimento, entre os imigrantes, de uma série

---

<sup>63</sup> Johannes Gutenberg foi o inventor da prensa no ocidente. Apesar de já existir na China há séculos, a prensa de Gutenberg tinha moldes mais resistentes, possibilitando uma produção em série maior.

<sup>64</sup> Círculos de Leitura: imigrantes alemães liam e trocavam livros com outros imigrantes.

de associações cujo objetivo era a manutenção dos seus costumes” (ALENCASTRO; RENAUX, 2008, p. 326).

O livro é um aglutinador de registros escritos de elementos, de onde podemos consultar saberes de épocas passadas, ou de conhecimentos que não estão em voga. A presença de um livro valoriza tanto o conhecimento e sua admiração por ele é tanta quanto a pela história e a memória.

**2.1.4 Língua** – A língua é quiçá o mais importante e pertinente entre os símbolos analisados, pois é o instrumento de comunicação mais utilizado pelo ser humano e é através dele que podemos notar inicialmente a identidade de um ser. Através da língua, o ser humano se expressa de maneira mais simples seus sentimentos e se comunica como outros seres humanos. O idioma que o ser fala, diz muito a seu respeito, pois através dele podemos notar a origem e até mesmo a identidade de cada ser.

Para Chevalier (1986, p. 317), a linguagem, escrita ou falada, “está impregnada de valores simbólicos, imagens, ideias, emoções, sonoridades, grafismas, etc., em tudo o que expressa, mas também em certa medida do que não expressa”<sup>65</sup>. Ou seja, a língua não é apenas sonoridade conjugada, mas ela expressa ideias e emoções.

A língua alemã, trazida juntamente com os imigrantes alemães é o elemento cultural, o símbolo dessa presença que sobreviveu aos anos de distanciamento entre a vinda desses imigrantes até os dias atuais, como afirma Gregory (2002, p. 22): “Dentre os elementos culturais mais valorizados estão a língua e alguns costumes, tanto para os colonos como para os que moram em áreas urbanas.” Essa língua, apesar de possuir um léxico e sonoridade com características bastantes distintas do português, se manteve ativa até os dias atuais.

A língua pode também ser um fator de inclusão ou exclusão, dependendo de sua aptidão com a língua atrelada a outros fatores, como Spinassé (2008, p. 2) explica:

Para um estrangeiro, em uma sociedade que não é a sua, a língua desempenha, além disso, uma função dual muito clara: ela pode agir como o ponto crucial do processo de integração daquele indivíduo nesta sociedade, através da tentativa por parte dele de aprender a nova língua e falá-la satisfatoriamente no que diz respeito à comunicação; todavia, o fator linguístico pode afastar ainda mais as realidades já distintas, servindo como ponto de atrito, causador de dificuldades, e conseqüentemente,

---

<sup>65</sup> No original: “El lenguaje escrito o hablado está impregnado de valores simbólicos: imágenes, ideas, emociones, sonoridades, grafismas, etc., en todo lo que expresa, pero también en cierta medida en lo que no expresa.” Tradução nossa.

como fator de exclusão. Como, ou mesmo “se” o estrangeiro aprende a nova língua, mostra o quão profundamente ele pode se integrar e quão bem ele pode ser aceito pelos nativos – ou não.

A língua pode ser um símbolo de vitória ou fracasso. O idioma nesse caso também significa assimilar uma cultura e diversos aspectos inerentes. Se o estrangeiro domina a língua, ele consegue parcialmente assimilar uma cultura, ou então iniciar um processo de assimilação mais aprofundado.

A língua alemã possuía, para os imigrantes no Brasil, uma função bem definida: a língua manteve certa homogeneidade entre os colonos, apesar das diferenças dialetais conseguiu manter a continuidade do ambiente em que se encontravam<sup>66</sup>.

Concluindo, o idioma, visto como um símbolo, é importante afirmadora da identidade, é o símbolo intrínseco no que tange à presença do teuto-brasileiro nesse território. A língua tem papel fundamental não apenas por si só, mas ela permeia outros símbolos aqui estudados.

\*\*\*

Os símbolos alemães/teutos/germânicos tiveram participação não apenas na identidade dos imigrantes aqui vindos, mas esse contato cultural com a cultura brasileira possibilitou a continuação da formação de identidades e símbolos brasileiros híbridos, tal fato pode ser elucidado por Bhabha (1998, p. 17): “Encontramo-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão.” Podemos notar que o trânsito cultural possibilitou uma formação híbrida da cultura brasileira, que possui características de diversos povos, assim possibilitando a formação como ocorre atualmente.

---

<sup>66</sup> Vide Spinassé 2008.

### 3 Um estudo em torno da formação da Família Wolf na Literatura brasileira.

As famílias Wolf/Wolff das obras analisadas apresentam características semelhantes, e, além disso, seguem uma ordem cronológica nos acontecimentos a partir da própria historiografia. Após termos analisado as histórias podemos examinar, agora, o núcleo familiar Wolf.

Cabe salientar que, apesar de os nomes terem grafias diferentes, Wolff em *Um Rio Imita o Reno* e Wolf em *A Asa Esquerda do Anjo* e *Valsa Para Bruno Stein*, a palavra significa “lobo” em ambos os casos. O mesmo nome “lobo” também pode aparecer em certas grafias provenientes do *Althochdeutsch*<sup>67</sup> e *Mittelhochdeutsch*<sup>68</sup> como “Wulf” ou também “Wulff”, mas ainda assim remetem à palavra lobo<sup>69</sup>.

A família Wolf/Wolff nas narrativas está diretamente ligada à Alemanha, tanto endossando sua relação com o distante país, quanto contradizendo essa situação, apesar das origens, nas obras estudadas. Poderemos analisar essa família e o discurso presente que atesta essas relações, relatando o ambiente, símbolos, ações presentes que mantenham a família de certa forma conectada ao longínquo país. A seguir apresentaremos as obras em ordem cronológica de lançamento.

#### 3.1 A estrutura familiar no contexto de imigração

Uma das questões que perpassam as obras do *corpus* do trabalho é a estrutura familiar de cada grupo em cada texto. Entender a estrutura familiar e como ela se estabelece, sendo sustentáculo de algumas questões que permeiam a obra, é fundamental para a continuidade da análise.

Em 1824 iniciou-se o processo de emigração para o Brasil da região onde hoje se situa a Alemanha e países vizinhos. O processo de imigração ocorreu tanto à América

---

<sup>67</sup> Alemão Padrão da Idade Antiga.

<sup>68</sup> Alemão Padrão da Idade Média.

<sup>69</sup> wolf, m. , lupus. herkunft und form. gemeingerm. und idg. wort. got. wulfs; an. ulfr; ahd. mhd. wolf; as. mnd. wulf; mnl. nnl. wolf; afries. wolf; ags. wulf; engl. wolf. germ. grundform \*□ulfa-, neben der auch im movierten fem. (dicionário dos irmãos Grimm).

do Norte quanto à América do Sul. E esse processo se deu principalmente com habitantes das regiões norte do rio Reno<sup>70</sup>.

O Brasil recebeu imigrantes alemães até meados de 1930, e depois nos anos 1940 em função da Segunda Guerra Mundial. Estes se estabeleceram principalmente nos estados do sul e sudeste do país. A maioria dos imigrantes vinham em grupos familiares, e agregados se juntavam a essas famílias para poderem viajar, visto que a política migratória viabilizava facilidades para esses grupos, mantendo assim uma estrutura de grupo e familiar nas colônias no sul do país.

Analisaremos abaixo as famílias das três obras estudadas, mostrando como elas se estruturam e a que se relacionam e como se consolidam os constructos familiares.

\*\*\*

A família Wolff, em *Um Rio Imita o Reno*, é uma tradicional família da cidade de Blumental. É conhecida por serem os mais ricos da cidade e por ostentarem um palacete. São enraizados aos costumes germânicos trazidos da Alemanha por seus ancestrais, além de se manterem atualizados sobre a atual conjuntura sociopolítica do longínquo país. Todas as pessoas da família consanguineamente relacionadas, ainda que estejam geograficamente e emocionalmente distante, eram bem-vindas.

A família era comandada com autoridade por Frau Marta e Herr Wolff. De fato Herr Wolff apenas concordava com Marta e não discordava jamais de suas ideias. Todo o poder organizacional da família estava nas mãos de Frau Wolff. Lore, a filha, apenas obedecia às ordens da mãe. Karl Wolff, irmão de Lore, seguia o pensamento da mãe, e comandava sua família, seu filho e sua esposa, tal qual sua mãe.

A estrutura organizacional da família de Frau Marta era pautada principalmente em linhagem étnica. Na sua família não seria tolerado ou aprovado qualquer relacionamento com pessoas que não fossem brancas, sendo teuto-brasileiros os preferidos e repugnados os de outra cor, como negros, índios e mulatos. O romance interrompido entre Lore e Geraldo foi descoberto por Frau Marta, que a proibiu de se encontrar com o engenheiro, acabando por suprimir o relacionamento dos dois.

---

<sup>70</sup> GREGORY, Valdir. *Imigração Alemã no Brasil*. Online: <<http://www.kas.de/wf/doc/10985-1442-5-30.pdf>> Acesso em 7 jan. 2016.

A família seguia uma rotina rígida. Nem mesmo a doença da filha, febre tifoide, contraída pela má qualidade da água do rio da cidade, era desculpa para essa fuga: “Sempre reluzentes e imaculados, pois nem a doença de Lore conseguira quebrar a rígida rotina instituída por Frau Marta, eles tinham agora um certo ar de tristeza, como uma encenação das pessoas na casa” (MOOG, 1990, p. 179). Esse aspecto quase militar da família endurecia as relações. Frau Marta tinha um relacionamento muito frio com seus familiares: “Frau Marta, essa conseguia controlar as emoções. [...] Fora, porém educada num ambiente em que todas as manifestações derramadas de sentimentos íntimos eram tidas não somente como ridículas, senão também como absolutamente inúteis.” (MOOG, 1990, p. 179).

\*\*\*

A família Wolf, em *A Asa Esquerda do Anjo*, é uma tradicional família de uma cidade colonizada majoritariamente por alemães. A parte da família que constitui essa instituição de fato organizada e com regras é composta por membros ligados à Frau Wolf, avó da personagem principal. O grupo organizado em volta da matriarca era formado por pessoas de diversos graus de parentescos, formando uma grande família, reunidos rigorosamente em determinados intervalos na casa da líder do clã Wolf.

A família Wolf se estrutura como um clã, pois além de constituírem laços sanguíneos, os membros reconhecem um líder, um fundador, um chefe. Para pertencer a esse exclusivo grupo, exigências são impostas aos frequentadores. Assim como em grupos secretos, existem regras a serem cumpridas, como na maçonaria e outros grupos exclusivistas. Para frequentar o clã Wolf era necessário dominar a língua alemã e ser branco. Quem fosse branco e alemão de “sangue puro”, teria privilégios, como se pode notar ao se comparar com a prima Anemarie, Gisela e sua mãe Maria da Graça, que não era de origem alemã: “Penso que, talvez sem ela mesmo saber, também me desprezava, pois eu era feia e sem talentos, e comigo o sangue da família Wolf deixava de ser absolutamente ‘puro’.” (LUFT, 2005, p. 13). Nessa relação, Anemarie era mais amada pela avó que Gisela e sua mãe, tanto pelo domínio da língua alemã, habilidades musicais e padrões mais aceitáveis de germanidade e beleza.

Outros princípios básicos dessa família tradicional de origem alemã de Frau Wolf são pautados em não abrigar a diferença. Em uma família tradicional teuto-

brasileira não haveria casais interétnicos, de classes sociais distintas, casais homossexuais, incesto ou qualquer tipo de fuga ao tradicional<sup>71</sup>. Assim Frau Wolf pretendia manter sua família, com nome e sobrenome alemão, mas falhou. Ademais, desejava casar seus filhos com pessoas ricas, pessoas que ela aprovasse, mas não logrou êxito. Não imaginava relações interfamiliares, consanguíneas ou não, e presenciou a relação de Anemarie e Stefan, e apesar de não ter visto as de Gisela, que se imaginava com a prima. Frau Wolf teve que manobrar a família a seus valores para manter as estruturas que pretendia, dessa maneira criou um ambiente propício ao descontentamento em sua casa.

A personagem Gisela, apesar de toda repressão que sofria, por vezes apresentava pensamentos de rebeldia e subversão, mas que eram constantemente reprimidos diretamente pela avó, e por si mesma indiretamente por medo da matriarca. Não aceitava que fosse criada para aprender a satisfazer um homem, ser uma serviçal do marido, como de certa forma sua mãe vivia.

Dentro dessa estrutura formal familiar está inerente o machismo, pois vemos em determinada cena, que há uma representação clara e quase estereotipada da dominação masculina: “[...]era por isso que tia Helga corria levando de volta a caneca de cerveja do tio Ernst, que não estava suficientemente gelada era por isso que não devia me casar: preguiçosa e desajeitada, certamente não faria a felicidade de marido algum.” (LUFT, 2005, p. 38). A ideia da submissão feminina através de tarefas de casa não lhe agradava, e por ser desajeitada ela não poderia ser uma esposa prendada, o objetivo maior de uma moça, no espectro social em que vivia, como podemos ver em Bourdieu (2002, p. 17): “A divisão entre sexos parece estar na ordem das coisas, como se diz por vezes por falar o que é normal, natural a ponto de ser inevitável”. Assim, as mulheres eram responsáveis pelas tarefas da casa, de maneira imposta, e os homens não trabalhavam nessas tarefas. Já Frau Wolf, apesar de ser mulher, não era submissa aos demais, era a líder, representando a figura de um dominador homem.

Ainda há a determinação dos papéis de cada membro da família, na qual as funções das mulheres estão na incumbência de cuidar da casa e tomar conta dos maridos, dedicando-se a fazer a felicidade deles: “Sua vida girava em torno de meu pai e de mim. Era natural: ensinava-me que as boas donas de casa adoçam a existência dos homens, que trabalham todo o dia e tem grandes responsabilidades.” (LUFT, 2005, p.

---

<sup>71</sup> Vide Martiny 2010.



37). Dentro da estrutura familiar que mais leva em consideração as tradições e estruturas opressivas que o livre arbítrio e os desejos individuais. Apesar da chefia da família ser exercida por Frau Wolf, havia uma clara dominação do ambiente pelos homens e as mulheres deveriam viver para lhes servirem.

Enquanto as mulheres eram encarregadas dos serviços domésticos, os homens eram os provedores financeiros. A mulher devia, portanto, trabalhar em casa e cuidar dos filhos e do marido, facilitando a vida do homem quando estiver em casa e dispensando-o das tarefas domésticas. E a filha Gisela, deveria, segundo a linha de raciocínio da família, seguir esse sistema, sendo submissa ao homem.

A família ideal de Ursula Wolf era uma encenação atuada de um roteiro escrito por ela, do que ela imagina que deveria ser. Esse castelo de cartas se mantém por quase toda sua vida, e inevitavelmente ele desabaria. Todos fingiam, e Frau Wolf vivia na sua bolha de família germânica perfeita. Mas se o fingimento cessasse, o sustentáculo de seu castelo de cartas teria desabado antes.

Gisela estava longe de ser o que Ursula desejava como ideal. Uma moça desajeitada, feia, orelhas grandes, cabelos crespos e olhos pretos. Padrões eugênicos não aceitáveis para Frau Wolf. Como seu único trunfo dominava a língua alemã, pois fora criada em um ambiente, tanto a casa quanto a escola, nos quais se falava apenas alemão. Não era uma boa aluna no colégio e não conseguia boas notas, sendo uma decepção para a família. Não conseguia tocar piano com precisão, estava convencida que nunca tiraria notas de Bach, Beethoven ou qualquer outro compositor consagrado. Não se casou e não perpetuou o nome da família, e nem quisera ser tocada sexualmente por homens. Vivia sendo pressionada a seguir e alcançar padrões que sua avó almejava, mas jamais os alcançou. A dificuldade em atingir objetivos pode ser explicado pela sua autoestima estar sempre baixa: “Outras meninas da minha idade tinham namorados; eu continuava isolada, mal-humorada, sempre pelos cantos nos recreios e festas”. (LUFT, 2005, p. 59).

A vida amorosa da família está longe da harmonia necessária. Com exceção dos pais de Gisela, os membros da família Wolf não viviam grandes amores com seus cônjuges em casa. Os casais vivem tanto histórias com finais trágicos e infelizes quanto acomodação por inércia pelos envolvidos.

A matriarca Frau Wolf, por algum motivo não explicado na trama, após o nascimento de Otto, pai de Gisela, não compartilhou mais a cama com Herr Wolf.

Pouco se sabe da vida de Frau Wolf antes do início cronológico da trama. Por essa razão, pode-se pensar que todo seu comportamento amargurado pode vir de algum fato envolvendo o marido, mas nada é explicado. A partir de então, ou antes, passou a cultivar a família e as tradições germânicas em casa como forma de suprir qualquer falta de afeto, e também como objetivo de vida.

Tia Helga e tio Ernst moram na mesma casa de Frau Wolf. São os pais de Anemarie. O comportamento de Ernst é grosseiro e para agravar essa característica ele bebe cerveja em demasia. O uso abusivo de drogas, lícitas ou ilícitas, denuncia a tentativa de uma fuga da realidade. Realidade essa que supõe seu casamento ou também a inquietante e tiranizada vida com Frau Wolf, mas supõe uma necessidade de repor e suprir a infelicidade com uma droga psicotrópica, nesse caso a cerveja.

Marta Wolf é casada com Stefan, um homem bem mais novo que ela. Stefan passava muito tempo viajando a trabalho e ficava pouco às vistas de Gisela. Ele não se incomodava com os desmandos de Frau Wolf, a quem era indiferente, e até mesmo debochava de suas atitudes: “- Onde ficava mesmo o castelo dos antepassados na Alemanha? – provocava tio Stefan” (LUFT, 2005, p. 41) Na verdade Stefan não parecia interessado em Marta ou na família, parecia que estava apenas ali por obra do acaso, pois aparentava estar sempre distante e indiferente: “[...]tio Stefan está pensativo, entretido com seu cachimbo” (LUFT, 2005, p. 55).

Anemarie por ser mais velha que Gisela, não costumava conversar sobre muitos assuntos com a prima. Possuíam pouco em comum e pouco se sabe da vida amorosa de Anemarie antes da traição. A moça por ser bonita, descrita por Gisela, atraiu a atenção e curiosidade do tio Stefan. Os dois fogem juntos repentinamente, causando não só agonia em Marta, mas sim em toda a família. A vida amorosa dos dois pode ter sido feliz e próspera até o diagnóstico de câncer de Anemarie, mas esse incidente abalou pilares da instituição de Frau Wolf, pois se a vida era feita de aparências, essas aparências se terminaram e deram início a uma vergonha que jamais seria apagada para Frau Wolf, mesmo com a morte da neta em decorrer da doença.

Gisela nunca se entregara de corpo e alma para Leonardo, que fora por alguns anos seu noivo, tendo permanecido virgem, e o fato de ele tê-la tocado os seios a deixava constrangida. O medo de se entregar pode ser explicado pelo fato de constantemente ser atraída carnalmente a prima Anemarie. A presença de Anemarie a deixava sonhando acordada, em possuí-la e beijá-la e estar em contato com ela:

“Contemplo-a embevecida, saboreio sua presença. De repente, uma vontade intensa e terna de me aproximar, de aproximar minha boca naqueles lábios cheios e macios. Apenas encostar assim as bocas – o que naturalmente não farei.” (LUFT, 2005, p. 56) A paixão homossexual e incestuosa pela prima era evidente, mas Gisela sempre conseguiu reprimir esse sentimento, pois naquele antro era necessário, ou seria expulsa da família, assim como depois seria sua prima. Esse desejo era mais forte que estar com seu noivo Leonardo. Raras vezes ela se lembra do noivo de uma maneira feliz, mas da prima sempre há a tensão sexual e amorosa no seu pensamento.

Os únicos que não possuíam problemas conjugais eram os pais de Gisela. Maria da Graça e Otto eram um casal sem os fortes agravantes dos outros casais e pessoas da trama. Maria é nordestina e foi a primeira não teuto-brasileira a ingressar na família Wolf. Sua inserção na família foi de certa forma uma afronta à Frau Wolf, a qual nunca disse de maneira sincera que gostava realmente da nora. O casamento dos pais de Gisela pode não ter envolvido problemas entre eles dois mesmo, mas essa relação criou distúrbios em relação à mãe e à avó e também consequências para Gisela.

As relações de poder na família consistem em uma pirâmide, de cuja base ao topo respectivamente se encontram os empregados, Gisela, mulheres adultas, os homens adultos e Frau Wolf. Bem como na família e em outros círculos sociais como na escola, ou outros na trama apresentados, Gisela segue na base da pirâmide, onde sofre *bullying* e é apenas uma criança feia e estranha e desajeitada em relação aos outros. “Meu pai tinha sido um aluno exemplar. *Exemplar*, o diretor repetia, dissera isso tantas vezes [...] Talvez meu irmãozinho fosse um aluno exemplar, eu pensei, se não tivesse morrido bebê” (LUFT, 2005: p. 18). Aproximando a escola com a família Gisela sofre com desleais comparações com seu pai. Tal comparação serve apenas para reforçar a estrutura de poder empregada em sua casa e seguir baixando sua autoestima. Sua comparação com a possível vida escolar de seu irmão precocemente falecido é consequência de sua vida patética, onde estará sempre na base dessa pirâmide.

O poder nessa trama está intimamente ligado ao ódio. Não é necessário que Gisela afirme que odeia a avó, mas suas lamentações explicam e deixam implícito o ódio pela avó. O mesmo vale para sua mãe: “Longe dela [Frau Wolf], no entanto não éramos tão severos. Especialmente se meu pai viajava ou quando não vinha almoçar em casa, era delicioso conviver com a minha mãe. Falávamos a vontade na mesa, ríamos como duas meninas.” (LUFT, 2005, p. 36). Nota-se que mãe e filha apenas se sentiam

plenas quando não estavam na presença da avó, não há nenhuma repressão, mas alegria em viver e espontaneidade. A presença da mãe é uma válvula de escape para Gisela, longe de Frau Wolf e toda a encenação diária de uma vida germânica regrada dentro de um “país estrangeiro”.

Frau Wolf é a matriarca da família, mas sabe-se que historicamente o poder familiar, a lei, vem na maioria dos casos onde há opressão e onde existe um patriarca comandando tudo. Frau Wolf emula um patriarca turrão, um coronel de bengala mandando em tudo e em todos ao seu redor. O uso da bengala por Frau Wolf emula um patriarcalismo, na qual a bengala, de maneira figurada para um objeto fálico representa a dominação masculina nesse personagem feminino. Não que a mulher não possa ser tão opressora quanto o homem no lar, mas a bengala oferece simbolicamente um objeto a ser usado também para mostrar que seu poder é de fato tão opressor quanto o patriarcalismo. Luft o faz na sua obra e expõe esse ambiente repressor, mas subverte o gênero dominante, na maioria dos casos, e coloca uma mulher de bengala para realizar tal ato.

Uma família tradicional se cria com certos valores, tradições e principalmente dinheiro. A família Wolf era abastada e rica. Possuía muitos bens, dinheiro para manter uma casa grande, uma casa na zona rural e muitos empregados. Uma família grande e reunida frequentemente sob a tutela de um líder. As tradicionais reuniões familiares eram comuns. A tradição se dá pela constante e quase imutável repetição de atos. Reuniões familiares, conversas em língua alemã, apreciação de música erudita alemã, transformaram-se em tradições da família.

A família vive sob esse desamor até a morte da matriarca. Após a morte de Frau Wolf, as tradições da família começam se esvaír gradualmente. Ursula era o elo da família com a longínqua Alemanha, conectada, com diversos artifícios possíveis para a manutenção dessa conexão. Após a morte, a família começa a dar passos em direção a uma identidade própria, abandonando os costumes germânicos impostos pela avó.

\*\*\*

A família Wolf, em *Valsa para Bruno Stein*, por ser coadjuvante na trama, não é descrita com riqueza de detalhes. Diversas características dessa família são especulativas e até mesmo incertas devido a esse papel de coadjuvante na obra, não

havendo minúcias para melhor descrevê-los. Entretanto as características especuladas respeitam não apenas o que é descrito na obra sobre a família, mas também sobre o meio em que se encontram.

A família é pequena e dela fazem parte Almerinda, Arno e seu filho Mário Wolf. Mario Wolf é um mero empregado da olaria de Bruno Stein e seu trabalho resume-se a serviços braçais junto com demais membros da família. As melhores perspectivas para o futuro estavam em coisas triviais, como esvaziar e limpar o açude por um preço miserável, que era metade das carpas recolhidas.

Mario Wolf não parece ter sido escolarizado suficientemente ou da forma adequada para almejar grandes objetivos na sua reles vida. Aparenta ser um rapaz jovem e ainda morava com a família, não tendo namorada e tinha poucos amigos, convivendo apenas com os demais empregados da olaria.

Almerinda Wolf é uma dona de casa humilde, sem grandes sonhos, desejos ou realizações aparentes e provavelmente recebera uma educação precária, baseando-se em sua condição sociocultural atual. Suporta, por provável falta de escolha, o marido que vivia bêbado, apesar disso, o casamento de Arno e Almerinda parece ser estável. Apesar de ter que aturar o bêbado Arno, Almerinda o trata bem.

Arno Wolf aparecia sempre alcoolizado bêbado, sendo provavelmente alcoólatra. Aparece sempre bêbado ou de ressaca. Seu personagem não leva a vida a sério e os acontecimentos acerca dele são sempre de deboche ou pastiche, quando ele enfrenta situações constrangedoras ou cômicas.

A família simples era pequena e eles moravam todos juntos na humilde morada. Não possuíam grandes peculiaridades entre eles e o convívio era pacífico na maioria das vezes, apesar de pequenos atritos triviais. Não havia hipocrisia e viviam de maneira simples no interior sem grandes luxos. Era apenas uma família simples e humilde no interior do Rio Grande do Sul.

### **3.2 Estruturas socioeconômicas**

Compreender as estruturas socioeconômicas significa entender a sociedade em que vivem as famílias analisadas. O poder aquisitivo engloba não apenas dinheiro, mas

poder de fato, o qual comanda pessoas e as manipula conforme a necessidade das circunstâncias. Bordieu (1989, p.10) afirma que:

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto a desmobilização (falsas consciências) das classes dominadas; para legitimação da ordem estabelecida por meio de estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções.

A cultura predominante, teuto-brasileira, presente nas obras do *corpus*, representa a tentativa de imposição cultural aos personagens, tanto no espectro público quanto no familiar, de maneira que essa cultura se alastre pelos ambientes em questão.

A maioria dos imigrantes de origem alemã se estabeleceu nas zonas rurais e mantiveram sua profissão de agricultor, e outros rumaram em direção aos centros urbanos posteriormente. A saída desses imigrantes deu-se, principalmente, devido às dificuldades encontradas no meio rural, forçando as pessoas diretamente desfavorecidas a emigrarem para as Américas, onde teriam terras para povoar e iniciar uma nova vida. Até hoje muitos descendentes dessas famílias continuam exercendo a profissão de agricultor, prosperando ou não. Quanto aos que não prosperavam, caso semelhante ao da família Wolf em *Valsa para Bruno Stein*, de Charles Kiefer, sua vida estava semelhante à sua condição de retirante quando saíram das terras alemãs, não sendo perceptível qualquer prosperidade possível.

Alguns imigrantes saíram da Alemanha por outros motivos, os quais não envolviam diretamente o setor rural da sociedade. Por essa razão, algumas famílias prosperaram na zona urbana, trabalhando no setor industrial ou comercial. Essa prosperidade criou possibilidades de extravagâncias para esses teuto-brasileiros. Toda a *Deutschtum*<sup>72</sup> inerente era mantida em detrimento dos grandes lucros que os negócios proporcionavam.

\*\*\*

---

<sup>72</sup> Germanidade: termo designado para determinar a *Deutschtum*, é citado em trabalho de Seyferth (2004, p. 155): “Blumenau tornou-se o principal núcleo urbano dessa extensa região, e centro irradiador do ideário de uma germanidade (Deutschtum) ‘brasileira.’”

A cidade de Blumental contava com alguns industriais e prósperos empresários teuto-brasileiros, e a família Wolff era a mais rica. Seus ancestrais são descritos como homens trabalhadores e espertos, reis da especulação financeira, conseguindo através de artimanhas estabelecer grandes lucros.

A ascensão econômica dos Wolff se deu na zona urbana, e não na zona rural. A família manteve-se na zona urbana, sendo membro da alta sociedade de Blumental, ostentando os prazeres e os luxos extravagantes das comodidades da cidade.

A família vivia em um palacete. A morada da família era luxuosa e enfeitada com a mais cara decoração germânica. Os símbolos germânicos presentes na casa não serviam apenas para endossar a cultura germânica na casa e na cidade, eram símbolos de ostentação e poder financeiro.

Os Wolff tinham muito poder sobre os acontecimentos na cidade. A partida de Geraldo Torres de Blumental fora arquitetada pelo prefeito da cidade, que se rendia ao poderio financeiro dos Wolff, e pelos próprios Wolff, que tramaram a dissolução das obras da hidráulica da cidade e do fim de suas atividades em Blumental.

O rio que banhava a cidade fora poluído pelo curtume da família, a ponto de causar doenças nos moradores, sempre afetando os mais pobres e moradores ribeirinhos, e por ventura Lore Wolff. A fiscalização, ou as leis que a ela se aplicariam não fazem jus ao seu papel e a família seguiu ganhando grandes quantidades de dinheiro afetando o rio da cidade. A família usou seu poderio financeiro para se beneficiar disso e também aproveitar os luxos da cidade.

Além dos Wolff a outra família rica da cidade, os Kreutz, eram igualmente abastados e também tinha o poder em suas mãos, até decretarem falência. Os membros dessas duas famílias tentaram usar sua influência para obstruir o sucesso da candidatura de sócio de Geraldo Torres ao *Turnverein*. Apesar de seus votos contrários, Geraldo consegue a associação, um dia antes de ser exonerado de seu cargo na cidade.

\*\*\*

A família Wolf em *A Asa Esquerda do Anjo* é uma família teuto-brasileira urbana próspera com uma vida confortável e luxuosa. Poderíamos pensar em nomes ainda hoje conhecidos, como exemplos reais para a ficção aqui em questão, como os

prósperos industriais Oderich<sup>73</sup>, Gerdau, Hering<sup>74</sup>, entre outros, para relativizar essas fortunas.

A condição social elevada da família sempre permitiu diversos luxos nas propriedades da família. A família Wolf possuía empregados para realizarem as tarefas domésticas, como limpeza, por exemplo, e isso era vistosiado a todo o momento por Frau Wolf, até mesmo passando o dedo por cima dos móveis para punir e castigar quaisquer erros. A sujeira não era aceitável em uma casa destas pessoas abastadas.

Os bens materiais ostentados representavam a bonança da família. Gisela lia livros importados diretamente da Alemanha. Seus livros em alemão representavam *status* social, apesar de ela ser indiferente a essa ideia, para sua família, ou sua avó, a questão do *status* era importante para manter certa pompa perante sua sociedade. Fato é que Gisela tinha poucos amigos, não interagia com os demais, sendo assim interagia apenas com os próprios livros.

Além do casarão onde moravam Frau Wolf, tia Helga e tio Ernst, a família ainda possuía uma propriedade no interior, onde se reunia para certas ocasiões. Os empregados, apesar de teuto-brasileiros, falavam em um dialeto estranho, e eram subalternos aos Wolf. Onde a germanidade pode ser um catalisador para a receptividade, ela não tem o mesmo efeito, pois a condição social dos empregados e seu *status* as colocam em grau menor que os teuto-brasileiros ricos e aproximados dos não teutos na escala de receptividade de Frau Wolf.

A riqueza da família proporcionou ainda que as peculiaridades de Frau Wolf fossem fomentadas. A loucura social da matriarca em exigir que todos à sua volta falassem apenas alemão, era consentida não apenas dentro de casa, mas sim na sociedade da cidade: “Nossa família era muito conhecida; minha avó, famosa e antipatizada por causa dos ares de grande dama. [...] Nas lojas só consentia em ser atendida por balconistas que falassem o seu idioma” (LUFT, 2005, p. 19-20). Apesar de ser antipatizada por quase toda cidade, Frau Wolf sempre conseguia suas demandas com o público. A grande dama sempre fora atendida em alemão, pois seu *status* social facilitava essa questão.

Outras extravagâncias ainda se encontram nos objetos decorativos trazidos da Alemanha, bebidas, pratarias, aparelhos de jantar caros e extravagantes e inúmeros

---

<sup>73</sup> Oderich Fábrica de conservas. Fundada em 1908 em São Sebastião do Caí por Adolfo e Carlos Henrique Oderich.

<sup>74</sup> Indústria e Comércio de roupas. Fundada em Blumenau-SC em 1880, pelos irmãos Hering.



outros no interior da casa. Além disso, Os Wolf possuíam um mausoléu, dinheiro investido apenas para cultuar os mortos da família, sendo um símbolo de status:

Dentre as inúmeras formas de expressão do homem diante da morte, destaca-se a edificação de túmulos e a colocação das lápides, que variavam entre a simplicidade da cruz de madeira e a sofisticação do mausoléu, sempre de acordo com as condições econômicas da família do morto. (BLUME, 2012, p. 253)

O dinheiro da família supria a “necessidade” de se manter famosa na cidade. A pompa de Frau Wolf tinha origem na aristocracia e nobreza da Alemanha, quando a Alemanha ainda não era um estado unificado, tendo ainda apenas a língua como aglutinadora. Apesar de longínquos tanto no tempo quanto no contato com esse sistema, a matriarca gostava de aludir à família e dar parte dessa tradição à família, para que seguissem esses costumes. Os títulos nobres de seus antepassados a motivavam a perpetuar as tradições germânicas. Frau Wolf pretendia assim se manter, para garantir o *status* de sua família como uma família aristocrata do século XIX e XX no Brasil, com certo sucesso.

Tio Stefan, que não levava essa tradição e exacerbado requinte no comportamento da família a sério, gozava e ironizava a sogra acerca desses antepassados aristocratas falidos da Alemanha:

“Onde ficava mesmo o castelo dos antepassados na Alemanha? – provocava tio Stefan. Ela citava um lugar, ele respondia, ainda brincando:  
-Aristocratas decadentes, minha sogra, decadentes... Do contrário, não teriam saído de lá para este abençoado Brasil.  
E todos ríamos.” (LUFT, 2005, p. 40)

Apesar das risadas, a família ri verdadeiramente de tio Stefan, pois o argumento é válido. Toda a pompa de Frau Wolf vem de algo que é decadente e inútil para a manutenção e o bem-estar da família, que causa apenas o efeito contrário, é apenas um capricho de uma mulher amargurada que não tem nada além dessa representação forçada de uma pátria e época distante.

\*\*\*

A família Wolf é uma pequena família de proletários em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, com uma economia baseada na atividade rural e colonizada quase que majoritariamente por alemães e seus descendentes. Apesar de uma cidade

colonizada por teuto-brasileiros, não cultivavam germanidade e nem do advento da ascensão social.

A família Wolf está estacionada em uma condição socioeconômica baixa. Não há nada que indique que algo possa mudar essa condição, pelo contrário, pois as situações em que se encontram levam a crer que fiquem estagnados nesse marasmo e até mesmo que piore. “É inútil visitar Arno Wolf [...] porque ele não é sócio da cooperativa, nem pretende se associar tão cedo.” (KIEFER, 1990, p. 131) A condição de agricultor de Arno Wolf poderia melhorar com a cooperativa, mas sua relutância em não aceitar os termos pode levá-lo à falência.

Vivendo em condições precárias, a família Wolf não possui acesso a qualquer tipo de cultura erudita, como a literatura alemã, música clássica, e até mesmo a língua alemã parece estar pedida, pois essa família não menciona em momento algum que usa a língua alemã como segunda língua ou língua materna.

Pela sua condição social, a família mais lembra uma família migrante da então Alemanha do século XIX que teria que abandonar sua terra por uma condição melhor que uma próspera família teuto-brasileira do sul do Brasil. A condição da família de descendentes de alemães, que deixaram o velho continente em busca de melhores condições de vida no Brasil e prospera, tomando como exemplo até mesmo as famílias dos outros romances, não é o caso dessa família. Os Wolf se encontram em condições semelhantes às de famílias de retirantes descendentes de alemães que perderam suas terras para o banco ou para outras instituições, sendo que muitos acabariam por se juntar ao MST (Movimento dos Sem-Terra). A família possuía ainda seu pedaço de terra, mas sua condição de pobreza abre margem para que eles estejam sujeitos a perder essa terra muito facilmente.

A família Wolf não é deveras bem descrita na trama, e pouco se sabe das atividades econômicas da família. Mario Wolf trabalha na olaria de Bruno Stein, e provavelmente recebe um salário mínimo pelo trabalho bruto, para o qual não necessita de muita instrução. Arno Wolf era aparentemente produtor agrícola ou qualquer profissão vinculada com o serviço rural, visto que essa condição não lhe provia conforto socioeconômico, sem perspectiva de mudança.

Para sua própria subsistência Mario Wolf juntamente com Gabriel, o empregado novo da Olaria, concordam em limpar completamente o açude por apenas 1/3 da quantidade de carpas presente no alagadiço. Mas esse trabalho significava o emprego de

muita força e tempo. O rapaz sabe que precisa realizar tal procedimento para ajudar sua família, pois são realmente pobres.

Mario Wolf e seus pais eram pessoas humildes de pouca escolarização e instrução. Seus pequenos momentos de indignação são facilmente suprimidos pela lábia do chefe, o qual suaviza os ânimos de seus trabalhadores com elogios rasos e vagos: “Agora sim nossa fábrica irá pra frente – continuou fechando o livro. Temos o melhor paleador, o melhor cortador, e o melhor puxador de carrinho. Erandi e Mário voltaram na sua direção sorrindo” (KIEFER, 1990, p. 68). Esse breve reconhecimento do trabalho suaviza a indignação do proletário, conseguindo domá-lo e mantê-lo sob a rédea da burguesia. Bruno Stein ao referir-se à olaria como “nossa” engana os empregados. Ele se assemelha ao nobre alemão que tinha uma relação dominadora com seus empregados. Nessa situação, o empregado se parece ao camponês que vivia na Europa no período anterior à migração.

Arno Wolf é o reflexo do ser humano que desistiu da vida, não tem ambição e só segue a corrente sem procurar qualquer tipo de melhora. Seu comportamento é de alguém desleixado, aparecendo sempre bêbado, desmaiado, ou de ressaca. Não se importa se isso incomoda sua família, apesar de saber que sua mulher não gosta, e se ajeita em qualquer canto: “Arno Wolf, retomando o assovio da valsa cambaleou ruma à olaria, onde pretendia passar a noite porque sabia que Almerinda não o deixaria entrar em casa” (KIEFER, 1990, p. 174) Esse desleixo é comparável ao comportamento de um animal, que se deita em qualquer canto e dorme, e dorme na rua para não incomodar o patrão, ou a esposa.

A família Wolf não se relacionava socialmente com pessoas de altas classes sociais. Com exceção de Bruno, que fugia do inferno de sua família para arejar as ideias com as pessoas mais simples. Em suma, conviviam entre si e com demais proletários. Mario Wolf certa vez saiu para comemorar o carnaval com os empregados da olaria e arrumou uma confusão com Erandi, que quase resultou em morte. Os dois empregados quase se matam por uma besteira, mas escondem o fato de Bruno, pois eles temiam perder seus empregos, medo causado pela sua condição social paupérrima.

### 3.3 Simbologia na preservação cultural

Os símbolos germânicos são importantes alicerces na manutenção de uma *Deutschtum* dentro de um recinto que está a léguas de distância daquilo que os imigrantes tomam por *Vaterland*<sup>75</sup>. Esses símbolos perpassam as histórias, quando da busca por um resgate e pela manutenção de uma identidade que veio trazida da Alemanha e que se manteve de certa maneira no território brasileiro.

Podemos encontrar inúmeros elementos da cultura germânica apresentados nas obras que remetem a tais símbolos. Dentre os símbolos podemos citar a questão do uso da língua alemã nessas famílias. Os símbolos da época do Terceiro *Reich* foram resgatados pelo governo alemão e serviram de símbolos para o governo consolidar sua marca e atingir o povo alemão, mesmo distante da Alemanha, o caso dos imigrantes alemães espalhados pelo mundo.

\*\*\*

A cidade de Blumental é colonizada majoritariamente por descendentes de alemães e estes prosperaram financeiramente e mantêm o controle financeiro sobre a cidade. A zona urbana da cidade emula traços típicos germânicos da arquitetura e suas características urbanísticas adjacentes.

Blumental é descrita por Geraldo Torres como um local que nada tem a ver com o Brasil que ele conhece e sua viagem de trem não parece o ter levado para outro estado do país, mas sim para outro continente: as características da cidade, assim como o povo que ali mora não alude a nenhuma brasilidade que conhece, tais como a Amazônia e o Rio de Janeiro.

Dentre as características mais marcantes estão as casas de arquitetura típica alemã, as chamadas *Fachwerkhäuser*, as quais pouco se pareciam com as casas do estilo colonial português ou com as ocas indígenas, que ele conhecia do contexto amazonense. Nesses mesmos edifícios, no caso de prédios comerciais, os dizeres dos estabelecimentos eram escritos em alemão na escrita gótica:

---

<sup>75</sup> Terra pátria, país de origem.

Nada que pudesse lembrar, senão fugidamente, os sobrados do Norte ou a arquitetura colonial portuguesa. O conjunto era tipicamente germânico. Se alguma influência tinha sofrido, que lhe suavizasse os contornos, essa influência procedia dos estilos holandês e suíço. Depois a atenção do engenheiro voltou-se a para as placas e letreiros, onde procurava decifrar os dizeres: *Apotheke*, *Schumacher*, *Bäckerei*. (MOOG, 1990, p. 11)

Apesar de estar no Brasil, onde a língua oficial do país é o português, a cidade intriga Geraldo com seus dizeres quase todos em uma língua que lhe é deveras estranha, apesar de ser conhecedor de clássicos da literatura alemã.

O rio que banha a cidade é peça fundamental na constituição do município. O rio que traz prosperidade também foi catalisador de uma crise sanitária pela qual a cidade passou antes da chegada, e depois da saída do engenheiro Geraldo. A construção da barragem é fundamental para a continuação do desenvolvimento de Blumental. O rio de fato imita o rio Reno em importância. O rio Reno é um dos mais importantes da história e do folclore popular alemão<sup>76</sup>. O Reno é responsável também por demarcar fronteiras com outros países europeus e foi palco de todas as guerras em que a Alemanha esteve presente. Assim o rio de Blumental, fundamental para a existência da cidade, também separa esse pequeno pedaço da Europa do resto da América Latina, assim como Reno deveria fazer a fronteira natural entre a Alemanha e os países vizinhos.

Não por coincidência, a personagem principal se chama Lore. O poema de 1823 do poeta alemão Heinrich Heine “Das Loreleylied” narra como uma sereia atrai os barcos e seus tripulantes para perigosos rochedos do rio Reno, culminando em acidentes fatais.

As casas da cidade, como estabelecimentos comerciais, bares, hotéis, e casas de família são decorados tentando imitar ao máximo a Alemanha. A casa dos Wolff é um verdadeiro palácio nacional-socialista em pleno Brasil. Decorações de itens e objetos alemães por todas as partes, sem contar o busto de Adolf Hitler na sala, dando ares de palácios contemporâneos ao regime totalitário.

Além da casa dos Wolff, o interior dos estabelecimentos era decorado com adornos germânicos, como se pode ler em outra passagem: “Percorriam com os olhos as pinturas murais representando paisagens da Turíngia e dos Alpes; as janelas encortinadas; as fotografias dos salões transatlânticos da Hamburger Linen” (MOOG,

---

<sup>76</sup> Ao longo do Reno. In: *Deutsche Welle*. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/not%C3%ADcias/ao-longo-do-reno/s-100541>> Acesso em 28 jan. 2016.

1990, p. 66). Aqui se confirma que toda a cidade, os moradores, Geraldo e a família Wolff estarão envolvidos de todas as maneiras em uma atmosfera alemã.

Na biblioteca da sociedade de ginástica é evidenciado que lá se encontra absoluta maioria de livros escritos em alemão. Fato é que alguns livros ali parecem estar por mera decoração e não de uso: “Coleções de Goethe, de Schiller, de Schlegel, preciosamente encadernadas, encham o primeiro. Apesar de antigas, parece nunca terem sido manuseadas.” (MOOG, 1990, p. 49). Assim como a Alemanha de Hitler, a sociedade de ginástica de Blumental colecionava e resgatava símbolos de antigamente a fim de manter viva uma estrutura germânica dentro de sua sociedade.

A literatura faz-se presente na obra como um símbolo e uma representação da cultura. Geraldo era um assíduo leitor e entre suas leituras podia citar Goethe, por exemplo. A família Wolff possuía, em sua casa, diversos exemplares de obras de autores alemães, dando a entender que a família lia apenas autores alemães ou apreciava a literatura alemã clássica mundialmente consagrada.

Em discussão na casa dos Wolff, Geraldo, Lore e o violoncelista Raul Machado discutem a literatura e comparam Goethe e Napoleão. Geraldo e Lore tomam Goethe por um escritor melhor, enquanto o violoncelista nomeia Napoleão como melhor escritor. A escolha de Geraldo por Goethe é criteriosamente técnica, enquanto a escolha de Lore se deve a influência de sua casa germanizada, e jamais colocaria algum francês na frente do maior poeta alemão.

A família Wolff possui em sua biblioteca um grande acervo de livros de literatura alemã e autores de origem germanófono. Entre eles há exemplares de autores consagrados, como Goethe e até mesmo o exemplar de *Mein Kampf*, de Adolf Hitler. A família, em especial Frau Wolff, não pretendia possuir livros que não se encaixavam na política de leitura nacional-socialista, nem não alemães, ainda que possuísse também obras de Goethe e Napoleão em sua prateleira:

- Pelo que vejo, a senhorita está bem acompanhada – diz ele, examinando alguns livros que se achavam ali, junto a uma estatueta de porcelana. – Excelente companhia: Goethe e Napoleão. – Referia-se a dois volumes ricamente encadernados em preto com incrustações em douradas, que tomara entre as mãos
- Ah! Nem sei como esses livros foram parar aí. Já são um pouco antigos. Mamãe queria queimá-los, depois que descobriu que o autor é judeu – explica Lore sorrindo. – Eu é que não deixei. Gosto muito dessas biografias (MOOG, 1987, p. 44)

Salvos pelo apego de Lore, livros de autores mundialmente conhecidos foram poupados, ainda que Frau quisesse refazer um *Bücherverbrennung*<sup>77</sup> em Blumental. Não há também registro de autores brasileiros em sua casa, pois as leituras de Marta Wolff eram dedicadas a aprender sobre o regime alemão e convergir com as ideias do então governo.

Em certa altura Geraldo e seus amigos escutam ao fundo a música “Danúbio Azul”. A música do austríaco Strauss preenche o ambiente e aclimata o local. Geraldo dificilmente ouviria uma valsa de Strauss em algum bar de hotel na Amazônia ou no Rio de Janeiro. A valsa tocada ali naquele momento aleatório é proposital para que se sinta o ambiente da cidade, para que lhe pareça cada vez mais estranho, mais longe de sua pátria, cada vez mais estrangeiro.

Por se tratar de uma cidade em que a maioria das pessoas é formada de imigrantes ou descendentes alemães, era comum o uso da língua alemã. A língua portuguesa ficava restrito ao uso social. O idioma causa certa surpresa em Geraldo ao chegar a Blumental, não conseguia compreender como um idioma tão diferente pudesse ser falado pela maioria das pessoas em uma cidade do Brasil.

Na cidade, a língua alemã não era exclusiva dos teuto-brasileiros. Pessoas ligadas às famílias ricas, como a empregada negra da família Wolff, geralmente também falavam alemão. A cômica cena para Geraldo, que estava acostumado a ouvir “arianos” a falar a língua, não imaginava que houvesse negros na cidade que pudessem dominar o idioma em questão. A língua alemã era tão presente na família Wolff, que não se falava português nem com os empregados. Estes, não tendo a língua alemã como língua materna, teriam que aprender o idioma.

As festas, comemorações e recreações eram todas, assim representadas na obra, organizadas para a sociedade germânica e de cunho representativo germânico. O principal clube da cidade era formado pelos principais membros de origem teuto-brasileira. Os jogos, assim como o ambiente, remetiam sempre à Alemanha. O mesmo se dava com bares e restaurantes da cidade. A germanidade estava presente tanto em locais simples, no dia-a-dia, assim como em festas de caráter tradicional, como o *Kerb* e alguns moradores da cidade reclamam da comida do *Kerb* ”- A comida alemã

---

<sup>77</sup> Em 1933 dá-se a grande queima de livros pelos nazistas. In: *Deutsche Welle*. 2015. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/1933-grande-queima-de-livros-pelos-nazistas/a-834005>> Acesso em 22 jan. 2016.

embrutece a gente. Aquele maldito repolho azedo. Quem é que aguenta? Tem que embrutecer” (MOOG, 1987, p. 133). Armando faz uma analogia da comida alemã com os alemães de Blumental, ambos eram brutos e indigestos, criticando-os diretamente.

Liderados por Frau Marta, a família deveria seguir os padrões de eugenia imposta pelo governo alemão. Para Frau Wolff o sangue da família deveria ser puro, e sendo assim, ela ignorava que tinha sangue de *Mucker*, que era descendente de subversivos ao governo e contrários à religião em meados do fim do século XIX.

Frau Marta era uma teuto-brasileira descendente de uma geração de pessoas subversivas. Casara-se com um filho de alemães e se auto proclamava alemã, pois acreditava na lei sanguínea alemã. Seguia cegamente a ideologia nazista, apenas para seguir um pensamento de superioridade alemão, não sendo simpática com as outras etnias. Por essa razão Marta Wolff tentava esconder que era descendente de *Mucker*, pois essa condição seria semelhante à condição de ser judeu, pois assim não seria bem quista pela sociedade.

Sua interjeição ao relacionamento de Lore e Geraldo era evidente e inevitável, visto que antes mesmo que houvesse qualquer fagulha entre o casal seu mau humor era evidente. Geraldo, na tentativa de obter ajuda de Lore em divulgar o evento e a venda dos ingressos para o concerto na sociedade de ginástica, ouve uma negativa de Frau Marta: “- Impossível! – sentencia Frau Marta, com uma voz implacável, cortante, metálica. – Esta semana estará [Lore] muito ocupada com os preparativos da Páscoa” (MOOG, 1990, p. 43) Nota-se que a presença de Geraldo e seu domínio da literatura alemã lhe causa incômodo, visto que não aceitaria que um “caboclo” soubesse tanto de literatura alemã e música erudita. Sua simples presença a incomodava.

Geraldo Torres tem seu trabalho interrompido e sua saída da cidade é tramada. Sempre se viu na cidade como um estrangeiro, por tudo que passou, e na sua caminhada final pela cidade esbraveja e encoleriza-se. O seu namoro com Lore foi vetado devido ao pensamento eugenístico tanto da família quanto por grande parte da sociedade de Blumental. O pensamento da cidade e da família, que pretendia seguir regras oriundas de um sistema que fora idealizado em um continente aplicá-lo no Brasil, é ainda mais implausível e incabível quanto na própria Europa. O quase inexistente convívio da população teuto-brasileira com pessoas de outras etnias causou uma segregação e aceitação desse pensamento. Geraldo foi embora de Blumental, pois suas características destoavam demais do local em que trabalhou.



Outro símbolo presente na obra é a igreja luterana, onde se encontravam as pessoas da alta sociedade teuto-brasileira da cidade. Na visão de Geraldo era uma continuidade triste do que Martin Lutero sonhava, quando conclama a separação da igreja católica. “Então era aquela igreja que o exuberante Lutero tinha fundado? Não, não podia ser. Lutero seria quando muito o patrono do protestantismo da colônia, um protestantismo risonho [...]” (MOOG, 1990, p. 164) O pensamento de Geraldo Torres resume o quão complicada a cidade é, refletida pela sociedade que a compõe. Conhecedor da sociedade de Blumental, para Geraldo Torres os luteranos teuto-brasileiros ricos compunham um antro de energias negativas.

\*\*\*

A matriarca da família, Ursula Wolf, a única da família que nasceu na Alemanha, comanda seu clã. Seu primeiro nome é raras vezes citado na obra e nunca é chamada pelo seu primeiro nome, visto que na Alemanha as pessoas desconhecidas geralmente são chamadas pelo pronome de tratamento *Frau*, seguido pelo sobrenome.

Frau Wolf mantém em sua casa um reduto da Alemanha, impondo a língua alemã em seus domínios. Não fala outra língua se não o alemão e não admitia que se falasse outra língua na sua presença. A rigidez da matriarca nunca foi questionada ou desrespeitada, pois o medo era grande.

Apesar de todos os descendentes do clã Wolf terem nascido no Brasil, todos possuem nomes alemães. O pai de Gisela chama-se Otto, o tio Ernst, a prima Anemarie, a tia Marta, e outra tia Helga. Até mesmo a mãe de Gisela, que possuía um nome muito comum no Brasil era pronunciada na maneira alemã. “- Marie, você precisa ser mais exigente com suas empregadas! – sempre chamava minha mãe pela forma alemã do seu nome” (LUFT, 2005, p. 36) Nota-se que a identidade da mãe de Gisela é totalmente desrespeitada, sendo obrigado a se adaptar aos desmandos de Frau Wolf. Além disso, o desrespeito de Frau Wolf é também social, pois classifica o nome “Maria da Graça” como um nome de criada. Desta forma ela desqualifica não apenas a classe proletária, mas também desqualifica a mãe para que possa, através do nome, ser uma Wolf de fato. A mudança do nome, pelo menos da maneira fonológica, é apenas um artifício que Frau Wolf cria para manter germanizada a integrante de seu fechado clã.

Alguns nomes não são escolhidos por acaso. Alguns remetem a pessoas ou símbolos alemães e outros possuem significados na sua origem. Gisela é um nome com sonoridade dúbia, podendo ser pronunciado tanto em alemão como em português, e seu significado do germânico significa “refém”, sugestivo para o caso em que a moça se encontra. Otto remete a Bismarck, e seu significado é “rico, próspero”, como realmente era o perfil de Otto. Heidi, citada uma vez, significa “nobre”. De fato, cada nome não remete diretamente a seu significado histórico, mas faz referência direta à germanidade. Com exceção de Gisela, no qual o nome realmente fazia referência a sua condição de refém de sua avó, os outros nomes eram apenas nomes germânicos utilizados por essa família teuto-brasileira.

A vida de Gisela tinha tristes similitudes com os personagens vividos nos livros que costumava ler. Seus livros eram trazidos diretamente da Alemanha e falavam sobre a vida de príncipes e princesas vivendo um mundo de conto de fadas, obras possivelmente compiladas e escritas pelos irmãos Grimm. Ela não levava uma vida de princesa, apesar do luxo, mas poderíamos remeter à vida de Cinderela, que nunca achou seu príncipe encantado, ou a vida de chapeuzinho vermelho, que vivia prisioneira do lobo mau, que há tempos havia engolido a vovozinha.

Além das obras em língua alemã, a música tocada na casa, como piano e violoncelo, correspondia mais a um estilo europeu, apesar de o Brasil também ter grandes músicos clássicos. As primas aprendiam de fato a tocar compositores alemães e europeus.

Frau Wolf seguia a lei consanguínea alemã, a qual rege que um alemão é alemão mesmo estando longe de sua pátria pelo seu grau sanguíneo (*jus sanguinis*). A ideia de Frau Wolf era manter as tradições alemãs, pois, segundo ela, um alemão precisa ser alemão mesmo estando fora de sua pátria natal.

A organização familiar em volta da matriarca servia como doutrinação germânica dos membros da família. Apesar de parecer implausível, as reuniões familiares eram de presença obrigatória, regra implícita. Gisela também não tinha sequer alguma defesa. A refém devia permanecer na casa da avó, não tinha escolha, e em certa altura da noite ela deveria permanecer no recinto das crianças, não podendo permanecer onde os adultos se encontravam.

As reuniões familiares ocorriam em inúmeras ocasiões. Ou eram apenas situações informais de domingo, ou se realizavam em festas comemorativas como o

Natal. As reuniões serviam de maneira indireta como uma aula de preservação das tradições de Frau Wolf seus familiares. Canções entoavam as festas da família. Apesar da aparente felicidade, nesse ambiente Gisela vive sob o medo.

O mausoléu da família representava, além da morte, a necessidade de conexão *post-mortem* dos membros da família. Após a morte de alguém da família, esse membro deveria manter-se vivo na memória da família Wolf.

\*\*\*

A germanidade da família Wolf está no passado e já foi esquecida. Sua única conexão com o velho continente é seu sobrenome e sua pobreza comparável aos emigrantes fugindo da pobreza da Europa. A língua alemã, corriqueiramente utilizada em ambientes familiares teuto-brasileiros não é identificada nem utilizada em momentos de emoção: “Pai, tu não toma jeito! Exclamou Mário, furioso, agarrando-o pelo braço” (KIEFER, 1990, p. 86). Aparentemente a família já usa o português como língua materna, pois nem em uma situação de raiva, quando a língua materna geralmente se sobressai, eles mantêm a conversa em português.

A casa dos Wolf praticamente não possui material decorativo, nada que remeta à Alemanha. Suas tradições, apesar de pouco descritas, não remetem nem aludem a nada. A família perdeu, com o tempo, as tradições alemãs, ou ao menos não remete a elas, não as utiliza. A família não alude aos símbolos germânicos, a única coisa é que sua condição, como já foi dito, alude a famílias de retirantes alemães do século XIX.

A veneração acerca de música e livros clássicos alemães estava apenas atrelada à figura de Bruno Stein, o qual poderia, pela sua condição financeira e social, conseguir pagar e usar essas obras clássicas alemãs. A já mais brasileira que alemã família Wolf seria adepta de festas brasileiras, como o carnaval, como aconteceu quando Mário Wolf comemorou a sua folga. O *Kerb* ou o Carnaval são festas como quaisquer outras para a família Wolf. Nascidos já no Brasil, a família Wolf foge do espectro teutônico que Bruno Stein ainda tenta preservar em seu lar.

## 4 As famílias Wolf/Wolff em diálogo

As famílias Wolf aqui analisadas nas obras ficcionais apresentam inúmeras semelhanças entre si e aparentemente elas estão conectadas intertextualmente por meio de inúmeros fatos e nuances. A primeira e mais clara nuance que relaciona as três famílias é o sobrenome Wolff/Wolf. “Wolff” em *Um Rio Imita o Reno* e “Wolf” em *A asa esquerda do Anjo* e *Valsa Para Bruno Stein*. Apesar da mudança de grafia, que também pode variar entre Wulf e Wulff, a palavra possui o mesmo significado, remete ao conceito de “lobo” e teve a grafia alterada, de acordo com as frequentes e possíveis mudanças em sobrenomes. O modo de escrever alguns sobrenomes também pode mudar devido à origem. Alguns sobrenomes alemães, em que a família tem origem judaica também mudam a sua grafia.

### 4.1 O sobrenome

O nome Wolf/Wolff poderia ser apenas uma coincidência nas relações entre essas famílias, mas a investigação em torno do nome dessas três famílias pretende provar que não há coincidência, pois a base da teoria da literatura comparada afirma que na literatura não possui coincidência, nem surge de um espaço vazio: “A literatura se escreve certamente numa relação com o mundo, mas também apresenta-se numa relação consigo mesmo[...]” (SAMOYAULT, 2008, p. 9). O nome é apenas a ponta do iceberg dessas similitudes que ocorrem entre as famílias. Para não passar de mera coincidência, precisamos analisar aspectos familiares fundamentais, como os trabalhados no capítulo anterior, e colocá-los um ao lado do outro, comparando-os para uma análise profunda.

Como se afirmou acima, o nome por si só já é um elemento de semelhança entre as famílias, mas são as outras semelhanças que garantem através desse nome a ligação entre elas. Se fosse apenas o sobrenome, poderíamos afirmar que se tratasse de algo comum, pois o nome Wolf é recorrente tanto no Brasil quanto na Alemanha<sup>78</sup>.

---

<sup>78</sup> REGISTRO HISTÓRICO DO IMIGRANTE ALEMÃO JOHANN NIKOLAUS. In: Centro de Apoio a Pesquisas e Encontros Familiares. 2009. Disponível em: <<http://www.genealogiacapef.com.br/index.php/br/publicacoes-das-familias/59-wolf-no-brasil>> Acesso em 24 jan. 2016.

Ainda que a família Wolf em *Valsa Para Bruno Stein* seja distinta, a estrutura das famílias, entretanto, se assemelham muito em Moog e Luft. As famílias Wolff/Wolf em *Um Rio Imita o Reno* e *A Asa Esquerda do Anjo* apresentam características organizacionais muito semelhantes. Nesse sentido, analisar essas semelhanças e o porquê de uma terceira família tão distinta é um aspecto muito relevante a ser examinado.

#### 4.2 A estrutura familiar

Em relação à estrutura da família, os Wolff na obra de Moog são conservadores e mantenedores dos costumes germânicos em solo brasileiro, a começar pela sua organização, envolvendo muitos membros presentes. Era recorrente a presença de todos os filhos de Marta Wolff no palacete da família, especialmente nos domingos, mantendo assim a organização de uma grande família unida. A família era regida e comandada por Marta Wolff e, apesar de certo descontentamento de outrem, sempre alcançava seus objetivos e suas vontades.

A família Wolff é comandada por Frau Marta, e ao seu redor vivem seus filhos, e seu marido. Seu outro filho, que vive com sua esposa e filho, faz recorrentes visitas na casa da mãe, caracterizando assim a família como um grande grupo de pessoas, estreitando seus laços.

Já na obra de Luft, Frau Wolf comanda sua família em estrutura semelhante. Vivia na mesma casa com uma filha e o genro. O resto da parentela visitava a avó com uma rígida frequência estabelecida. O grupo assim como na obra de Moog, se encontrava seguidamente, dessa maneira reafirmando sua estrutura de grupo, reforçada pela presença desses membros, ou seja, a reunião constante dos membros dessa família reunida na casa de Frau Wolf endossava o caráter de comunitário, ainda que tenha sido de certa forma às avessas.

Na obra de Kiefer, a família Wolf é um pequeno grupo, composta pelo pai, pela mãe e pelo filho. Apesar dessa estrutura baseada em três figuras principais, a família difere muito dos Wolf dos outros romances. Eles dificilmente aparecem nos mesmos

locais juntos, não mantendo uma unidade familiar aparente. Sendo assim, os personagens dessa família possuem independência em relação aos outros membros na família no que tange às relações e obrigações sociais e familiares.

Sendo assim, podemos afirmar que as duas primeiras famílias possuíam mais caráter de grupo e mais senso de comunidade que a família em Kiefer, podendo isso ser verificado nas reuniões festivas dessas famílias.

Os membros da família Wolf em Kiefer, por não serem figuras centrais na narrativa, não participam de festividades e outras ocasiões sociais. Essa família participa como coadjuvante em cenas diversas da trama, mas não compreendendo uma força centrada em uma unidade, sem identidade enfim. Poderiam ser trocados por outros personagens, sem mudança significativa no enredo, mas no todo dessa análise, poderemos concluir, ao final, que esse papel de coadjuvante não é irrelevante, tendo um propósito, pois apresenta uma família, Família Wolf, em um cenário muito diferente em relação às duas outras, em um cenário de perda e derrota.

Apesar de manter estruturas tradicionais, a família Wolf em *A Asa Esquerda do Anjo* é a única família que debate a questão da homossexualidade e o incesto. A personagem Gisela sente atração física pela sua prima Anemarie: “Muitas vezes adormeci consolando-me com a lembrança de Anemarie, a quem amei.” (LUFT, 2005, p. 25). A presente citação não era apenas um lapso, pois Gisela confessava seu amor pela prima durante toda a narrativa, ela é a única a romper esse aspecto tradicional específico de família entre os três livros.

### **4.3 A opressão no meio familiar**

Os protagonismos, no seio da família, de Marta Wolff e Ursula Wolf são semelhantes. Marta Wolff exercia uma liderança forte e suas decisões eram respeitadas e acatadas, com descontentamento, mas não desobedecidas. Na casa de Marta Wolff sua opinião prevalece diante de familiares e convidados e seu descontentamento demonstrado sem pudor. O busto de Adolf Hitler em sua casa era um símbolo, mostrando que a casa vivia em uma autocracia com um líder supremo, Frau Marta. A líder do clã Wolff decidia o destino das pessoas em sua volta. A filha Lore Wolff fora impedida de se relacionar com Geraldo Torres por um ideal. A individualidade de Lore

não fora respeitada em prol de uma ideia, uma decisão autoritária em função de uma ideologia que mantinha a identidade da família.

Ursula Wolf, em *A asa esquerda do Anjo*, é uma releitura de Marta Wolff, pois algumas características da personagem, como sua sisudez, são devidamente aumentadas para essa caracterização. O autoritarismo na família Wolf não acontece de maneira ativa pela matriarca, mas é passivo, ativado pelo medo de cada familiar, e Ursula Wolf nunca fora contestada. Apenas sua presença funesta era o suficiente para alertar o medo em todos ao seu redor: "Meu pai ficava dócil diante dela [Frau Wolf], ouvia atento seus conselhos sobre nossa vida particular ou sobre assunto das empresas" (LUFT, 2005, p. 36). Um único ato que contrariou sua vontade fora realizado fora de sua alçada, quando Anemarie e Tio Stefan fogem para viver um amor proibido.

Os almoços com características de encenações teatrais e as reuniões familiares na família Wolf, em *A Asa Esquerda do Anjo*, eram realizados todos os domingos: "Voltávamos lá aos domingos, dessa vez com meu pai, quando não era preciso estudar piano. Eram as reuniões de família, também sob o império de Frau Wolf, que a todos controlava com olhos atentos e a tudo avaliava com opiniões que não admitiam discussões, eram sentenças" (LUFT, 2005, p. 15). Não há livre arbítrio para se ausentar desses encontros, pois tal ato seria uma afronta para Frau Wolf. A necessidade irracional de se manter uma tradição sem contestar sua finalidade e a saturação dessa ação fazem desse mais um exemplo de que a família precisa cumprir rituais para satisfazer a matriarca.

Se Frau Marta tinha o busto de Adolf Hitler em sua casa para representar sua autoridade na família, Ursula Wolff utilizava sua bengala, tal objeto fálico emulava a dominação masculina, e casos de opressão em governos e ditaduras, regidas majoritariamente por homens: "[...] analisando a figura de Frau Wolf podemos encontrar marcas do patriarcalismo, que vão desde a utilização da bengala, aqui entendido como símbolo fálico, até o modelo de conduta asséptico estabelecido por ela e acatado por homens e mulheres da família." (MOURA, 2011, p. 1927). Há muitos exemplos clássicos de uso da bengala, simbolizando poder: os coronéis opressores do nordeste brasileiro, o ceptro de reis, e personagens da ficção como Michael Corleone de *O Poderoso Chefão*. Ainda que haja distinção entre ambas, as duas matriarcas possuem um símbolo em sua volta, que representa o seu poder.

Almerinda Wolf, em *Valsa Para Bruno Stein*, é a terceira nessa análise. Almerinda possui uma família composta por apenas três pessoas, contando com ela. Mario Wolf, não precisava de controle dos pais, pois já era adulto; o problemático da família era o incorrigível alcoólatra Arno Wolf, o pai. Esse, Almerinda, não conseguia controlar e na maioria das vezes aparecia bêbado na trama, apresentando-se, assim, a figura de uma esposa que não detinha qualquer controle sobre sua situação.

Assim sendo, temos três personagens na mesma linha. Marta Wolff, Ursula Wolf e Almerinda Wolf, por ordem cronológica de publicação dos romances. As duas primeiras seguem uma linha autoritária, baseada em sistemas autocratas no modo de “governarem” os seus familiares. Marta Wolff pode ser considerada uma líder de família comedida se comparada com Ursula, pois Frau Marta ainda permite a manifestação verbal, ainda que rejeite qualquer reclamação. Qualquer forma de diálogo com Ursula é inexistente, ela impõe através do medo alheio sua dominação em relação aos outros membros.

Fugindo desse prisma de dominação, está Almerinda Wolf, mãe de Mário Wolf e esposa de Arno Wolf. Almerinda, na mesma posição de mãe, tem papel totalmente diferente das suas companheiras de posto. Sua família, principalmente seu marido, não lhe presta qualquer satisfação e ela não rege a família, mesmo que não haja necessidade de uma dominação e de regras. Poder-se-ia dizer que a família não vive em um regime autoritário, simplesmente contrastando com as duas famílias anteriores, deixando de lado a sisudez e a dureza das famílias anteriores. Uma mudança notável, portanto, comparando-se as três, pois a mudança existente entre as famílias um e dois são mudanças graduais de intensidade e não de perspectiva.

#### **4.4 A importância das origens**

Outro fator importante é a análise dos símbolos e costumes germânicos nas três obras, pois elas remetem à origem dos personagens. Para manterem uma unidade germânica em seu meio, as duas primeiras famílias, centradas em Ursula Wolf e Marta Wolff, mantêm diversos costumes dos seus antepassados, enquanto a terceira família apenas o sobrenome apresenta.



Na obra *Um Rio Imita o Reno*, Marta é casada com Karl Wolff, detentor do sobrenome, um legítimo alemão, e por essa razão Marta Wolff se considera também uma alemã nata, apesar de ter nascido no Brasil em uma família de descendentes alemães. Frau Marta escondia, além disso, o fato de ser descendente direta de revolucionários ligados à Revolta dos Mucker. Marta tem orgulho do primo de seu marido, Otto Wolff, por estar servindo o governo alemão no período do Terceiro *Reich*.

Ursula Wolf, em *A Asa Esquerda do Anjo*, por ter nascido na Alemanha e ter imigrado ainda pequena ao Brasil, sempre tem uma postura de superioridade. Possuía linhagem “nobre”, ainda que fossem aristocratas alemães falidos, sempre se lembrando do suposto castelo que seus antepassados possuíam em certa região da Alemanha.

A origem de Ursula Wolf é fundamental para os acontecimentos da trama. A partir dessa origem ocorre a tentativa de imitar um local ideal, semelhante ao seu país de origem. Por vezes o local ideal de Frau Wolf aparenta ser um devaneio, tanto pelas condições absurdas que foram criadas, quanto pela sua imprecisão em determinar onde sua família, e seu castelo se localizavam no país.

Almerinda Wolf, em *Valsa para Bruno Stein*, parece ser de origem humilde, assim como sua família. Essa suposição se deve à atual condição em que vivem. Faltam mais detalhes a respeito da origem da família na narrativa. Apenas se sabe que lá vivem e se chamam Wolf, são descendentes de alemães, e que são pobres. A se basear pelas obras de Kiefer, como *Quem Faz Gemer a Terra*<sup>79</sup> podemos apenas especular que são agricultores pobres que podem perder as terras e ingressando em outro ramo, ou se mudando para a cidade, visto que seu filho já não trabalha em casa com os pais e Arno Wolf se recusa a entrar na cooperativa da cidade. Sua semelhança com a Alemanha é apenas a condição de pobreza vivida pelos seus antepassados e que os levou à emigração.

A origem das três famílias é compatível com o estado socioeconômico e cultural em que elas vivem. As famílias ricas conseguem sustentar uma busca e/ou manutenção de sua identidade alemã, enquanto a família pobre tem outras prioridades mais, ou essas tradições já se esvaíram.

As famílias em *Um Rio Imita o Reno* e *A Asa Esquerda do Anjo* têm em seu cerne a tentativa de preservar a lembrança de sua origem alemã, como a tentativa de

---

<sup>79</sup> Quem faz Gemer a Terra (1991) relata a perda das terras ao banco por uma família teuto-brasileira.

manter o sangue alemão e atitudes afins. Já a família Wolf em Valsa para Bruno Stein não remete aos seus antepassados de maneira ativa. Apesar de representar na condição socioeconômica uma família pobre oriunda da Alemanha pré-capitalista, essa família não alude à Alemanha nem aos antepassados, não havendo uma tentativa de manter a memória desses antepassados viva.

#### 4.5 A importância da língua

A língua alemã é o principal elemento da caracterização cultural alemã e uma das formas de manutenção da identidade das personagens nas tramas: “A língua materna caracteriza o indivíduo e está intimamente ligada à sua identidade. Por esse motivo, a Primeira Língua (L1) é de extrema importância para uma pessoa: ela age como uma manifestação identitária pessoal e intrínseca ao indivíduo” (SPINASSÉ, 2008, p. 2). Seguindo a assertiva de Spinassé, a língua é um dos fatores mais eficientes de conexão humana, por ela há uma fixação de uma identidade por parte de seus falantes. Além disso, em consonância com as obras, um grupo de indivíduos pode dominar e inserir o idioma no dia a dia, o que acarreta incluir pessoas em certos círculos e excluir, ou diminuir a importância de outros.

A cidade de Blumental, que ambienta a obra de Moog, é uma cidade majoritariamente colonizada por alemães assim se manteve até os dias contemporâneos da narrativa. A maioria dos habitantes tinha como língua materna o idioma alemão, ou algum dialeto derivativo do *Hochdeutsch*<sup>80</sup>. A cidade respirava a língua alemã, o que não era diferente da família Wolff e seu ambiente familiar, na qual as pessoas falavam a língua, liam livros em alemão, liam jornais publicados no Brasil em alemão e se portavam como se estivessem em algum enclave alemão incrustado no interior do Brasil.

Em uma espécie de *tour* pela cidade, o promotor da cidade, novo amigo de Geraldo, denuncia a discriminação dos teuto-brasileiros em relação ao seu domínio da língua: “—Ah meu filho, aqui é assim. Quem não souber falar alemão come do duro. Se não fosse promotor, como advogado passava fome” (MOOG, 1987, p. 12). A língua é

---

<sup>80</sup> Alemão padrão ou alemão derivado da norma padrão.

mais um fator de exclusão da cidade, que viria a excluir posteriormente Geraldo, tendo sua passagem pela cidade abreviada.

A sociedade de ginástica de Blumental possuía vasta coleção de livros em língua alemã, valorizando assim a língua e o país de origem, ainda que Geraldo colocasse em cheque a utilização desses mesmos livros para fim de leitura: “Apesar de antigas [as prateleiras com livros], parece nunca terem sido manuseadas” (MOOG, 1987, p. 49).

A língua alemã na cidade de Blumental transcendia a etnia das pessoas, devido à sua força e presença na cidade. Em certo episódio, que até Geraldo Torres considera engraçado, ele escuta uma empregada negra da família reclamar que em certo evento não pode conversar com as outras empregadas: “No jardim duas negras conversam em alemão. O violonista acha graça. Quer saber o que dizem” (MOOG, 1987, p. 47). A língua alemã na sociedade de Blumental era importante nas relações cotidianas sendo falado não apenas pela família Wolff, mas por todos os demais coadjuvantes da trama.

Em *A Asa esquerda do Anjo* há um ambiente similar à obra *Um Rio Imita O Reno*. A cidade fora também colonizada por descendentes de alemães, mas se dá menos ênfase a esse fato, percebendo-se, contudo, a grande presença de alemães na cidade: “Numa cidade cujos habitantes eram na maioria descendentes de alemães, o grupo de “brasileiros”, como os chamávamos, era pequeno entre as louras e rechonchudas crianças de pinturas flamengas.” (LUFT, 2005, p. 19) Se em sociedade o uso da língua alemã era recorrente, a importância do idioma no ambiente familiar era maior, principalmente na presença de Frau Wolf. Apesar de parecer uma regra absurda, o uso da língua alemã era obrigatório para todos da família na presença de Frau Wolf, a qual não consentia em ser tratada em outro idioma.

A família teve como língua materna o idioma alemão e o português usado como segunda língua. A mãe de Gisela, uma luso-brasileira, vinda do nordeste brasileiro, aprendeu o idioma alemão depois de adulta. Apesar das dificuldades de se aprender um idioma na fase adulta, conseguia se comunicar, cometendo, contudo, erros gramaticais. Frau Wolf usava a língua para testar o indivíduo e consentir seu ingresso na família. A obrigação da língua sempre esteve atrelada à figura autoritária de Frau Wolf. Com o passar dos anos, e com a família começando a ter autonomia sobre si própria, o uso da língua e também as antes imutáveis tradições começam a cair em declínio: “O apego às tradições do seu país também está se frustrando, meus primos já não falam em alemão; agora rapazes não comparecem aos almoços” (LUFT, 2005, p. 61). Com a chegada da

idade adulta, os primos de Gisela começam a abandonar certas práticas, não frequentavam mais os obrigatórios almoços de domingo, as quais estavam sempre atreladas com a obrigatoriedade da prática da língua.

Gisela, personagem principal desta trama, possuía graves problemas de identidade, e um deles era ocasionado pela língua alemã. Seu nome de sonoridade dúbia, podendo ser pronunciado tanto em alemão quanto em português, contribuía para sua identidade líquida<sup>81</sup>, nunca podendo se determinar se era alemã ou brasileira. Gisela atrelou a língua alemã à angustiante presença da avó. Por essa razão sempre conversava com a mãe em português. Sozinhas, as duas eram mais felizes e soltas. Dessa maneira pode se afirmar que o uso da língua estava atrelado ao seu lado infeliz.

Na obra de Kiefer, a família Wolf não fala alemão. Não se pode saber se a família em casa fala o idioma, mas as evidências linguísticas levam a crer que não. Em determinado trecho, Arno e Mário discutem, e o filho xinga o pai, e ele replica em português. O uso da língua alemã, que poderia ser a língua materna, não existe, e sabe-se que o uso do idioma materno se dá em momentos de emoção, pois ele é inerente à identidade do falante. Assim pode se supor e argumentar que a língua alemã já não é utilizada há muito tempo, ou já nem se conhece no meio familiar.

Apesar de a família Wolf não utilizar a língua alemã, Bruno Stein e sua família a utilizam em alguns momentos em casa, seja citando Johann Wolfgang von Goethe, ou como se pode ler na seguinte passagem: “À porta do escritório, rosto pegado no batente, Olga dizia: *Mann, komm essen*<sup>82</sup>” (KIEFER, 1990, p. 97).

A língua aproxima as famílias Wolf/Wolff das obras de Moog e Luft com a Alemanha e, com isso, através dela exercem sua germanidade. A língua, nesses casos, além de essencial para a trama, é apresentada como algo corriqueiro e de berço em *Um Rio Imita o Reno* e impositiva, mas também de berço em *A Asa Esquerda do Anjo*, ou seja, o seu uso influi de certa forma nos acontecimentos. Por ser algo tão natural, isso influi na percepção dos personagens das tramas. A família Wolff fala alemão como qualquer outra família da cidade de Blumental. Não é, entretanto, uma exigência formal e imposta como no livro cronologicamente posterior, *A asa esquerda do Anjo*.

---

<sup>81</sup> Sobre a liquidez dos tempos e da identidade Bauman (2007, p.7) afirma que “as organizações sociais não podem manter por muito tempo, pois se decompõe e se dissolvem mais rápido que o tempo leva para moldá-las.”

<sup>82</sup> “Homem, vem comer.”

A família Wolf, em *Valsa para Bruno Stein*, possui mais um contraste em relação aos seus “parentes” das obras anteriores. O não uso da língua alemã é uma grande quebra de valores, reiterando sua impar sua identidade em relação às outras famílias. A língua é o primeiro e mais visível de todos os símbolos para a manutenção de uma identidade, principalmente em caso de migrações, como foi o caso dos imigrantes alemães em solo brasileiro. Carvalho (2008, p. 26) apud Hall afirma que “A pós-modernidade seria marcada pelo conceito de ‘jogo de identidades’, onde um indivíduo possui uma infinidade de identidades, onde uma se sobrepõe às outras, dependendo da situação que o outro se encontra.” Sendo assim, a família Wolf aqui apresenta uma nova identidade em relação às outras famílias e cria para si um novo padrão de comportamento, alterando a identidade social proveniente, onde os imigrantes falavam alemão, e agora não falam mais.

Ao se tratar a língua como sustentáculo para uma identidade, podemos citar nas obras inúmeros símbolos que fazem parte ou remetem à cultura alemã como elemento para reafirmar uma identidade estrangeira, de um grupo que parece um estar fora de sua *Heimatland*<sup>83</sup>.

#### 4.6 As cidades como cenário

A cidade de Blumental é a representação de uma cidade alemã. Como o próprio título da obra diz, se *Um Rio Imita o Reno* é porque Blumental imita o suprassumo da germanidade. Assim como o Reno é importante para a Alemanha, o rio da cidade é importante para Blumental. A cidade e sua estrutura arquitetônica eram caracterizadas pela arquitetura alemã, predominando as construções de *Fachwerkhäuser*<sup>84</sup>, identificando assim naquela cidade a presença de alemães, e não luso-brasileiros.

Além dessas casas, os letreiros em alemão no estilo gótico deixavam ainda mais evidentes o domínio social dos teuto-brasileiros. Cabe lembrar que era uso recorrente o estilo de escrita gótica na conjuntura política da época do Terceiro *Reich* Alemão<sup>85</sup>, o

<sup>83</sup> Pátria mãe, Terra Natal – Alemanha.

<sup>84</sup> Casas estilo enxaimel, estilo típico da arquitetura alemã. Quedlinburg – Faszinierende Fachwerkhäuser. In: *Deutsche Welle*. 2012. Disponível em: <<http://www.dw.com/de/quedlinburg-faszinierende-fachwerk%C3%A4user/a-16023831>> Acesso em 23 jan. 2016.

<sup>85</sup> Terceiro Reich: Período entre 1933 e 1945 compreendido pela dominação do partido nazista na Alemanha.

que se tentava reproduzir incessantemente. Ademais os elementos externos da arquitetura germânica na cidade, diversos estabelecimentos comerciais da cidade apresentavam uma aura de Alemanha, com pinturas, decorações e música alemã ao fundo. A tentativa de imitar a atmosfera alemã era clara, as pessoas da cidade de Blumental acreditavam ser alemãs, e não brasileiras.

O pensamento do cidadão padrão da cidade era semelhante ou igual ao da família Wolff, havendo até mesmo paradas do partido nacional-socialista na cidade: “O Chefe destaca-se novamente do grupo e, tendo agora a seu lado o porta-estandarte, empunha a bandeira com a cruz suástica, infla o peito e berra: - Heil Hitler!” (MOOG, 1987, p. 26). Além de similitudes arquitetônicas e adjacentes, paradas políticas também aclimatavam a atmosfera de Alemanha Nazista na cidade.

Em *A Asa Esquerda do Anjo* a narrativa é centrada no ambiente familiar, e de modo denso, tanto que há poucos detalhes sobre a cidade. Apenas se pode comprovar que é uma cidade colonizada por alemães, visto que grande parte dos personagens falava o idioma alemão, sendo Frau Wolf sempre atendida em alemão em qualquer estabelecimento que visitava e Gisela, estudava em uma escola com ensino de língua alemã. Apesar disso, não há outros indícios de que a cidade respirava a pompa germânica nas mesmas proporções de Blumental.

Na obra *Valsa para Bruno Stein*, a cidade de Pau D’Arco<sup>86</sup>, recorrente nas obras de Charles Kiefer, é uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, colonizada por alemães. A história se passa predominantemente no meio rural do município, com o meio urbano sendo pano de fundo apenas para uma cena. A zona rural de Pau D’Arco é marcada pelo marasmo social e econômico. Há pouca perspectiva, tanto para os Sem-Terra que passam pela região quanto para os parentes de Bruno Stein, assim como para os empregados da olaria e a própria família Wolf. A única possibilidade para os moradores era o centro da cidade, onde poderiam encontrar alguma diversão, tentando quebrar a monotonia e mesmice do ambiente. Pau D’Arco é descrita como uma terra sem perspectivas e monótona. Fora a trama dentro da família de Bruno Stein, não havia nada significativo acontecendo na cidade.

As três cidades analisadas apresentam traços de uma Alemanha em diferentes formas. Blumental é a representação pomposa e estereotipada de uma Alemanha rica e

---

<sup>86</sup> A cidade fictícia de Pau D’Arco aparece em diversas obras de Charles Kiefer, como também em *Os Ossos da Noiva* (1991), onde a história se passa basicamente no meio urbano.

bonita que remete apenas à riqueza, beleza e superioridade. Tudo na cidade remete a uma cidade romântica como Rothenburg ob der Tauber, com a riqueza dos príncipes da Bavária e preservando as tradições dentro de seus muros.

Já a cidade de *A asa esquerda do Anjo* é apenas uma cidade comum, colonizada por alemães. Não há descrição de uma pompa exagerada de cidade alemã, mas sem esconder seus resquícios trazidos pelos colonizadores.

Pau D'Arco é a representação de uma cidade que se aproxima da uma na Alemanha antes de 1871, onde havia muita pobreza e grandes migrações em massa em busca de locais mais prósperos: “Verônica largou os talheres no prato e anunciou: vou estudar em Porto Alegre” (KIEFER, 1990, p. 147). A saída da neta de Bruno é o reflexo da falta de perspectivas da cidade e do meio rural. Sua saída representa não apenas a busca pela formação superior, mas a saída de uma inércia sem fim, o que representava o meio rural.

Novamente há semelhanças entre *Um Rio Imita o Reno* e *A Asa Esquerda do Anjo*, as quais descrevem o meio urbano povoado por descendentes e imigrantes teuto-brasileiros. Mais uma vez *Valsa para Bruno Stein* se distancia das demais obras, narrando o marasmo do meio rural, mas também habitado por descendentes e imigrantes teuto-brasileiros.

#### **4.7 O lar e o íntimo**

Para continuar falando sobre cultura e símbolos germânicos, é preciso analisar as casas das famílias. O lar é o local mais íntimo de uma família, é onde esse grupo de pessoas pode se sentir à vontade: “Georges Duby conclui: Na realidade a família é o primeiro refúgio em que o indivíduo ameaçado se protege durante os períodos de enfraquecimento do Estado. Mas assim que as instituições políticas lhe oferecem garantias suficientes, ele se esquiva da opressão da família e os laços se afrouxam” (ARIÈS, 1981, p 145). A assertiva de Airès afirma que a família deve ser o local de refúgio, e conforto, por conseguinte. Entretanto nem sempre o indivíduo consegue se livrar da opressão da família, como se evidencia nas obras literárias analisadas.

Uma casa de família geralmente é organizada e ornamentada de acordo com a personalidade dos habitantes da mesma, ou de acordo com as opções de uma pessoa que

está à frente deste grupo, que aceita ou não as sugestões dos demais. Essa falta de abertura aos demais membros em escolhas triviais podem refletir maiores opressões e ser também apenas o início de uma gama de repressão maior.

Além de adornos físicos, a casa era o local onde a família expressava, ou deveria expressar seus sentimentos. A casa deveria ser um reduto seguro pra aprendizado e acolhimentos das pessoas próximas. Entretanto nem sempre as pessoas encontravam esse conforto necessário no seu reduto.

A casa de Frau Marta era apenas mais um reduto do nacional-socialismo na cidade, visto que ela seguia, na maioria, o pensamento da ideologia fascista encabeçada pelo *Führer*. Os temas alemães na casa da família Wolff eram motivo de orgulho para Frau Wolff, e com eles tentaria impressionar primo Otto, que viria diretamente da Alemanha para o Brasil.

Os Wolff costumavam se reunir na casa de Frau Marta, a fim de realizar reuniões familiares, como almoços aos domingos, e conversar sobre os acontecimentos da cidade. A família se mantinha unida e homogeneizada graças aos tradicionais almoços de domingo. Em certo almoço de domingo Frau Wolff sentenciava: “[...]Não admito esse namoro [com Geraldo]. É preciso que saibas desde já, se não queres um inferno dentro de casa... Vamos cortar isso pela raiz” (MOOG, 1987, p. 93). Assim, mantinha a família homogeneizada, mesmo sem a devida ternura familiar, mantendo um ambiente à mercê do medo.

Das poucas cenas que acontecem na casa, há poucos momentos de alegria plena. A casa dos Wolff é um ambiente de discussões conturbadas e sentimentos à flor da pele. Ao ser proibida de se encontrar com Geraldo, Lore desaba: “Uma onda de sangue subiu à cabeça de Lore. Saiu correndo para o quarto, as lágrimas represadas nos olhos” [...] (MOOG, 1987 p. 111-112). Sentimentos que muitas vezes levam a discussões políticas acirradas com os visitantes, assim se refere Marta a Doutor Stahl “- Na Alemanha com suas teorias, o senhor seria expulso ou internado num manicômio – sustentou Frau Marta.” (MOOG, 1987, p. 113). Em prol da Alemanha Nazista, Marta faz um comentário ofensivo a Stahl, havendo pouca preocupação com o bem estar alheio. A atmosfera da casa sempre retoma alguma discussão, havendo pouca paz.

Em *A Asa Esquerda do Anjo*, a família Wolf está rodeada por símbolos germânicos em toda a parte, principalmente na casa de Ursula Wolf, transformando-se um reduto da aristocracia “alemã” na cidade. Nessa casa a família se reunia todos os



finais de semana e também três vezes ao longo da semana para o café, além de festas de criança que ela considerava terríveis. Essas reuniões evidenciavam o descontentamento de Gisela: “Também se davam festas de crianças nesta casa. Eram horríveis, e eu sofria dias antes na expectativa de suportá-las. [...] Tias, primas e outras parentas fazendo comparações entre as crianças: Fulana engordou, sicrana cresceu, Anemarie está linda e Gisela sempre tão miúda. (LUFT, 2005, p. 25-26). A repetição e a comparação injusta eram mais um catalisador da dor psicológica de Gisela, sempre mantida abaixo da média, pois nem mesmo as festividades eram válvulas de escape para sua vida.

Além de histórias contadas por Frau Wolf, que levavam os presentes a pensarem em uma distante Alemanha, os objetos manuseados na ocasião eram trazidos do velho continente: cristais, bebidas, porcelanas, utensílios domésticos retratavam reuniões familiares com a atmosfera germânica. Esse sentimento de germanidade em casa era motivo de orgulho para Frau Wolf, mas motivo de piada para tio Stefan.

Já na obra de Kiefer, a família Wolf possui apenas o sobrenome na sua casa. Em nenhum momento se mostra qualquer símbolo alemão, na descrição da casa desta família. A família, sendo coadjuvante é mostrada em poucos momentos, e em nenhum há qualquer objeto da cultura germânica presente na casa.

Por serem personagens secundários, os traços de personalidade da família Wolf não são detalhadamente descritos na narrativa, mas diferem muito de Frau Marta e Ursula Wolf. Almerinda Wolf, por exemplo, expressava seus sentimentos em seus momentos na trama, e os expressava caso necessário, quando Arno Wolf aparecia bêbado: “Logo viram Arno meter-se entre as árvores, não sem cair e levantar duas ou três vezes antes de atingi-las sob a saraivada de golpes e gritos de Almerinda.” (KIEFER, 1987, p. 93).

Gabriel, ao retratar a família Wolf, a descreve diferenciando-as, tanto das famílias da presente obra, e também das outras obras.

Reconsiderou: não sou negro. Mas para os alemães era como se fosse. A família Wolf era diferente. Mário acaso se importara em levá-lo à sua casa, em convidá-lo a entrar e jantar? Dona Almerinda não conversava com ele com naturalidade, depois de passada a raiva pelo marido bêbado? Chegara a pedir desculpas pelo escândalo. Ela é que devia desculpá-la pela intromissão. (KIEFER, 1987, p. 95).

O empregado da olaria, ao descrever o ambiente daquela família, naquele determinado momento mostra o quão diferente dos outros alemães e das outras famílias Wolf eles

eram. Não guardavam resquícios de mágoa, não escondiam os sentimentos, e eram sempre capazes de perdoar, assim como Mario perdoara Erandi pela briga no carnaval.

Mais uma vez podemos notar facilmente as semelhanças entre os dois primeiros romances e uma discrepância com o terceiro. Enquanto os dois primeiros ambientam suas casas com inúmeros símbolos e objetos de origem alemã, e tinha uma atmosfera sentimental nebulosa, a família do terceiro livro é desprovida de quase qualquer alusão à Alemanha em referências ao lar, à casa, e a família vivia sem uma mútua agressão dos sentimentos.

Pode-se observar que tanto na casa, quanto na cidade nos romances de Moog e Luft a germanidade não dá opção de fuga, ou seja, está sempre presente, não há uma possibilidade de fugir desse ambiente. A casa é mais um reduto de germanidade, caso a cidade não seja suficiente para manter uma germanidade inerente às pessoas, a casa relembra que o ambiente é bastante diferente daquilo que se espera encontrar, quando se pensa o Brasil, mas é apenas um ambiente artificial para manter essa identidade escolhida.

Já na obra de Kiefer há uma quebra desse paradigma. A casa em que a família Wolf mora é de longe marcada pela pompa alemã anterior. A morada da família nessa obra é diferente das demais. Não possui a mesma riqueza nem badalação, e os traços de germanidade aparecem apenas como traços, sendo que parecem ter sido esquecidos com o tempo e alguns hábitos mudados. E os símbolos germânicos apenas pertencem aos mais velhos, ou ainda podem apenas remeter a uma Alemanha falida. Entretanto o lar dos Wolf em Kiefer é um ambiente mais saudável e calmo, não havendo opressão ou repressão por parte dos membros.

#### 4.8 A questão sanguínea

Outro aspecto importante a ser observado na obra é a questão do sangue alemão. Até meados dos anos 2000<sup>87</sup>, a Alemanha utilizava o *jus sanguinis*<sup>88</sup>, ou seja,

---

<sup>87</sup> Beauftragte für Migration, Flüchtlinge und Integration Sie sind hier: Staatsangehörigkeit. in: *Bundesregierung*. Disponível em: <<http://www.bundesregierung.de/Content/DE/StatischeSeiten/Breg/IB/Einbuengerung/gp-optionsmodell.html>> Acesso em 25 jan. 2016.

<sup>88</sup> Jus sanguinis: Direito de sangue. É o princípio pelo qual uma nacionalidade pode ser reconhecida a um indivíduo de acordo com sua ascendência.

considerava quem era alemão através da relação sanguínea. A partir desse direito criava-se um perfil alemão, mesmo fora das terras alemãs. Deter a nacionalidade alemã seria possível, portanto, mesmo que a pessoa nascesse fora da Alemanha, em qualquer parte do mundo. Dessa maneira, sangue alemão aproxima-se da germanidade e da identidade alemã.

A família Wolff, em *Um Rio Imita o Reno*, é fundamentada em preceitos básicos do *nacional-socialismo*, como a eugenia, a supremacia da cultura alemã. Nesse contexto são criados os filhos e assim são pautadas as ideias na família, principalmente por parte de Marta Wolff.

Seguindo as regras da política nazista, a família proíbe o relacionamento de Lore Wolff com Geraldo Torres, uma relação que não chega a se consolidar de fato, pois arma-se uma rápida estratégia para que isso seja nada apenas que um devaneio. Tal proibição resulta na tristeza de Lore, deixando-a em lágrimas: "Podemos ir agora. Mas antes tens que assumir o compromisso de não dançar nem falar com o engenheiro. [...]" Uma onda de sangue subiu à cabeça de Lore. Saiu correndo para o quarto, as lágrimas represadas nos olhos [...]" (MOOG, 1987: p. 111, 112). Para finalizar seu ato de fúria contra as outras etnias, na conversa com Doutor Stahl, Frau Marta esbraveja: "– Eu, se pudesse, mandava enforcar todos os judeus." (MOOG, 1987, p. 112).

Marta Wolff se orgulhava de ter casado com um alemão e se orgulhava de ser uma descendente de sangue puro alemão; nesse caso, sentia-se uma verdadeira alemã, segundo as leis sanguíneas. Toda a vida da família pautada na lei de eugenia do sangue alemão é interrompida pela notícia do primo de seu marido, que, fugido da Alemanha, traz para a família a informação que a família Wolff tinha um bisavô judeu. O detalhe que havia sido fundamental para o posicionamento político da família, e que determinou o andamento da trama, foi imprescindível para determinar a queda do pedestal do orgulho de Frau Wolff, pois agora sangue da família já não podia mais ser chamado de "puro".

A família Wolf, em *A asa Esquerda do Anjo*, parece seguir de perto as ideias da família Wolff, de *Um Rio Imita o Reno*. A família inteira, com exceção da mãe de Gisela, tinha origem alemã, visto que na origem da colonização alemã no Rio Grande do Sul, os imigrantes tendiam a permanecer em seus respectivos grupos étnicos. Segundo Schreiner (1996), a vida dos primeiros imigrantes alemães era de isolamento devido às

distâncias e precariedade nos meios de comunicação, mantendo-se assim isolados de outras etnias até determinado momento que essa barreira pudesse ser quebrada.

A entrada da mãe de Gisela na família havia sido de fato conturbada. Frau Wolf nunca aceitara realmente a entrada de uma nordestina na família e isso havia deixado ambas convivendo em uma situação de desconforto, em estado de paz forçada:

- Vovó, você gosta de minha mãe?  
Sem hesitar, mas sem dar muita atenção ela respondia:  
- Claro, Gisela. Ela não é a mulher do meu filho?  
Depois eu fazia a pergunta inversa a minha mãe, dessa vez em português ela retrucava:  
- Mas claro, Gisela, ela não é a mãe do meu marido?  
Uma vez, descobrindo minha manobra, as duas riram de mim: Não é que eu tinha mesmo ideias engraçadas? (LUFT, 2005, p. 42)

Pode-se notar que a reciprocidade é falsa, pois nenhuma das duas realmente diz que gosta uma da outra. Frau Wolf nunca aceitaria uma nordestina luso-brasileira de cabelos crespos fazer parte da família. No fundo de seus pensamentos odiava a nora.

Em outro momento, Gisela havia sido chamada branca ariana com postura superior por seus colegas de aula: “[...] vocês vivem no Brasil e dizem que a Alemanha é melhor! E querem ser mais que a gente!” (LUFT, 2005, p. 20). Ainda que não tivesse ciência dos fatos, tais acusações, juntamente com seus problemas identitários, a levaram às lágrimas. Tal acusação poderia apenas ser uma acusação vaga de algum aluno, mas abre margem para interpretações, pois o comportamento de sua família, em especial de sua avó, compactuaria com as acusações, levando a crer de várias maneiras que a avó seguia uma doutrina nacional-socialista, pois, por exemplo, preferia a prima Anemarie, loira e sangue “puro” à Gisela, a primeira da família a não ter o sangue “puro”.

Ainda que a família não toque no assunto da eugenia, a pureza do sangue alemão era uma questão implícita. Gisela sempre se sentia mal quando falava de sua aparência, com a qual não era satisfeita. Sua família impôs um padrão de beleza baseado na aparência da prima Anemarie: loira, alta, magra, de olhos claros. Gisela possuía também um sentimento de culpa por ser diferente e feia, sentia que era um fruto podre e híbrido de um relacionamento não bem visto pela avó. Essa busca pela relação com pessoas de mesma origem fez com que Gisela tivesse um namorado teuto-brasileiro. Para ela, tudo levava a crer que tal relação poderia ser mais bem vista pela sua avó.

Assim, a questão do sangue alemão teve muita influência na vida e nas decisões de Gisela. Toda a questão de seu hibridismo, tanto biológico, quanto identitário se dá

pela questão *juis sanguinis*. Ele se torna uma pessoa singular na sua família, e busca compreender sua identidade, o que é bastante complicado, pois pela aparência não consegue se identificar como luso-brasileira e nem como teuto-brasileira, não havendo uma definição. “Aquele terra me intrigava: verão perpétuo, o contrário do inverno do Sul que me deixava encolhida e infeliz, geada estalando sob os pés, no jardim de manhã cedo. Geada embalsamando nossas almas” (LUFT, 2005, p. 37). Mas essa identidade, nordeste brasileiro, onde mãe havia nascido, estava a quilômetros de distância, impossibilitando uma identificação real.

A família Wolf, em *Valsa para Bruno Stein*, não era regida pela lei sanguínea. A família Wolf, no romance, não retrata qualquer tipo de conjuntura que retrate a família como o sangue e linhagem sendo algo de grande importância. A pequena família teuto-brasileira não possuía qualquer aparente rusga com os personagens e os cidadãos da cidade, e em especial com os não teuto-brasileiros. A pobre família não exaltava nem diminuía suas origens e seu sangue alemão, mas apenas não dava a importância para a abertura de um debate.

Em certa altura da trama, Mário Wolf entra em conflito físico e verbal com Erandi, o outro empregado da olaria de Bruno. Na noite de carnaval, eles e Gabriel vão ao centro da cidade para se divertirem, mas os ânimos se acirram, culminando em uma briga e também troca de injúrias raciais e entre Erandi e Mário Wolf: “- Alemão de bosta! – retrucou o outro agressivo. – Cala a boca negro sujo – exasperou-se Mário, agarrando Erandi pela camisa e puxando-o para si, ameaçador.” (KIEFER, 1990, p. 136) Apesar de ser dito no calor do momento, a injúria de fato existe, mas ela só existiu nesse determinado momento, em meio ao consumo de álcool.

No próximo encontro dos dois, eles se pedem desculpas pelo ocorrido, temendo perderem seus empregos, e esquecem-se do acontecido. O racismo existe realmente e ele é expresso em momentos de raiva, como o da cena descrita acima. Ainda que seja evidenciado racismo, ele é inerente da cultura: “O racismo insinuou-se não só nas estruturas sociais, formas de propriedade e modos de produção medievais, feudais e capitalistas, mas também como os valores e tradições através dos quais os povos dessas épocas compreenderam os seus mundos e suas experiências<sup>89</sup>” (ROBINSON, 1983, p. 107), assim como outros preconceitos que apenas são reproduzidos e não pensados, e

---

<sup>89</sup> No original: “Racism insinuated not only medieval, feudal, and capitalist social structures, forms of property, and modes of production, but as well the very values and traditions of consciousness through which the peoples of these ages came to understand their worlds and their experiences.” Tradução nossa.

nesse caso colocaria o racismo dos Wolf como mera reprodução de termos que estão presentes na cultura. Não se trata do mesmo racismo de Marta Wolff que estudava os termos para aprimorar seus conhecimentos sobre o tema: “[Marta] fazia um esforço para concentrar a atenção na leitura de *Der Mythos des zwanzigsten Jahrhunderts*<sup>90</sup>, de Rosenberg” (MOOG, 1987, p. 182).

Como anteriormente as duas primeiras famílias se assemelham muito nessa questão. A primeira família, em *Um Rio Imita o Reno*, leva a sério a questão sanguínea, pois se consideravam alemães, e não brasileiros. Por essa razão, havia uma necessidade nesse sentido de preservar o sangue puro, proibindo qualquer relacionamento com não teutos.

A família Wolf em *A asa Esquerda do Anjo* sinalizava uma simpatia pelo regime nazista, pois até mesmo Gisela não se considerava de sangue puro: “[...] e comigo o sangue Wolf deixara de ser absolutamente ‘puro’” (LUFT, 2005, p. 13). Pode não acontecer diretamente, mas que as situações em que a família se encontrava eram deveras semelhantes com o regime segregador do Terceiro *Reich*. É notável que na família além de se falar apenas alemão, não havia, com exceção da mãe de Gisela, nenhum integrante que não fosse teuto-brasileiro.

Já a família Wolf, em *Valsa Para Bruno Stein*, não possuía tais regras, e seu convívio étnico com os demais era pacífico e não excludente. Apesar do caso isolado de injúria racial ocorrido com Mário Wolf, a família em si não remetia ao mesmo comportamento das famílias dos romances anteriores, pois ao contrário dessa família, as demais estabeleciam a cultura do racismo de maneira pré-estabelecida e calculada, friamente pensada.

#### 4.9 A questão socioeconômica

Finalizando a análise comparativa das famílias, falaremos a respeito da condição socioeconômica. A situação socioeconômica de cada família resulta em uma série de comportamentos.

Analisaremos primeiro a família Wolff, de *Um Rio Imita o Reno*. Trata-se da família mais rica da cidade de Blumental, e com seu poderio econômico conseguia

---

<sup>90</sup> *O mito do século XX*. Escrito na década de 1930 é um dos principais ícones ideológicos do Partido Nazista Alemão.

comprar posses, bens materiais, e influência política. A família era dona do curtume mais lucrativo da cidade e assim podia comprar tudo de mais extravagante, caro e luxuoso.

O poder aquisitivo da família facilitava o acesso a materiais importados da Alemanha, e a capacidade de influência que essa germanidade poderia exercer em suas vidas, mesmo sendo esses materiais meramente decorativos, como pratos, como o busto de Hitler, ou cultural e informativo, como revistas e jornais alemães.

Lore estudara dois anos na Alemanha. O período de estudos de Lore na Alemanha representa além do poder aquisitivo da família uma questão de *status*. Sendo a cidade um reduto de germanidade, e em alguns casos tentando imitar o sistema político alemão, família considerava importante o intercâmbio acadêmico para manter Lore a par do sistema sociocultural alemão.

A família era sócia do *Turnverein*<sup>91</sup> e como tal tentou usar a sua influência para barrar a entrada de Geraldo Torres como sócio do clube. Apesar da tentativa, apenas os Wolff e os Kreutz votaram contra a entrada de Geraldo no *Turnverein*. O irmão de Lore é o líder de uma manobra ainda mais ousada, ao arquitetar a saída de Geraldo da cidade. Ele procura diretamente o prefeito, buscando assim a consolidação da saída forjada e forçada a partir da interrupção das obras na barragem, deixando de beneficiar inúmeras pessoas, principalmente trabalhadores da cidade de Blumental. Tal atitude deixa inclusive sua própria irmã doente de febre tifoide.

A riqueza da família permitia, além de compra de posses e de extravagâncias, também a conquista de influência e a manutenção da própria vontade, apesar de isso estar apenas nas entrelinhas do texto. Esses luxos, exercidos em favor de certas ideologias e do próprio conforto, permitiram à família Wolff controlar determinadas situações da cidade.

A família Wolf, em *A asa Esquerda do Anjo*, tinha uma condição socioeconômica semelhante à da família anterior. A família Wolf possuía empresas altamente lucrativas. Não se tem detalhamento da riqueza da família ao longo da obra, mas os responsáveis dessas empresas viajavam muito, levando a crer que necessitavam dessas viagens para manter a grandeza e o lucro.

---

<sup>91</sup> Turnverein: Sociedade de Ginástica. Clube Social da cidade de Blumental em *Um Rio Imita o Reno*.

A família teve inúmeros problemas ao longo da narrativa, entretanto nenhum destes estava relacionado ao lado financeiro. O dinheiro lhes proporcionava luxo, e nunca trouxe problemas, apenas alimentava a germanidade e o bem-estar do clã Wolf. O dinheiro trouxe apenas respaldo ou medo perante as loucuras cometidas por Ursula Wolf. Por ser influente e por ter tanto dinheiro era apenas atendida em alemão nos estabelecimentos da cidade.

Já a família Wolf em *Valsa para Bruno Stein* era modesta e pobre. Um dos membros da família era um trabalhador braçal assalariado e seus pais eram agricultores que não almejavam voos altos e nem pretendiam algo muito diferente.

A condição socioeconômica da família a deixava em situação subalterna. Em nenhum momento a família se encontra em condição de liderança, desta forma a família estava na base da pirâmide econômica e social da cidade e da trama, juntamente com os demais personagens pobres, e apenas Bruno Stein e sua família estando um nível acima dos demais. Na sua casa não havia luxos nem extravagâncias, pois o dinheiro era pouco. Mário Wolf havia combinado limpar um açude inteiro de Bruno para receber apenas 1/3 dos peixes provenientes do local para, desta forma, aumentar um pouco a sua renda. Tal fato é determinante para solidificar a condição subalterna e pobre da família.

As duas primeiras famílias se equivalem, portanto, em termos financeiros. Seu poderio econômico pode comprar luxos e riquezas e até mesmo influência política, enquanto a família Wolf, em *Valsa para Bruno Stein*, vive de maneira totalmente contrária nesse aspecto. Enquanto a família Wolff, em *Um Rio Imita o Reno*, podia influenciar o prefeito a mandar um morador da cidade embora, Frau Wolf, em *A Asa Esquerda do Anjo*, conseguia ser atendida sempre em alemão. Em outro plano, a pobre família Wolf, em *Valsa para Bruno Stein*, aceitava as miseráveis condições que lhes eram impostas, parecendo estar do outro lado, ao lado do proletariado empregados das grandes empresas das famílias Wolf em *Um Rio Imita o Reno* e *A Asa Esquerda do Anjo*.

O dinheiro podia facilitar na preservação das aparências nas duas primeiras famílias, mas o mesmo não acontecia com a última. A família Wolf, em *Valsa para Bruno Stein*, vive em um regime de poucos recursos e não ostentava a riqueza das outras famílias, sendo esse talvez o principal fator para a perda de uma germanidade, pois o a falta de acesso não lhe permitia essa busca das tradições.



A falta de poder aquisitivo pela última família Wolf, pode representar uma mudança nos cenários sociais dos colonizadores europeus na América Latina e em especial no Brasil. Trata-se de uma época em que ocorre uma grande alta dos juros e de desvalorização da moeda no país e que levou muitos pequenos agricultores, especialmente descendentes de imigrantes a perderem suas terras. Tal temática é amplamente desenvolvida nas obras de Charles Kiefer. A falta de poder aquisitivo em contrapartida com as outras famílias é uma subversão à riqueza alcançada pelos demais. Nessa última obra, a família Wolf mostrada como uma família pobre desconstrói o conceito, apresentado nas obras anteriores, de que os descendentes de alemães têm uma vida financeira confortável.

#### **4.10 O lobo sai aos poucos de sua alcateia**

As três obras trazem dois perfis diferentes de família, e elas aparecem cronologicamente por ordem de publicação. Em suma, as duas primeiras famílias se encaixam em um perfil e a terceira família se encaixa em um totalmente diferente.

As duas primeiras famílias têm o perfil de família rica, urbana tradicional descendente de alemães. Essas famílias possuem negócios na cidade e muito dinheiro e influência política. Já a terceira família possui um perfil camponês pobre em condição subalterna na sociedade.

O perfil das duas primeiras famílias ainda mantém as tradições culturais germânicas trazidas pelos antepassados e há uma clara tentativa de mantê-las, atualizando-se sempre com mídias trazidas da Europa. Já a segunda família não possui mais qualquer resquício de germanidade no seu seio familiar.

Podemos dizer que a família Wolf que perpassa as obras sofre uma evolução de comportamento durante essa jornada entre essas três obras. Há naturalmente uma mudança, pois não se tratam dos mesmos romances nem dos mesmos autores. Mas a mudança evidencia uma evolução nesse comportamento.

A família em *Um Rio Imita o Reno* em termos gerais é conduzida pelo fascismo capitalizado de Frau Marta. Assim, ela conduz sua família. A família em *A Asa Esquerda do Anjo* evolui para um fascismo ainda mais denso e doloroso, guiado por Frau Wolf e sua necessidade incontrolável de reviver a Alemanha. Assim há uma

evolução no quesito quantidade e aumento desses fatores. Em relação à condição financeira, há uma semelhança, pois ambas são ricas, e o dinheiro nunca foi o problema para elas, mas uma solução para a manutenção da germanidade. A família em *Valsa para Bruno Stein*, entretanto, é mais aproximado de um perfil de camponês pobre sem apego às tradições. Esse apego às tradições perdeu-se aparentemente pelo fato de elas terem se tornado desnecessárias, pois a subsistência e a sobrevivência se manteve mais importante. Sendo assim, a adaptação dos cidadãos foi mais importante que certas manifestações culturais.

Concluindo, pode-se afirmar que a terceira família tem uma mudança proposital substancial e explícita de comportamento. Há uma clara subversão nos valores e o nome não seria uma simples coincidência, mas sim um sinal da existência de múltiplos tipos de imigrantes alemães no Brasil.

## 5. Considerações Finais

Buscamos analisar através do *corpus* desse trabalho a representação da família Wolf na literatura brasileira. Analisamos a família através dos símbolos que a permeiam e como esse processo influencia a sociedade e como ele se/a desenvolveu. Procuramos examinar, de maneira comparativa, além das semelhanças superficiais, como o sobrenome em comum, estruturas e similitudes recorrentes e pertinentes dessas famílias.

Sabemos que o que permeia essas famílias é a germanidade inerente entre as duas primeiras famílias (em Luft e Moog) e a ausência desse elemento na terceira (em Kiefer). Analisamos o comportamento das famílias e seus símbolos, colocando-as em paralelo, a fim de pensar como ocorrem essas semelhanças e os motivos das diferenças também.

Para uma análise mais precisa, buscamos esmiuçar através de bases teóricas as questões mais pertinentes das obras, e como elas se encaixam na questão familiar, tentando assim explicar esses aspectos, nas quais estão presentes germanidade, símbolos alemães e *status* social.

Podemos dividir as três famílias em dois grupos. As duas primeiras famílias, que estão em Moog e Kiefer constituem um grupo, no qual a família preserva as tradições germânicas e é abastada economicamente. O outro grupo é composto pela família Wolf na obra de Kiefer, a qual, além de ser coadjuvante na obra, é pobre e praticamente não possui resquícios de germanidade, além de possuir poucos membros e não refletir sobre ou transparecer questões de poder e dominação na família.

Bourdieu nos elucidou como ocorrem os sistemas de poder nas famílias. O primeiro grupo é formado por duas líderes. Ainda que o mesmo autor atente para a dominação masculina inerente à sociedade, as líderes refletem figuras masculinas de autoridade e usam a família para o bem próprio, tomando decisões sem consultar os demais presentes.

No romance *Um rio imita o Reno*, de 1938, de Vianna Moog, a família é claramente nazista e aristocrata. Ela “mancha” seu *status quo* e seus pilares caem apenas quando lhes é revelado que na verdade ela também tem sangue judeu.

No romance *A asa esquerda do Anjo*, a família “Wolf” segue um padrão de comportamento semelhante à família “Wolff”, do romance anterior. Ambientada em um

período posterior à Segunda Guerra Mundial, a família se utiliza de nazismo disfarçado em casa. A obra também mostra certa decadência dos valores familiares, e os atrela a valores e tradições germânicos, que aos poucos também vão se deteriorando.

A família Wolf nas duas primeiras obras é baseada no comportamento familiar e na sua instituição “família” sustentada pelas matriarcas Frau Wolff/Frau Wolf. Essa família segue o exemplo da anterior e reitera a ideia da figura do imigrante/descendente teuto-brasileiro e sua figura de alguém sério e aristocrata, ainda que esses valores comecem a ser subvertidos ao final dessas tramas.

A última família Wolf presente nessa linha do tempo, na obra de Charles Kiefer, *Valsa para Bruno Stein*, retrata uma família Wolf com grandes diferenças em relação à questões culturais, comparada com as famílias anteriores. *Valsa para Bruno Stein* descreve as famílias alemãs presentes no romance de maneira que a germanidade e os valores de família tradicional alemã já estejam ausentes. A instituição família já não é semelhante aos romances anteriores, sendo suas características díspares dessas.

Podemos evidenciar que as famílias, as duas primeiras, são caracterizadas por valores familiares tradicionais e de germanidade. Eles se valem de sua germanidade para uma resistência social, pois dentro desse grupo, ele está seguro, ele consegue se identificar, e o contato com outras culturas seria a princípio complicado, pois implicaria em compreender uma nova cultura e uma nova identidade.

Entretanto, essas famílias abdicam gradativamente dos valores analisados. Já a terceira família inicia sem esses valores, ela se encontra em outro momento socioeconômico. Essa terceira família já não possui mais esses valores, pois já não se vale mais da germanidade para algum tipo de proteção social e familiar.

As famílias alemãs vindas ao Brasil eram excedentes populacional e também emigraram por se encontrarem em estado de pobreza. No Brasil, muitas começam a enriquecer e até a se assemelhar ao modo de vida das famílias tradicionais e burguesas tanto de origem alemã, quanto brasileira. Dessa maneira estruturaram-se as famílias ricas desse *corpus*.

Podemos notar também como as famílias tiveram uma relação anacrônica com a historiografia alemã. A família Wolf em Moog, que é proveniente de imigrantes pobres alemães, e a família Wolf em Luft não tem sua origem social descrita, mas vive em boas condições socioeconômicas em toda a trama, e vivem como os aristocratas alemães do

século XIX. Já a família Wolf, em Kiefer, vive como viveria uma família pobre na Alemanha no período antes da colonização alemã.

É inevitável pensar sobre uma mudança de comportamento da população ao longo dos anos, pois nada fica engessado a ponto de se manterem iguais. A mudança ocorre de maneira gradual, pois há, e sempre haverá, contato com o mundo, com o meio atuando sobre o ser, e o ser levando sua contribuição para o meio.

Um dos principais fatores para o esfacelamento de algumas tradições alemãs é explicada pelo hibridismo cultural inerente no Brasil, que, por ser um receptor de inúmeras culturas ao longo do tempo através da migração, possui uma identidade híbrida. Diversos elementos heterogêneos formam essa cultura, o que podemos ver através de teóricos como Bauman (2007) e Hall (2000), que tratam da liquidez e do hibridismo respectivamente, onde o meio se transforma constantemente, abrigando a diferença e reorganizando-se constantemente.

Os alemães vindos ao Brasil conseguiram preservar parte de sua cultura através de símbolos que trouxeram da Alemanha, mas eles mesclaram-se com elementos da cultura brasileira, ou dando espaço através da substituição. Os símbolos, como Woodward (2014) aponta, são responsáveis pela identificação e manutenção de uma identidade. Chevalier (1986) ainda aponta que eles são responsáveis por essa preservação devido a sua importância para um determinado grupo.

Em suma, as famílias do primeiro grupo, sempre orientadas por uma Frau Wolf, tentam não perder suas ligações com a Alemanha e a mantêm através de seus grupos sociais, como amigos e a própria família manter as tradições germânicas, inserindo a cultura de qualquer forma a elas, para que esteja assim preservada. Entretanto há o encontro com a cultura brasileira e também o gradual distanciamento da Alemanha, causa uma mudança constante nessas tradições ou até mesmo perdendo certas tradições da cultura alemã. Por essa razão, esse modelo de família vai se perdendo, causando uma deterioração dessas estruturas, não apenas pela mudança dos hábitos, mas também pela liquidez em que a sociedade se encontra, como elucida Bauman.

A terceira família, por sua vez, já é representada com as características que representariam a decadência das famílias anteriores. Não possui relações com a Alemanha, apenas o sobrenome, e vive uma família nuclear pequena, que caracteriza, ou seja, a família na obra de Charles Kiefer pode mais facilmente apresentada como brasileira do que alemã, devido ao seu descompromisso com a cultura alemã. Se as

famílias das obras anteriores iniciam o processo de deterioração e sua decadência e a perda de todos os valores já analisados, a família Wolf em Kiefer é apenas seu reflexo, sua continuidade.

## 6. Bibliografia

AIRÈS, Phillippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

AQUINO, Ivânia Campigotto. *A representação do imigrante alemão no romance sul-rio-grandense: A divina pastora, Frida Meyer, Um rio imita o Reno, O tempo e o vento e A ferro e fogo*. 2007. Tese (doutorado em literatura) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de; RENAUX, Maria Luiza. Caras e Modos dos migrantes e imigrantes. IN: *História da Vida Privada no Brasil*. v.2. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

ASSIS BRASIL, Luiz Antônio de. *Videiras de Cristal*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BLUME, Sandro. *Cemitérios das colônias alemãs: elementos escultóricos como indicativo de prosperidade econômica e mobilidade social*. In: XIX SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO, 2010. Migrações: Mobilidade social e espacial. São Leopoldo: Oikos, 2010. 1 CD-ROM.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. O germano e os Ritter a serviço do nacionalsocialismo – propaganda e reapropriação política da imagem dos germanos e dos cavaleiros medievais na Alemanha dos anos 40. In: *Revista Brathair 14*. Online. Disponível em <<http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair>> Acesso em 5 jan. 2016

BROCKHAUS. *Brockhaus Enzyklopädie*. Mannheim: F.A. Brockhaus, 1994

BUNDES REGIERUNG. *Beauftragte für Migration, Flüchtlinge und Integration Sie sind hier: Staatsangehörigkeit*. in: Bundes Regierung. Disponível em: <<http://www.bundesregierung.de/Content/DE/StatischeSeiten/Breg/IB/Einbuengerung/gp-optionsmodell.html>>

CARTA CAPITAL. O que é o Estatuto da Família? In: *Carta Capital*, 2015. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-que-e-o-estatuto-da-familia-6160.html>> Acesso em 10 jan. 2016

CENTRO DE APOIO A PESQUISAS E ENCONTROS FAMILIARES. Registro Histórico do Imigrante Alemão Johann Nikolaus. In: *Centro de Apoio a Pesquisas e Encontros Familiares*. 2009. Online. Disponível em: <<http://www.genealogiacapef.com.br/index.php/br/publicacoes-das-familias/59-wolf-no-brasil>> Acesso em 24 jan. 2016.

CHAVALIER, Jean. *Diccionario de los Símbolos*. Barcelona-ESP: Hardner, 1986.

COMERLATO: Fabiana. As representações rupestres do estado de santa catarina, brasil. In: *Revista Ohun – Revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA Ano 2, nº 2, outubro 2005*.

CUNHA, João Manuel dos Santos. “Amores Expressos”: nacionalismos supressos?”. *Especial Estudos de Literatura Comparada*. Lorena, São Paulo: FATEA, 2012. Disponível em: <<http://www.fatea.br/seer/index.php/angulo/article/viewFile/1068/842>> Acesso em 14 jan. 2016.

DEUTSCHE WELLE. Asylpolitik In Stichpunkt. In: *Deutsche Welle*. Bonn: Deutsche Welle, 2014. Online. Disponível em <<http://www.dw.de/asylpolitik-in-stichpunkten/a-18040458>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. Ao longo do Reno. In: *Deutsche Welle*. Online. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/not%C3%ADcias/ao-longo-do-reno/s-100541>> Acesso em 28 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. 1933: Grande queima de livros pelos nazistas. In: *Deutsche Welle*. 2015. Online. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/1933-grande-queima-de-livros-pelos-nazistas/a-834005>> Acesso em 22 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. Casas estilo enxaimel, estilo típico da arquitetura alemã. Quedlinburg – Faszinierende Fachwerkhäuser. In: *Deutsche Welle*. 2012. Online. Disponível em: <<http://www.dw.com/de/quedlinburg-faszinierende-fachwerkh%C3%A4user/a-16023831>> Acesso em 23 jan. 2016.

DREHER, Martin. *190 Anos de Imigração Alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças*. São Leopoldo: Oikos, 2014.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a História da Família Imigrante no Rio Grande do Sul. In: SCOTT; CARDOZO; LEAL; SILVA (orgs.) *História da Família no Brasil Meridional: temas e perspectivas*. São Leopoldo: Oikos, 2014. (p. 291 - 316)

\_\_\_\_\_. *Família, Morte e Sentimentos Reflexões sobre História Social na Alemanha posterior à Reforma e suas evidências nas áreas de imigração do Rio Grande do Sul*. In: DREHER, Martin. Migrações: Mobilidade Social e Espacial. XIX Simpósio de História da Imigração e Colonização. São Leopoldo: Oikos, 2010. (p. 367-380)

ELIAS, Norbert. *Os Alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.



ETTE, Ottmar. *Konvivenz. Literatur und Leben nach dem Paradies*. Berlin: Kadmos, 2012.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global Editora, 2003.

GAZETA DO POVO. Curitiba tem restrições a imigrantes. In: *Gazeta do Povo*. 2014. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/curitiba-tem-restricoes-a-imigrantes-ef5y39we97iy7bmkexrwkz0we>> Acesso em 13 jan. 2016.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais. Morfologia Histórica*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

GLOBO.COM. Trump diz que deportará todos os imigrantes ilegais dos EUA, se eleito. In: *Globo.com*. Rio de Janeiro: Globo.com, 2015. Online. Disponível em <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/08/trump-diz-que-deportara-todos-os-imigrantes-ilegais-dos-eua-se-eleito.html>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. Número de imigrantes cresceu 86,7% em dez anos no Brasil, diz IBGE. In: *Globo.com*. 2012. Online. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/04/numero-de-imigrantes-cresceu-867-em-dez-anos-no-brasil-diz-ibge.html>> Acesso em 14 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. Moradores de Pariquera preservam cultura alemã e apostam na seleção. In: *Globo.com*. 2014. Online. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/06/moradores-de-pariquera-preservam-cultura-alema-e-apostam-na-selecao.html>> Acesso em 17 jan. 2016.

GREGORY, Valdir. *Imigração Alemã no Brasil*. Online: Disponível em: <<http://www.kas.de/wf/doc/10985-1442-5-30.pdf>> Acesso em 16 fev. 2016.

GRIMM, Jacob, GRIMM, Wilhelm. *Deutsches Wörterbuch von Jacob und Wilhelm Grimm*. 16 Bde. in 32 Teilbänden. Leipzig 1854-1961. Quellenverzeichnis Leipzig 1971. Online-Version vom 23.07.2015.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HERÉDIA, Vania. *A IMIGRAÇÃO EUROPÉIA NO SÉCULO PASSADO: O PROGRAMA DE COLONIZAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL*. In: Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona, 2001. Disponível em <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-94-10.htm>> Acesso em 13 jan. 2016

HEINE, Heinrich. *Das Loreleylied*. In: Buch der Lieder. Berlin: Hermann Seemann Nachfolger, 1998.

HOBBSAWM, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. Págs. 9-23.

HUBER, Valburga. *A Literatura da imigração alemã e a imagem do Brasil*. Online. disponível em: <[http://www.letras.ufrj.br/liehd/media/docs/art\\_valb2.pdf](http://www.letras.ufrj.br/liehd/media/docs/art_valb2.pdf)> Acessado em 30 de abril de 2015.

INSTITUTO DE MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS. Projeto Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral. In: *Instituto De Migrações E Direitos Humanos*. Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos, 2014. Disponível em <<http://www.migrante.org.br/index.php/migracao-haitiana2/252-projeto-estudos-sobre-a-migracao-haitiana-ao-brasil-e-dialogo-bilateral>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

KIEFER, Charles. *Os Ossos da Noiva*. Barueri. Amarylis, 2010.

\_\_\_\_\_. *Valsa para Bruno Stein*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

\_\_\_\_\_. *Quem faz gemer a terra*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

LEVY, Maria Stella Ferreira. *O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 A 1972)*. In: *Revista Saúde Pública*. São Paulo: Editora USP. (p. 49-90), 1974.

LEXICON, Herder. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Cultrix, 1990.

LUFT, Lya. *A asa esquerda do Anjo*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

\_\_\_\_\_. *Reunião de Família*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. Trad. de P. M. Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINY, Carina. Uniões estratégicas: uma família que se fez elite. In: DREHER, Martin. *Migrações: Mobilidade Social e Espacial. XIX Simpósio de História da Imigração e Colonização*. São Leopoldo: Oikos, 2010. (p. 315 – 327).

MARYNISSEN, Ann; NÜBLING, Damaris. Familiennamen in Flandern, den Niederlanden und Deutschland – ein diachroner und synchroner Vergleich. In: *Kontrastive Germanistische Linguistik*. Antje Dammel / Sebastian Kürschner / Damaris Nübling (Hrsg.) Georg Olms: Hildesheim, Zürich, New York 2010 (p. 311-360).

MIDIACIDA. *Os pomeranos: um povo sem Estado finca suas raízes no Brasil*. In: *Midiacida.org*. Disponível em <<http://midiacida.org/os-pomeranos-um-povo-sem-estado-finca-suas-raizes-no-brasil/>> Acesso em 10 jan. 2016.

MOURA, Nathali Ramos. Gisela ou Guisela: A família e a construção de identidade em a “Asa Esquerda do Anjo, de Lya Luft. In: *Anais do Seminário Nacional Mulher e Literatura/V Seminário Internacional Mulher e Literatura*. Online: Disponível em: <[http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/nathali\\_ramos.pdf](http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/nathali_ramos.pdf)> Acessado em 30 de abril de 2015.

MOOG, Vianna. *Um rio imita o Reno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

MOMBACH, Clarissa. *A representação da cultura brasileira teuto-gaúcha na literatura sul rio-grandense contemporânea*. 2008. Dissertação (Mestrado em literatura comparada) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

NEUMANN, Gerson Roberto. *Perder a terra – perder tudo. O sentimento de perda constante na obra ‘Quem Faz Gemer a Terra’, de Charles Kiefer*. In: Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo – Dossiê nº 10, Setembro de 2012. Online. Disponível em <<http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie10/>> Acesso em 16 fev. 2016.

OKTOBERFEST BLUMENAU. A maior festa alemã brasileira. In: *Oktoberfest Blumenau*. 2015. Disponível em: <<http://www.oktoberfestblumenau.com.br/oktoberfest/historia>> Acesso em 14 jan. 2016.

PÖLS. *Deutsche Sozial Geschichte 1*. Band. München: C.B. Heck, 1973.

PUIG, OLIVES J. Prólogo a la edición Castellana. In: CHAVALIER, Jean. *Diccionario de los Símbolos*. Barcelona-ESP: Hardner, 1986.

PUPP SPINASSÉ, Karen. Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo. In: *Conexão Letras*, v. 3. 2008. (p. 125-140).

REVISTA EXAME. *Quem vai suceder Jorge Gerdau?* In: Revista Exame: 2006. Disponível em <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/863/noticias/quem-vai-suceder-este-homem-m0081031>>. Acesso em 10 jan. 2016.

ROBINSON, Cedric J. *Black Marxism*. Carolina do Norte (EUA): University North Caroline Press, 1983.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Do Contrato Social*. Online. Disponível em: <[www.jahr.org](http://www.jahr.org)> Acesso em 20 dez. 2015.

SAMOYAULT, Tiphaine. *A intertextualidade: memória da literatura*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SCHNEIDER, Norbert F.. *Was ist Familie? Eine Frage von hoher gesellschaftspolitischer Relevanz*. In: Bundeszentrale für politische Bildung: 2012. Disponível em <<http://www.bpb.de/politik/grundfragen/deutsche-verhaeltnisse-eine-sozialkunde/138023/was-ist-familie>> Acesso em 10 de jan. 2016.

SCHREINER, Renate. *Entre ficção e realidade: a imagem do imigrante alemão na literatura do rio grande do sul*. Lajeado, Santa Cruz do Sul, FATES, UNISC, 1996.

SCHÜTZE, Yvonne. Konstanz und Wandel. Zur Geschichte der Familie im 20. Jahrhundert. Benner, Dietrich [org.]; Tenorth, Heinz-Elmar [org.]: *Bildungsprozesse*

*und Erziehungsverhältnisse im 20. Jahrhundert*. Weinheim : Beltz 2000, S. 16-35. - (Zeitschrift für Pädagogik, Beiheft; 42).

SENA, Adriana Vieira de. *A melancolia em A Asa Esquerda do Anjo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal-RN. 28 de março de 2008.

SEYFERTH, Giralda. *A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica*. In: “Os alemães no sul do Brasil”. Canoas-RS: Editora da Ulbra, 1994.

SEYFERTH, Giralda. *A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade*. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 149-197, jul./dez. 2004.

SILVA, Thomaz Tadeu da; WOODWARD; Katrin; HALL, Stuart. *Identidade e Diferença. As perspectivas dos estudos culturais*. Porto Alegre: Editora Vozes, 2012.  
SOUZA, Jessé. *Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 12(1): 69-100, maio de 2000.

TARTUCE, Flávio. *Novos princípios do direito de família brasileiro*. In: Temas atuais do Direito de Família. Online, disponível em: <[www.ambitojuridico.com.br](http://www.ambitojuridico.com.br)>. Acesso em 15 mar. 2016.

TERUYA, Mariasa Mayra. *A família na historiografia brasileira. Bases e perspectivas teóricas*. Online. Disponível em <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/A%20Fam%EDlia%20na%20Historiografia%20Brasileira....pdf>> Acesso em 16 mar. 2016.

UOL. Conheça o brasileiro que tem o dobro da fortuna de Eike Batista. In: *UOL Economia*. São Paulo, 2013. Online. Disponível em <<http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/02/15/ex-tenista-brasileiro-mais-rico-multiplica-fortuna-com-grandes-negocios.htm>> Acesso em 10 jan. 2016.

VAVRA, Elisabeth. *Familie: Ideal und Realität*. Berger: Horn, 1993.

VERWANDT.DE Verteilung des Familiennamens Wolf in Deutschland. In: *Verwandt.de*. 2016. Disponível em: <<http://www.verwandt.de/karten/absolut/wolf.html>> Acesso em 24 jan. 2016.

VON DER HEYDE, Claudia Binker; SCHEUER, Helmut. *Familienmuster – Musterfamilien. Zur Konstruktion von Familie in der Literatur*. Peter Lang: Frankfurt am Main, 2004.

WOLFF Cristina S.; FLORES, Maria Bernardete Ramos. A Oktoberfest de Blumenau: turismo e identidade étnica na invenção de uma tradição. IN: SEYFERTH, Giralda. *Os Alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história*. Canoas: Editora da Ulbra, 1994.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. *Identidades e memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do atlântico*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 6, n. 14, p. 205-238, nov. 2000.

ZERO HORA. Charles Kiefer discute sua obra e fala sobre o porquê de ter assumido a função de retratar o minifúndio alemão no RS. In: *Zero Hora*, 2013 Porto Alegre. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2013/05/charles-kiefer-discute-sua-obra-e-fala-sobre-o-porque-de-ter-assumido-a-funcao-de-retratar-o-minifundio-alemao-no-rs-4148409.html>> Acesso em 6 de março 2016.